

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

KEITIANY SILVA BRITO

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO EM CONTEXTO ESTRANGEIRO

GOIÂNIA-GO
2020

Processo:

23070.007773/2020-41

Documento:

1353745



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Keitiany Silva Brito

3. Título do trabalho

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTEXTO ESTRANGEIRO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Processo:

23070.007773/2020-41

Documento:

1353745

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **KEITIANY SILVA BRITO, Discente**, em 29/05/2020, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vania Cristina Casseb Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 29/05/2020, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1353745** e o código CRC **8E85CAC1**.

Referência: Processo nº 23070.007773/2020-41

SEI nº 1353745

KEITIANY SILVA BRITO

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO EM CONTEXTO ESTRANGEIRO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: LP4 - Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e língua de sinais

Orientadora: Prof. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão

GOIÂNIA-GO
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brito, Keitiany

Uma sequência didática para o ensino do léxico do português
brasileiro em contexto estrangeiro [manuscrito] / Keitiany Brito. - 2020.
CLXIV, 164 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Vânia Cristina Casseb Calvão.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Funcionalismo. 2. Ensino. 3. Sequência Didática. 4. Gênero
poema. 5. Léxico. I. Casseb Calvão, Vânia Cristina , orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **18-2020** da sessão de Defesa de Dissertação de **Keitiany Silva Brito**, que confere o título de Mestre(a) em **Letras e Linguística**, na área de concentração em **Estudos Linguísticos**.

Aos quinze dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte, a partir das 15 horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada **UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTEXTO ESTRANGEIRO**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Vânia Cristina Casseb Galvão (FL-UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Leosmar Aparecido da Silva (FL-UFG)**, membro titular interno, e Professor Doutor **Kleber Aparecido da Silva (UnB)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Vânia Cristina Casseb Galvão**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos

quinze dias do mês de maio do ano de 2020.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Vania Cristina Casseb Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 18/05/2020, às 14:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 18/05/2020, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monica Veloso Borges, Vice-Coordenadora de Pós-graduação**, em 19/05/2020, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1326554** e o código CRC **696A5A62**.

KEITIANY SILVA BRITO

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO EM CONTEXTO ESTRANGEIRO

MEMBROS DA BANCA DE DEFESA

TITULARES

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (Presidente)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva
Universidade de Brasília (UNB)

SUPLENTE

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Dedico esta dissertação à minha mãe pelo apoio incondicional à minha vida acadêmica. E a todos os italianos e brasileiros vítimas do Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus que me trouxe para Goiânia-GO, que esteve comigo em todos os momentos me livrando do perigo, e fez a minha caminhada nesses anos ser muito agradável e feliz, que nos poucos momentos difíceis me fez lembrar que estar aqui foi a melhor escolha que já fiz nesses trinta e três anos de vida.

À minha mãe, Francisca Silva Brito, que sempre me incentivou, acreditou em mim, que mesmo com saudades, me dá forças para eu permanecer aqui e seguir na carreira acadêmica. Ela me inspira como educadora.

À minha orientadora Professora Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão, que me adotou no 2º semestre da graduação (2014), que me desafia a ser sempre melhor, me respeita, me mostra o quão humana ela é. Ela me inspira a ser uma profissional completa. Este trabalho é nosso.

Ao meu namorado, Andesson Brito Nascimento, que sempre esteve do meu lado me apoiando, financeiramente, emocionalmente e sempre carinhosamente, agora seremos dois mestres.

Ao Professor Dr. Leosmar Aparecido da Silva, um amigo que sempre esteve disposto a me ajudar nas pesquisas acadêmicas, obrigada por ser um membro desta banca de defesa de dissertação.

Ao professor Dr. Kleber Aparecido da Silva por ser um profissional admirável, e aceitar fazer parte desse momento.

Às minhas amigas-irmãs que ficaram em Macapá-AP, Rosinete Santos, Tailana Corrêa, e aos amigos Rauny Santos e Rodrigo Santos.

À Universidade Federal de Goiás, que me acolheu e como uma mãe, me deu casa, comida, me ensinou a ser forte e a querer sempre o melhor. Eu estudo na melhor universidade do Centro-Oeste.

Aos professores da Faculdade de Letras (minha querida FL) meus mestres, meus doutores preferidos, os mais dedicados professores que eu poderia sonhar em ter, nunca mediram esforços para ajudar, auxiliar e ensinar esta amapaense. Meu eterno muito obrigada.

Aos meus amigos unidos pela FL, unidos pela professora Vânia, meus amigos do Grupo de Estudo Funcionalista, obrigada por sempre estarem dispostos a me estender a mão, ajudando a aprender sempre um pouco mais.

Aos meus amigos da Casa do Estudante Universitário 5. A CEU 5 foi a minha casa por 4 anos e vocês foram a minha família colorida em Goiás, em especial a Barbara e a Snaron, minhas colegas do quarto 32.

A três grupos de pessoas, aqui representadas pelo Marcio, técnico da Biblioteca Central da UFG, Larissa, auxiliar da equipe de reprografia e a Luciana da coordenação da FL/UFG. O sorriso de vocês melhorou os meus dias.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e a concretização de um sonho, ser mestre em linguística pela Universidade Federal de Goiás.

Agradeço ao universo que me colocou aqui e me possibilitou ter o privilégio de frequentar uma universidade. Se eu me formo mestre em Letras e Linguística é pelo fato de ter tido oportunidades, e ter podido abraçar cada uma delas.

[...] a linguagem é um processo contínuo
que só termina com a morte.

(ANDALÓ, 2000, p. 47)

RESUMO

Esta dissertação traz uma proposta de Sequência Didática para o ensino de Português Brasileiro para falantes estrangeiros, mais especificamente, para alunos italianos em contexto de aprendizagem universitária. A proposta é ensinar o léxico do português brasileiro, com ênfase no dialeto goiano, falado no estado de Goiás, no Centro-Oeste do Brasil. Para isso selecionamos textos do gênero poema do autor goiano Gilberto Mendonça Teles, que servirão de suporte para o desenvolvimento das nossas aulas. Os textos constam do livro “Os Melhores Poemas”, de 1993. A proposta é constituída de seis aulas, ministradas durante três encontros. As aulas seguem a metodologia de sequência didática com um viés funcionalista, pois parte de textos circulantes no dia-a-dia da sociedade e são exemplos de língua em uso. A noção de sequência didática traz grande contribuição no processo de ensino-aprendizagem, devido as suas características diagnóstica, planejada, avaliativa e progressiva, e também reforça a nova formação do aluno de maneira abrangente, lhe permitindo participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. O público-alvo da sequência didática são os alunos de português brasileiro de universidades italianas. Os principais autores que embasam a teoria funcionalista nesta pesquisa são: Pezatti (2011), Martelotta (2015), Cunha (2016), Casseb-Galvão e Neves (2017). Os autores que embasam a proposta de sequência didática são: Dolz e Schneuwly (2004), Zabala (1998). Os autores que embasam uma proposta de sequência didática de base funcionalista são: Duarte (2015), Casseb-Galvão (2011; 2015) e Casseb-Galvão e Duarte (2018). Esta dissertação faz parte do trabalho do grupo de pesquisa GEF – Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás. E se insere no projeto Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo (CNPq: Edital Universal/2014-2017, Processo 460859/2014-5), mais especificamente, no REDE - Itália.

Palavras chave: Funcionalismo. Ensino. Sequência Didática. Gênero poema. Léxico.

ABSTRACT

This dissertation presents a Didactic Sequence proposal for the teaching of Brazilian Portuguese to foreign speakers, more specifically to Italian students in the context of university learning. The aim is the teaching of Brazilian Portuguese lexical, and emphasizes the goiano dialect, spoken in the state of Goiás, in the Midwest of Brazil. We selected poems from a goiano author, named Gilberto Mendonça Teles, for the development of our classes. The poems were extracted from the book “The Best Poems”, 1993. The proposal consists of 6 classes, taught during three meetings. The classes were developed according the methodology of didactic sequence with a functionalist bias, and it starts from circulating texts in everyday life of society and are examples of language in use. The concept of didactic sequence brings relevant contribution in the teaching-learning process, due to its diagnostic, planned, evaluative and progressive characteristics, and also reinforces the student's new formation in a comprehensive way, allowing him to actively participate in the teaching-learning process. The target audience of the didactic sequence are students of Brazilian Portuguese from Italian universities. The main authors that support the functionalist theory in this research are: Pezatti (2011), Martelotta (2015), Cunha (2016), Casseb-Galvão and Neves (2017). The authors that support the didactic sequence proposal are: Dolz and Schneuwly (2004), Zabala (1998). The authors who support a functionalist-based teaching sequence proposal are: Duarte (2015), Casseb-Galvão (2011; 2015) and Casseb-Galvão and Duarte (2018). This dissertation is part of the work of the research group GEF – Grupo de Estudos Funcionalista of the Universidade Federal de Goiás. It is part of the project Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao redor do mundo (CNPq: Edital Universal / 2014-2017, Process 460859 / 2014-5), more specifically, in REDE - Italy.

Key-words: Functionalism. Teaching. Didactic Sequence. Poem genre. Lexicon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Sequência Didática	28
Figura 02 – Slide 01.....	69
Figura 03 – Slide 02	70
Figura 04 – Slide 03.....	71
Figura 05 – Slide 04.....	73
Figura 06 – Slide 05	74
Figura 07 – Slide 06.....	75
Figura 08 – Slide 07.....	77
Figura 09 – Slide 08.....	78
Figura 10 – Slide 09.....	80
Figura 11 – Slide 10.....	81
Figura 12 – Slide 11.....	82
Figura 13 – Slide 12.....	83
Figura 14 – Slide 13.....	85
Figura 15 – Slide 14.....	86
Figura 16 – Slide 15.....	87
Figura 17 – Slide 16.....	88
Figura 18 – Slide 17.....	89
Figura 19 – Slide 18.....	90
Figura 20 – Slide 19.....	91
Figura 21 – Slide 20.....	93
Figura 22 – Slide 21.....	94
Figura 23 – Slide 22.....	95
Figura 24 – Slide 23	106
Figura 25 – Slide 24.....	107
Figura 26 – Slide 25.....	108
Figura 27 – Slide 26.....	109
Figura 28 – Slide 27.....	110
Figura 29 – Slide 28.....	111
Figura 30 – Slide 29.....	112
Figura 31 – Slide 30.....	113
Figura 32 – Slide 31.....	114
Figura 33 – Slide 32.....	116
Figura 34 – Slide 33.....	117
Figura 35 – Slide 34.....	118
Figura 36 – Slide 35.....	119
Figura 37 – Slide 36.....	120
Figura 38 – Slide 37.....	122
Figura 39 – Slide 38.....	123
Figura 40 – Slide 39.....	125
Figura 41 – Slide 40.....	126
Figura 42 – Slide 41.....	127

Figura 43 – Slide 42.....	128
Figura 44 – Slide 43.....	129
Figura 45 – Slide 44.....	140
Figura 46 – Slide 45.....	141
Figura 47 – Slide 46.....	142
Figura 48 – Slide 47.....	143
Figura 49 – Slide 48.....	144
Figura 50 – Slide 49.....	145
Figura 51 – Slide 50.....	146
Figura 52 – Slide 51.....	148
Figura 53 – Slide 52.....	149
Figura 54 – Slide 53.....	150
Figura 55 – Slide 54.....	151
Figura 56 – Slide 55.....	152
Figura 57 – Slide 56.....	153
Figura 58 – Slide 57.....	154
Figura 59 – Slide 58.....	155
Figura 60 – Slide 59.....	156

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Amplitude Do Vocabulário.....	36
Quadro 02 - Domínio Do Vocabulário	37
Quadro 03 – Correção Gramatical.....	38
Quadro 04 - Macroestrutura da sequência didática.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
 CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTOS DA PROPOSTA	
1.1.A teoria funcionalista e o ensino de língua	17
1.2.Apresentação da metodologia de ensino via sequência didática.....	25
1.3. O ensino do léxico.....	30
1.4. O Português como língua estrangeira.....	31
 CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-DISCURSIVA	
2.1.Considerações sobre Gilberto Mendonça Teles	45
2.2.O gênero poema como ferramenta de ensino de língua (estrangeira)	48
2.3. O contexto italiano.....	52
 CAPÍTULO 3 - A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
3.1.Desenvolvimento da sequência didática: metodologia em sala de aula.....	57
3.2. Planos de aulas.....	61
3.3. 1ª Etapa: Apresentação e Diagnóstico.....	62
3.4. 2ª Etapa: Desenvolvimento do conteúdo.....	98
3.5. 3ª Etapa: Aprimoramento e avaliação.....	133
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 159
REFERÊNCIAS.....	161

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma proposta de sequência didática para o ensino de português brasileiro em contexto universitário italiano. A proposta constitui-se de 6 aulas divididas em três encontros. Essa proposta de sequência didática de português brasileiro está centrada no dialeto goiano, falado no estado de Goiás, no Centro-Oeste do Brasil.

Esta sequência didática foi pensada para o ensino de português brasileiro ao redor do mundo, sendo possível sua aplicação em diversas comunidades que estudam esta língua. No entanto, ela foi pensada para estudantes universitários de português brasileiro, haja vista que é um produto do projeto "Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo", mais especificamente do projeto REDE/Itália, que está na sua segunda fase e ocorre em parceria entre a Universidade Federal de Goiás e universidades italianas (2018/2023), como a Università Del Salento, Università D'Annunzio e Università Roma Tre. O projeto REDE tem entre seus objetivos fomentar o ensino de português brasileiro no exterior, especialmente em universidades parceiras.

A primeira fase do projeto REDE/Itália deu-se no período de 2014-2017, quando esta proposta começou a ser delineada. Trata-se de um produto vinculado ao Grupo de Estudos Funcionalista (GEF), sediado na Faculdade de Letras da UFG, e que já está em sua segunda fase. A parceria do GEF com a Itália deu a essa segunda fase o título "O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguístico" (fase II- aplicação). Atualmente, o projeto REDE/Itália envolve universidades italianas (Unich, Unisalento, Unipi, Roma Tre, Unint) e brasileiras (UFG, UEG, UnB, UFMt-Barra do Garças) e prevê ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação. No REDE/Itália, os resultados de pesquisas descritivistas são fomentadores de ações de ensino do Português Brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e língua de herança no contexto universitário italiano.

O projeto REDE/Itália enfoca o Português contemporâneo falado no Brasil, e devido ao seu grande enfoque na fala goiana elegemos uma importante obra literária do estado de Goiás como fonte para o ensino do léxico.

Para isso, selecionamos textos do gênero poema do autor goiano Gilberto Mendonça Teles como base para o desenvolvimento de uma sequência didática voltada para os estudos do léxico. Os textos constam no livro "Os Melhores Poemas" de 1993, seleção de Luiz Busatto. Este livro, como o nome diz, é a reunião dos melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles, selecionados a partir da visão de Luiz Busatto.

As aulas seguiram a metodologia de sequência didática (ZABALA, 1998) a partir da perspectiva teórica funcionalista do ensino de língua (CASSEB-GALVÃO; DUARTE, 2017), pois, devido às características mencionadas anteriormente, se considera que essa ferramenta contribui grandemente no processo de ensino-aprendizagem e formação do aluno. Os alunos graduandos de universidades italianas, interessados em aprender o português brasileiro são o nosso público-alvo. Pretende-se introduzir novos conhecimentos a respeito do léxico da língua portuguesa do Brasil, analisando as escolhas lexicais que constituem os poemas de Gilberto Mendonça Teles, trazendo uma demonstração de como o brasileiro faz as suas escolhas lexicais em contextos específicos. Abordaremos também a formação de léxico no português, mostrando que língua, cultura e cognição estão interligadas a favor da comunicação.

A sequência didática é uma metodologia que pretende contribuir para a formação desses alunos, constituindo-se de um conjunto estruturado de métodos e conteúdos para o desenvolvimento de aulas em qualquer disciplina. Alguns desses conceitos serão introdutórios, a fim de fornecer um conjunto mínimo de conhecimento da língua. Com o objetivo de agregar informações do português brasileiro a alunos estrangeiros, propusemos um curso prático visando contribuir para que não sejam somente aulas prescritivas, mas aulas que envolvem aspectos sociais, culturais, geográficos da língua-cultura a fim de situar o aprendente no contexto de interação construídos nos poemas de Teles, o que envolve também as peculiaridades da região onde os poemas estão enunciativamente construídos.

A sequência será dividida em etapas que possibilitem o aprendizado das quatro habilidades básicas necessárias para ser falante de uma língua: ler, compreender, escrever e falar. Mas irá propor conhecimentos que envolvem cultura e forma de pensar do enunciador. Compreende-se que se trata do ensino de uma língua estrangeira, por isso, o tratamento dado ao aprendizado é diferenciado em relação a um falante nativo, motivo pelo qual demos ênfase em um produto cultural-literário, assim como vídeos e músicas que apresentam a cultura e a língua de forma dinâmica e atualizada.

Queremos com este trabalho, além de desenvolver, nos universitários italianos, as habilidades de ler, compreender, escrever e falar, promover o ensino da língua portuguesa brasileira, e enfatizar os diferentes aspectos da formação lexical existente no território brasileiro.

Outro ponto, importante no desenvolvimento do ensino de línguas, é diferenciar a linguagem falada da linguagem escrita. Deixaremos claro que existe uma língua considerada culta que segue uma norma padrão e serve de parâmetro para a língua escrita. Esta norma padrão deve ser levada em consideração no ensino de línguas em qualquer contexto. Nessa dissertação,

linguagem falada e linguagem escrita são tratadas como um continuum, não de forma dicotômicas, ou seja, estão relacionadas e interconectadas.

Esta proposta de sequência se ocupa de fazer um plano de ensino com qualidade, pesando na formação dos alunos, perpassando pelo conhecimento da língua até a cultura do povo goiano. A aprendizagem eficaz e consciente é o nosso principal objetivo, por isso, busca-se que, ao final, os alunos estejam aptos a pôr em prática o que aprenderam, a fim de que consigam demonstrar o conhecimento da língua e da cultura brasileira.

A sequência didática é uma metodologia diferenciada, assim como outras metodologias, requer um trabalho criterioso por parte dos professores, trata-se de um método de trabalho muito eficaz, pois possibilita o diálogo entre as partes envolvidas. Essa sequência didática foi proposta para ser apoio ao professor de português como língua estrangeira e enriquecer a sua prática.

Assim, essa sequência contribui para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Conhecer o léxico do português brasileiro pode despertar o interesse de estrangeiros em visitar o Brasil, pode fortalecer a cultura local, o espírito de nacionalidade, e até ajudar a construir novos intercâmbios. A sequência didática aqui proposta favorecerá professores, alunos, comunidade estrangeira e local. Sabe-se que são objetivos grandiosos, mas, por meio do ensino de língua, são possíveis de serem alcançados, levando em consideração que o ensino de língua estrangeira sugere o alcance desses objetivos.

Essa dissertação tem objetivos que se confundem com os objetivos da sequência didática aqui proposta, por isso, queremos enfatizar os três principais objetivos deste texto: primeiro, apresentar uma proposta de sequência didática para o ensino de português brasileiro como língua estrangeira; segundo, ensinar português brasileiro para universitários italianos, e, terceiro, ampliar o vocabulário lexical dos aprendentes. É nesse viés que embasamos nossa pesquisa e mostramos sua relevância científica como ferramenta de promoção linguística e da cultura do povo goiano. Para isso, fazemos uso dos textos literários com seu aparato linguístico, cultural e social para promover o ensino de língua, contribuindo com o trabalho progressivo que é a base para o desenvolvimento da metodologia de sequência didática.

Para cumprir estes objetivos, esta dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo estão os suportes teóricos e a concepção de linguagem que orienta a proposta de sequência didática, e a apresentação de princípios funcionalistas que podem subsidiar o ensino de língua. Em seguida, apresentamos os pressupostos metodológicos e teóricos relativos ao ensino em sequência didática, e como os autores/pesquisadores dessa área conceituam e definem essa metodologia de ensino. A partir dessas definições, nortearmos o desenvolvimento do nosso trabalho com sequência didática.

No segundo capítulo, justificamos a escolha do autor, a escolha do gênero poema, e explicamos o porquê da escolha pelo contexto italiano como foco da nossa pesquisa. Nomeamos a capítulo “Contextualização sócio-histórico-discursiva”, e a cada tópico fazemos uma apresentação e justificamos nossas escolhas: primeiro, apresentamos Gilberto Mendonça Teles, o autor dos poemas selecionados para a sequência didática. Segundo, mostramos a importância do gênero poema como ferramenta adequada ao ensino de língua estrangeira, destacando sua relevância social. E, em terceiro lugar, fazemos a vinculação com o contexto italiano, apresentado a experiência do Grupo de Estudo Funcionalista - GEF e o projeto REDE/Itália, aos quais esta dissertação está vinculada.

No terceiro capítulo, é apresentada a proposta de sequência didática. Primeiro apresentamos a macroestrutura da sequência didática e em seguida estão as três aulas organizadas separadamente. Em cada uma delas tem um plano de aula com todos os elementos que orientam o desenvolvimento da sequência didática.

A título de considerações finais, reforçamos que esta é uma proposta para auxiliar o ensino, e, por meio dela, o professor pode ensinar de maneira produtiva, acrescentando aquilo que considerar importante.

Gostaríamos de ressaltar alguns pressupostos que deverão ser levados em consideração na leitura desta dissertação:

1º - As competências desenvolvidas nessa sequência didática estão previstas no Quadro Comum Europeu de Referências para línguas.

2º - O ensino de português na Itália relaciona língua, literatura e cultura.

3º - O conhecimento do léxico é um importante fator de aprendizado de língua.

Esta dissertação resulta de um trabalho investigativo, especialmente na seleção teórica e na escolha do gênero e do autor, mas é voltada para a prática didática cotidiana, por isso a sequência didática é parte de um processo maior, de um constante fazer que é a formação escolar (no caso, universitária). Por hora, destacamos as contribuições da sequência didática para a formação da autora desta dissertação, para o ensino de língua portuguesa, para o grupo de estudos GEF, para o Projeto REDE-Itália e para os futuros pesquisadores desta área de conhecimento.

CAPÍTULO 1- FUNDAMENTOS DA PROPOSTA

Neste capítulo, apresentamos alguns pressupostos teóricos que orientam a proposta de sequência didática, alocada no terceiro capítulo. Na seção, “A teoria funcionalista e o ensino de língua”, evidenciamos a corrente teórica à qual se filia a proposta e também fazemos um breve histórico de sua constituição e apresentamos suas contribuições para o ensino de língua.

Tratamos também de algumas noções de ‘sequência didática’, com o intuito de situar o leitor a respeito dessa metodologia de ensino. Recorremos a alguns autores de orientação funcionalistas, como, Pezatti (2011), Cunha e Tavares (2016), Casseb-Galvão e Neves (2017), e a autores que têm pesquisado sobre a metodologia de sequência didática, como, Zabala (1998), Dolz e Schneuwly (2004), Lousada (2010) e Duarte (2015). Eles mostram o que é funcionalismo e como se faz e/ou como poderia se desenvolver uma sequência didática de viés funcionalista em sala de aula de ensino de língua.

1.1 A teoria funcionalista e o ensino de língua

Sequência didática é processo e produto pedagógico, é uma atitude didático-metodológica, é um conjunto estruturado harmonicamente visando um determinado produto. Esta dissertação é, portanto, produto de uma pesquisa sobre sequência didática e uma proposta de sequência didática sobre ensino de língua portuguesa a partir de poemas do autor Gilberto Mendonça Teles. Por se tratar de uma proposta para ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, é necessário que se fundamente em uma teoria forte sobre os estudos da linguagem e que seja de base sócio-discursiva. Por isso, a escola teórica que fundamenta esta pesquisa é o Funcionalismo clássico.

Quanto à origem dos estudos teóricos funcionalistas, segundo Pezatti (2011, p. 166), “o paradigma funcional ostenta, na verdade, uma história quase tão longa quanto a do paradigma formal, incluindo-se neste o estruturalismo saussuriano”, pois o Funcionalismo surgiu na década de 1960, com teóricos como Jakobson e Halliday.

Dentre os principais teóricos do Funcionalismo, Roman Jakobson traz os primeiros postulados acerca das seis funções da linguagem: referencial, poética, emotiva, fática, conativa e metalinguística. Outro dos principais nomes do funcionalismo norte-americano é Michael Alexander Kirkwood Halliday, que tratou das metafunções da linguagem e as distinguiu em

três: a função ideacional, função interpessoal e função textual. Halliday é um importante nome para a consolidação da teoria funcionalista.

Outro nome de igual importância para o funcionalismo é Simon Dik o qual contribuiu fortemente com os postulados da teoria, propondo que a interação verbal é uma atividade cooperativa, estruturada em torno de regras sociais, normas ou convenções e mostrando a importância da pragmática para o estudo da linguagem.

A concepção de linguagem funcionalista diferencia-se das concepções formalistas (estruturalismo saussureano e gerativismo chomskyano). Seu principal diferencial é levar em consideração o contexto de produção do discurso, os usos reais da língua e as situações em que a interação acontece, ou seja, nessa perspectiva, a língua é vista como o resultado dos muitos processos de interação pelos quais passa e passou.

Para o Funcionalismo, a gramática da língua tem base cognitiva e perpassa pela mente do falante, é fruto da interação, e é passível de mudança, visto que a língua é dinâmica, fluida, e é construída sociointeracionalmente na mente do falante e da sua comunidade linguística.

A partir do que afirma, Cunha e Tavares (2016) não podemos restringir o ensino de língua com o ensino de gramática tradicional. Uma das premissas da concepção funcionalista diz respeito à gramática. E esta é bem pontual em mostrar a diferença da maneira como a gramática tradicional estuda uma língua e a maneira como a gramática funcional o faz.

Nas palavras de Cunha e Tavares (2016, p. 13-14), “a gramática tradicional é o conjunto de conceitos e categorias derivados dos estudos gramaticais de tradição greco-latina que, há alguns séculos, geração após geração, vêm sendo transmitidos nas escolas de modo degenerado, fragmentário, dogmático, prescritivo e irrefletido.” Nas palavras de Neves (1994, p. 112), a gramática funcional é “uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social”. Neves (1994) mostra que a gramática da língua é construto social do falante, suscetível de mudanças acarretadas pelos usos diários da comunidade que a usa.

A gramática funcional, além de priorizar o estudo da língua em uso, também prioriza o seu estudo por meio de textos, ou seja, a partir da unidade do texto que as expressões linguísticas são contextualizadas, não de forma isolada, a fim de se ter mais subsídios e informações acerca do que está sendo estudado. A gramática funcional colabora, de forma significativa, para o avanço da pesquisa em linguística, pois resulta de pesquisas em *corpora* e dados de fala produzidos na vida real dos falantes.

Em nossa pesquisa e proposta, os pressupostos teóricos relevantes integram o funcionalismo clássico. Segundo Casseb-Galvão e Neves (2017), a perspectiva funcionalista

clássica da linguagem se configura na análise da língua em uso, em seu contexto real, dinâmico e funcional, e considera estarem imbricados no processo interativo o contexto, a seleção e a organização de itens lexicais, além dos princípios relativos à intencionalidade e às bases conceituais compartilhadas pelos interlocutores. Assim, o funcionalismo clássico é uma corrente que procura explicar as regularidades observadas nos usos da língua, sendo um suporte eficiente para o ensino de língua por causa da sua multiplicidade de aplicações.

A aplicação do funcionalismo na metodologia de sequência didática, segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018), baseia-se no entendimento de que é possível intervir na realidade escolar com qualidade, por meio de aulas baseadas em princípios teóricos consistentes e úteis para o professor e que lhe ofereçam aporte metodológico para agir em sala de aula de maneira significativa. Do ponto de vista do aluno, essa intervenção se efetiva na sugestão de atividades produtivas para sua formação intelectual e social, permitindo-lhe participar do seu próprio processo educativo, de modo a compreender criticamente a realidade social, reconhecer diferentes pontos de vista e desenvolver a própria competência argumentativa.

Numa visão funcionalista dos estudos lexicais, Lima-Hernandes (2009), diz que o léxico é entendido como uma “lista finita de formas historiadas e suas possibilidades de combinação”. Para a autora, o léxico de uma língua abarca um conjunto das palavras lexicais e o das palavras gramaticais ou funcionais, termos mais correntes na Linguística. Nos estudos funcionalistas, a distinção entre categorias lexicais e categorias gramaticais deve ser lida em termos de sua gradiência, ou seja, trata-se de compreender que as palavras podem ter multifuncionalidades, podendo transitar ou ocupar a categoria gramatical e a categoria lexical. Desse modo, desenvolver o conteúdo de léxico, envolve compreender a classe da palavra, sua etimologia e também os processos sincrônicos e diacrônicos na formação de palavras. E o que pretendemos enfocar como sequência didática se propõe a tratar de classe de palavras lexicais ou abertas, partindo do léxico encontrado nos poemas do autor Gilberto Mendonça Teles.

Esses postulados são apropriados ao estudo e aplicação de uma sequência didática, visto que nosso objetivo é construir o conhecimento de maneira dialógica, o que não poderíamos fazê-lo senão por meio de uma teoria de ensino cuja concepção de linguagem diga respeito à funcionalidade da língua, e de igual maneira o ensino da língua baseado na utilização de textos, trazendo, além do vocabulário, o contexto cultural.

Esta proposta de sequência didática é um trabalho importante para o processo de conhecimento da língua em uso, para a valorização da identidade do falante goiano, além de destacar uma variedade do português brasileiro, relevante para o estudo do léxico.

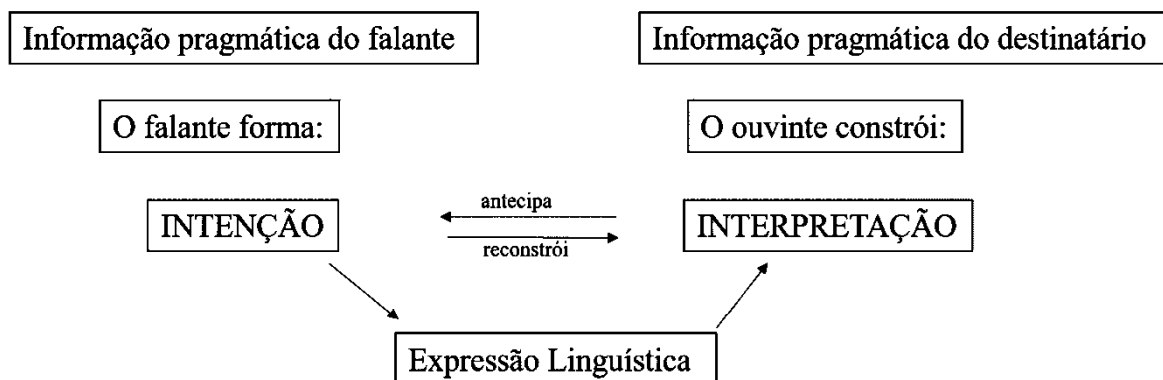
Destacam-se, neste trabalho, as peculiaridades da fala goiana por meio dos poemas de Gilberto Mendonça Teles, enfatizando as contribuições do autor e do gênero para o ensino de português brasileiro. Esse destaque vai ao encontro do que Martelotta (2015, p. 174) apresenta quanto à relevância do pensamento funcionalista para estudos sócio-discursivos da língua.

O funcionalismo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como instrumento de interação social e, segundo, porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. O funcionalismo admite que um grande número de fenômenos linguísticos é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico.

O ensino de língua pressupõe o estudo da interação social, visto que esta pode influenciar diretamente na fala de quem interage. Nesse sentido, esta pesquisa e sequência didática estão baseadas no suporte e na perspectiva funcionalista. A interação social e os contextos em que se dão as interações são aspectos importantes na formação e na aprendizagem do indivíduo.

Um modelo de interação interessante para ser considerado no ensino de língua é aquele proposto por Dik (1989).

Modelo de interação verbal proposta por Dik (1989)



Nesse modelo apresentado por Dik (1989), o autor prioriza a importância do outro na compreensão e interpretação do que foi dito. Assim, ambos, falante e ouvinte são responsáveis

pela produção dos sentidos. A compreensão perpassa o conhecimento de mundo de ambos e de suas intenções e interpretações pragmáticas.

Interpretando esse modelo, Rauber (2005) explica que, na interação verbal,

a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é mediada pelas expressões linguísticas. De acordo com esse modelo, o sentido é construído coletivamente pelos usuários e a língua manifesta concretamente esses sentidos. A interação verbal, portanto, é interação social por excelência, é um tipo de atividade cooperativa estruturada. Ela é estruturada no sentido que é regulada por normas e convenções e cooperativa porque necessita de, no mínimo, dois participantes para atingir seus objetivos. (RAUBER. 2005, p.49)

A concepção da língua e de seus significados, consequentemente, os espaços sociais, são fatores importantes na prática escolar. A esse respeito Cunha, Bispo e Silva (2014, p.82), por exemplo, diz que

o papel da escola não se restringe ao trabalho com a língua padrão. Cabe a ela fazer com que o(s) aluno(s) desenvolva(m) sua competência comunicativa, de modo a conhecer uma gama cada vez maior de possibilidades de usos da língua, e adaptá-las às diversas situações de interação social.

Numa visão funcionalista, portanto, a língua é concebida como algo dinâmico, não podendo ser estudada nem ensinada de maneira arbitrária, por meio de regras escritas, sem contexto, sem uma participação dos agentes interlocutores na construção do conhecimento.

Os seguintes princípios funcionalistas descritos em Neves (2016) sustentam esta proposta de sequência didática:

1º - A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987). Baseados nesse princípio, usamos os poemas de um autor goiano para, além de conhecer um texto literário brasileiro de qualidade, o aluno possa também conhecer o repertório lexical articulado com a cultura goiana. Consideramos que o ato de ensinar também é linguagem e também é político, podendo atender a diversos interesses.

2º - A língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995). Na nossa sequência didática, mostramos aos envolvidos, professores e alunos, que todo o conhecimento do léxico é motivado. E esse conhecimento é reflexo da cultura de um povo, construído diariamente ao longo dos anos.

3º - As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985). No ensino de língua estrangeira, professor e aluno devem saber o propósito de se ensinar uma língua, conhecer as possibilidades que se abrem pelo mundo da linguagem, assim, saberão que a língua não é algo limitado, é infinita, livre e liberta.

4º - Na gramática estão integrados os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. (Dik, 1989). Nessa sequência didática, nos propusemos a ensinar português brasileiro por meio do léxico e de textos, por acreditarmos que léxico e textos atualizam os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, ou seja, ensinaremos uma língua estrangeira pautados nos aspectos fundamentais da constituição gramatical.

5º - A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (Beaugrande, 1993). Na nossa sequência didática, buscamos valorizar a identidade de um povo por meio da sua língua, mostrando aos aprendentes o papel do falante na construção do conhecimento que está sendo ensinado e que essa língua é resultado da cognição de uma comunidade de língua brasileira.

6º - Existe uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (Mackenzie, 1992). Na nossa sequência didática, buscamos deixar claro que existe uma língua escrita e uma falada, e que ambas são interdependentes, que a língua falada por essa comunidade de fala é o reflexo de seus processos mentais, de como o falante vê e representa o mundo ao seu redor.

7º - O falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (Halliday, 1973, 1985). Na apresentação do léxico, mostramos que ele é usado mais recorrentemente no estado de Goiás do que em outras comunidades, a fim de aumentar a possibilidade dos falantes, seu repertório lexical e como organizará o seu texto.

8º - A gramática é susceptível às pressões do uso (Du Bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1979b), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993). Durante as aulas da sequência didática, também trabalharemos com o contexto histórico do povo goiano e mostraremos que as palavras também sofrem interferências pelos contatos, pelas atividades econômicas, e pelo desenvolvimento social ao longo dos anos, pelo uso ou pelo desuso. Para isso, recorreremos a alguns trabalhos de pesquisa do Grupo de estudos funcionalistas do Estado de Goiás.

9º - A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (Du Bois, 1985). Nas nossas aulas pretendemos mostrar que o ensino de gramática não se restringe a gramática normativa, um dos vieses de sua formação. Nosso objetivo é que os alunos saibam que a partir do conhecimento do léxico eles poderão construir seus textos e automaticamente a sua gramática, que aprender uma língua envolve um conjunto de fatores internos e externos e interdependentes.

10º - O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (Martinet, 1994). Esse também é o objeto da sequência didática aqui proposta, queremos que ao final os alunos tenham competência comunicativa, tenham desenvolvido mecanismos para se expressar em língua portuguesa.

Os teóricos dos princípios são citados por Neves (2016). Esses princípios fazem parte das atividades envolvendo o ensino de língua, literatura e cultura presentes nessa sequência didática.

O funcionalismo é matéria de algumas disciplinas estudadas no Curso de Letras, ensinadas na universidade. No curso de letras da UFG essas disciplinas são: Introdução aos estudos da linguagem, Introdução à linguística descritiva, Análise Linguística, Fonologia do Português, Morfologia do Português, entre outras. Nota-se que no curso que forma professores de Português e também no bacharelado em Linguística, essa é uma teoria que fundamenta muitas pesquisas. E nossa proposta de sequência didática vem embasada em seus princípios, tratando o aluno como colaborador e o professor como mediador do conhecimento, para que o aprendizado seja efetivado em todos os seus aspectos gramaticais, linguísticos e sociais, pois a aprendizagem de língua é um exercício diário, não cabendo apenas na sala de aula.

Cunha (2014, p. 84) confirma o que se espera de uma abordagem para o ensino de língua da concepção funcionalista:

a proposta de ensino de língua numa vertente funcionalista objetiva trabalhar questões linguísticas com base em seus propósitos discursivo-pragmáticos, vinculados a práticas sociais situadas. Essa proposta consubstancia-se nas atividades de análise e reflexão sobre a língua, por meio da quais se aprimoram as capacidades de compreensão e expressão dos alunos, ou seja, sua competência comunicativa.

Cunha (2014) mostra que, à luz do Funcionalismo, o ensino de língua é feito de maneira dialógica, priorizando a construção do conhecimento conjuntamente e de maneira dinâmica. Assim, consideramos que a abordagem funcionalista atende às nossas expectativas para o ensino de língua. Nela, há uma interação entre teoria e prática. Os dados para estudo não são criados ou hipotéticos, pois são reais, isto é, são produzidos por usuários reais. Os resultados não são induzidos, são simplesmente apresentados, confirmando a teoria. O texto não é pretexto, é fonte de informação, de que se explora tudo que for possível, de maneira a esgotar as possibilidades de análise. Para Duarte e Casseb-Galvão (2014, p. 78), “trabalhar com eles (os textos) na escola não significa utilizá-los como ‘pretextos’ para fins qualquer, mas como um eficiente meio para conduzir o ensino de LP.”

O ensino de língua portuguesa (LP) é o objetivo deste trabalho e optamos por fazê-lo por meio dos textos de Gilberto Mendonça Teles, e é nessa perspectiva que pretendemos desenvolver nossas aulas, levando os poemas e apresentando o contexto cultural do estado de Goiás.

O Funcionalismo é a base para o processo de ensino, tanto nas aulas de algumas disciplinas da graduação, na universidade, como no Grupo de Estudos Funcionalista (GEF/UFG). Este grupo tem desenvolvido um importante trabalho na Linguística funcional dentro e fora da universidade, fazendo muitas parcerias e trazendo bons frutos para o ensino aprendizagem na área da linguagem.

O GEF é importante na divulgação da teoria funcionalista na Universidade, chamando graduandos para a iniciação à pesquisa científica, na formação de futuros professores, por incentivar a pesquisa na área de Letras, e proporcionar o conhecimento desta concepção de linguagem, tão eficaz na descrição linguística para o ensino de língua. O GEF é um grupo reconhecido por valorizar a língua portuguesa falada no Brasil, por meio de pesquisas baseadas na teoria funcionalista, e não é o único. Podemos contar, por exemplo, com as pesquisas de Cunha e Tavares, da Universidade Federal do Rio Grande Norte que, no livro *Funcionalismo e ensino de gramática* (2016), trazem muitas contribuições para o ensino por meio dessa abordagem:

nessa tentativa de aproximação entre a linguística e a prática cotidiana em sala de aula, propomos atividades de análise e produção de textos que incluem o estudo gramatical, dando-lhe um sentido funcional, e que se estendem para a abordagem da oralidade, face ainda tão pouco explorada no ensino de português, visando favorecer um contato mais positivo do aluno com a língua, afim de que saiba falar, ouvir, escrever e ler mais adequada e competentemente (CUNHA e TAVARES, 2016, p. 18).

É essa perspectiva que fundamenta a nossa pesquisa. Acreditamos na sua eficácia e no seu potencial explicativo para os fenômenos da língua. Sabe-se que todas as teorias são passíveis de lacunas, mas também que podem ser sanadas por meio do estudo e de dedicação. Assim, o funcionalismo é uma teoria aplicável tanto à descrição quanto ao ensino. Não se pode esperar que uma teoria resolva todos os problemas e imprevistos do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, mas é fundamental que o educador esteja preparado com aparato teórico para aperfeiçoar cada vez mais sua prática.

Nesse sentido, considerando os postulados anteriores, e, com base de Duarte e Casseb-Galvão (2014) e Casseb-Galvão e Duarte (2018), a perspectiva funcionalista clássica da linguagem é produtiva para embasar um estudo em sequência didática.

1. 2 Apresentação da metodologia de ensino via sequência didática

A noção de sequência didática é apresentada por Zabala (1998) com outros nomes como: sequência de ensino-aprendizagem e sequência de conteúdo. Esse autor também mostra que tal metodologia pode ser aplicada em outras áreas do conhecimento, não somente no ensino de língua.

A partir dessa observação, apresentamos algumas definições e explicações do que é sequência didática, para Zabala (1998), Dolz e Schneuwly (2004), Lousada (2010), para Silva e Torres (2011), Duarte (2015) e para Gonçalves e Ferraz (2016), sendo os norteadores desta pesquisa: Duarte (2015), por ter escrito em sua tese de doutoramento uma sequência didática funcionalista, Zabala (1998) e Dolz e Schneuwly (2004), por serem leituras fundamentais para se pesquisar sequência didática.

Para Zabala (1998, p. 18),

Se realizarmos uma análise destas sequências buscando os elementos que as compõem, nós daremos conta de que são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 15),

as sequências didáticas instrumentos que auxiliam o professor e os intervenientes social e formal na organização da aprendizagem e na apropriação das dimensões constitutivas de um gênero textual. É organizar as atividades docentes de forma gradual, partindo do nível de conhecimento já dominado pelos alunos para chegar aos níveis que eles precisam dominar.

Duarte (2015, p. 48), reconhecendo a importância desse instrumento didático,

é possível inferir que tal metodologia traz em sua essência a tradição do pensar pedagógico de modo organizado, em que se prevê um direcionamento de ações dirigidas para se alcançar determinado fim, diminuindo as margens do imprevisto na ação docente.

Para Lousada (2010, p. 85), sequência didática é um conjunto de atividades orientadas por um objetivo comum. Uma proposta de sequência didática pode desenvolver três capacidades da linguagem (de ação, discursiva, linguístico-discursiva) e podem ser feitas por meio de um gênero.

Segundo Silva e Torres (2011, p. 46),

sequências didáticas apresentam grande relevância no trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, uma vez que possibilitam a organização dos passos da aula de maneira sequencial e progressiva. Desse modo, subsidiam o aluno no domínio de um determinado gênero, possibilitando a construção de um falar e de um escrever coerente com a situação comunicativa

Gonçalves e Ferraz (2016, p. 126), fazendo uma historiografia da noção de sequência didática diz que,

o termo SD surgiu em 1996, nas instruções oficiais para o ensino de línguas na França, quando pesquisadores viram a necessidade de superação da compartimentalização dos conhecimentos no campo do ensino de línguas. [...] Desse modo, entre as ações de uma SD estão as atividades de escuta, leitura, escrita e reescrita de textos (análise linguística), superando os limites da gramática normativa.

O ensino em SD – sequência didática - é uma metodologia já estudada por diversos autores e também aplicada por alguns professores, e tem como fundamento ser dialógica, construída para atender a determinados objetivos, tendo um trajeto fixo, mas um desenvolvimento dinâmico.

Zabala (1998) apresenta quatro modelos de sequência didática, em que ele mostra em cada um deles, como deve ser o percurso de elaboração, aplicação e avaliação do conteúdo ensinado. Aqui, destacamos os dez aspectos da quarta proposta considerada a mais completa, os quais são: apresentação da situação problemática; problemas ou questões; respostas intuitivas ou suposições; fonte de informação; busca de informação; elaboração de conclusões, generalização; exercícios de memorização; prova ou exame, e avaliação.

Outro aspecto considerado por Zabala (1998) envolve perguntas norteadoras das atividades de uma sequência didática. Duarte (2015, p. 53) em sua tese, faz uma síntese dessas oito perguntas:

Em resumo, para Zabala (1998), uma sequência didática voltada para promover o desenvolvimento integral do aluno deve atentar para o acionamento de conhecimentos prévios, para a significância e funcionalidade dos novos conteúdos, para o nível de desenvolvimento do aluno, para o estímulo da zona proximal, para o conflito cognitivo e o estímulo da atividade mental, para a motivação do aluno, para

autoestima e o autoconceito e, finalmente, para o processo de aprender a aprender, ou seja, o estímulo a autonomia do aluno.

Para Duarte (2015, p. 42), a proposta de ensino construtivista de Zabala (1998) é muito coerente com a proposta de ensino funcionalista. Duarte (2015) destaca que esse encontro é produtivo especialmente “no que diz respeito aos aspectos interativos e sociais das atividades escolares, pressupondo a aplicabilidade das competências, habilidades e conteúdos desenvolvidos na escola à vida cotidiana”.

Duarte (2015, p. 42-46) traça uma análise comparativa entre as três metafunções de Halliday, teórico funcionalista, (Ideacional, Interpessoal e Textual) e os três tipos de conteúdos defendidos por Zabala (Factual/Conceitual, Procedimental, Atitudinal). Para Duarte (2015), o conteúdo atitudinal seria a concretização, o resultado dos dois primeiros conteúdos, o conceitual e o procedimental, assim como acontece com a metafunção textual que é a materialização das duas primeiras metafunções, a ideacional e a interpessoal.

Duarte (2015, p. 48) também traz uma análise do modelo de sequência didática proposto por Dolz e Schneuwly (2004), em que ela destaca o ensino de gênero numa perspectiva sociointeracionista, apresentando as quatro etapas do modelo, que são: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. O processo de ensino em sequências didáticas é gradual. Segundo Duarte (2015), por exemplo, as Olimpíadas de Língua Portuguesa e a Revista Nova Escola trazem propostas de sequência didática. A primeira feita para os professores aplicarem e a segunda com apresentações de instruções/modelos de como elaborar sequências didáticas, ou seja, duas fontes de pesquisa que respaldam o ensino em sequência didática.

Nesse sentido, selecionamos a metodologia de sequência didática por considerá-la uma ferramenta eficaz no que concerne ao ensino de língua, visto que está a serviço do desenvolvimento do aprendizado do aluno. Nela ocorre o *feedback* que alunos e professores precisam para explorar e aperfeiçoar competências diversas.

Nessa metodologia, é importante deixar claro o objetivo que se pretende alcançar em cada uma das aulas. O que se pretende deve ser claro tanto para o professor como para os alunos. Por se tratar de uma metodologia inovadora, às vezes, os objetivos podem não ficar bem expressos, e é papel do professor esclarecer tais objetivos, para que o aluno tenha consciência do que está sendo desenvolvido na sala de aula. Tempo e objetivos delimitados diminuem possíveis problemas de compreensão na prática docente.

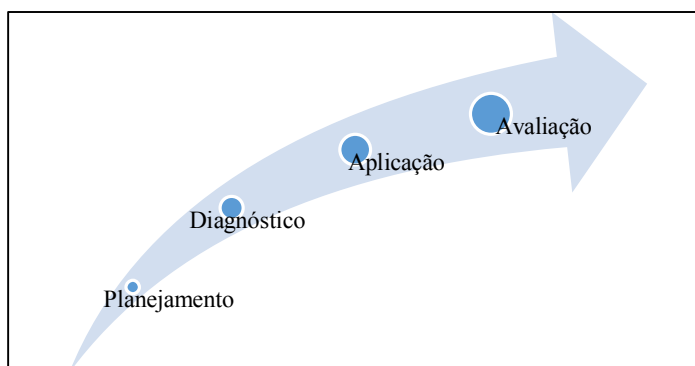
Com metodologias como esta, é possível introduzir o ensino de maneira dialógica, em que o aluno interaja com o texto. Essa metodologia cumpre os requisitos básicos para o ensino

de línguas e para a promoção da cultura de uma comunidade, seguindo o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas, do qual trataremos das competências no tópico ‘Português como língua estrangeira’.

Para Zabala (1998), uma sequência didática se constitui de três grandes partes: planejamento, aplicação e avaliação.

Abaixo apresentamos uma figura que representa o nosso entendimento sobre sequência didática. Em que o primeiro ponto é o planejamento que vem antes de tudo começar. Essa organização prévia ajuda a determinar as outras etapas. Junto com a turma de alunos faz-se o diagnóstico, para entender as características daquele público e direcionar as ações futuras. A aplicação é o momento de pôr em prática tudo que foi planejado. E a avaliação é o momento de verificar como se deu o desenvolvimento da aprendizagem e da sequência didática, confirmar os pontos positivos e melhorar os pontos que ficaram pendentes. Ao final, retoma-se o planejamento para uma nova fase da aplicação. Trata-se de um movimento crescente em busca do aprimoramento do que está sendo ensinado.

Figura 01: Sequência Didática



Fonte: Elaboração da autora (2020)

Este trabalho é uma proposta para uma sequência didática, para a qual ainda não houve a aplicação e, por esse motivo, também não há uma avaliação. Devido à proposta desta dissertação, atentaremos apenas para a fase do planejamento.

A sequência didática que aqui se propõe obedece a um cronograma a ser desenvolvido em 6 aulas, um tempo suficiente para o ensino de língua, para o conhecimento do tema e o desenvolvimento de habilidades comunicativas e linguísticas dos indivíduos envolvidos.

Conforme Duarte (2015, p. 46)

uma proposta eficiente para prover práticas de ensino de Língua Portuguesa no Brasil deve contemplar os tipos de conteúdo explicitados anteriormente, partir de uma prática de ensino via gêneros e agregar práticas de linguagem diversas, estruturadas por uma gramática que se organiza em níveis interdependentes e se inter-relacionam dentro de um universo maior, o texto.

A sequência aqui proposta enfatiza o nível lexical e pressupõe o trabalho com textos, através do ensino com gêneros discursivo-textuais, mais especificamente, o gênero poema. Marcuschi (2010) refere-se à importância de se trabalhar com gêneros na escola, tanto para ensinar regras e estruturas, como para produzir um texto, quanto para analisar discursivamente. Acreditamos que esta sequência didática pode contribuir de maneira muito eficaz no desenvolvimento do patrimônio lexical, visto que, além de apresentar o gênero poema e seu contexto de produção ao aluno, se oferece a possibilidade de análise dos elementos lexicais em interface semântica, morfológica e pragmaticamente.

O trabalho por meio de sequência didática mostra-se muito coerente, pois ele favorece a ação-reflexão-ação. O percurso é dinâmico, flexível e ordenado, no qual o professor planeja e ensina, planeja novamente, aplica o que planejou para aula e observa a aprendizagem. Ambos, professor e aluno, constroem e compartilham o conhecimento.

No primeiro contato do professor com seus alunos, ele deve observar as principais dificuldades e o nível de conhecimento lexical dos alunos e na língua que está sendo ensinada. Será, então, uma aula diagnóstica para planejamento da sua intervenção que será de acordo com as potencialidades dos alunos. Isso contribui para o planejamento, a aplicação e a futura avaliação positiva do trabalho desenvolvido. Nesse sentido, o professor é o mediador, o personagem mais ativo do processo. Sem o bom desempenho de suas atividades e estratégias, todo o trabalho fica comprometido. Segundo Duarte (2015, p. 51),

o que não se deve perder de vista é que esse instrumento de ensino por si só não garante a aprendizagem, e não é a única estratégia metodológica para solucionar problemas no ensino de Língua Portuguesa, haja vista que a educação é um processo contínuo, intencional e organizado que envolve muitas variáveis e não se limita a um único recurso pedagógico. O professor tem um papel fundamental na condução desse processo, pois além de dispor de um referencial teórico de base para sua prática, o professor precisa refletir sobre ela.

Para que a sequência didática aqui proposta tenha eficácia depende de vários fatores, desde os interesses até os níveis de aceitação e de compromisso das partes. Não pretendemos propor um manual, mas pretendemos contribuir com um fazer pedagógico, aberto a sugestões e diálogos. Silva e Torres (2011) apontam a carência, entre egressos da Letras, de conhecer o que é uma sequência didática e seus benefícios na troca de experiências e interação aluno-aluno,

professor-aluno, trocas sociais e culturais favorecidas pela língua. Enfim, esta é mais uma justificativa para esta proposta de ensino.

As interações socioculturais não são recuperadas no ensino exclusivamente voltado as regras gramaticais. Por isso, queremos, por meio de uma metodologia de base sócio-discursiva, contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de português brasileiro como segunda língua. O objetivo desta sequência é ensinar léxico regional goiano a partir do gênero poema como uma estratégia para ampliação do conhecimento do vocabulário da língua portuguesa e a valorização cultura goiana.

1.3 O ensino do léxico

Na busca de elaborar uma sequência didática que ensina língua estrangeira, optamos por desenvolver o ensino do léxico, pois o léxico de uma língua diz muito da cultura de um povo é o reflexo da cultura e o principal instrumento para se falar uma língua estrangeira. O léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão e transformação. A partir do repertório e da seleção lexical de uma pessoa podemos conhecê-la melhor, e fazer inferências acerca de sua origem, é a maneira que ela se coloca e age sobre o mundo. Para Irandé Antunes “Todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa”.

Antunes (2012) trata da importância do léxico de uma língua;

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem. (ANTUNES, 2012. Pg. 27)

Assim, a Lexicologia nos orienta a compreender a noção de *palavra*, pois, é por meio dela que criamos frases e textos. A palavra é elemento fundante na língua e se realiza por meio da linguagem. O ensino do léxico tem diversos aspectos. Pode ser visto a partir do ensino de lista de palavras, vocabulários, glossários, e dicionários de vários tipos, no entanto, gostaríamos de destacar aqui o papel do léxico como fundamentação do processo de criação textual, assim, nossa sequência didática faz uso do ensino do léxico para ensinar língua e cultura, mas também para colaborar com o aprimoramento da produção textual dos alunos. O objetivo é aperfeiçoar a competência falada e escrita do aluno.

Para Antunes (2012), é fundamental que a escola saiba os benefícios de trabalhar a com léxico de maneiras variadas dando ênfase para ampliação de vocabulário e melhoramento da escrita.

Do ponto de vista da textualidade [...] Em toda a linha do texto, as palavras vão formando elos que possibilitam a configuração linguístico-cognitiva de uma unidade semântica. Não é o sentido particular de cada palavra que confere unidade ao texto. É a rede de sentidos criada, explícita ou implicitamente, pelas palavras presentes à linha do texto. Uma remetendo a outra, anterior ou posterior, próxima ou distante. Uma condicionando a outra; uma dando acesso a outra ou associando-se a outra. (ANTUNES, 2012. Pg. 40)

Assim, o estudo da palavra é algo que abre possibilidades para os estudantes, ampliando também a sua compreensão textual, pois acredita-se que a leitura é influenciada pela sua memória, ou seja, a leitura possibilita a ampliação do repertório lexical e a ampliação do repertório melhora a compreensão leitora.

O estudo por meio de textos literários como os poemas dá a possibilidade de conhecer novas palavras da língua, mas também as metáforas que fazem do texto poético uma descoberta de sentidos. Pois permite o conhecimento de significados na combinação com outras palavras, o que não é possível em um estudo isolado, por exemplo, a partir do dicionário e seu sentido denotativo. O texto literário também aflora o imaginário, mostrando que os princípios de coesão e coerência são amplos e dependem do desenvolvimento do conhecimento de mundo e das interações sociais.

O texto literário é uma ferramenta que possibilita conhecer o léxico, as metáforas da língua, metonímias, aspectos culturais e sociais de uma comunidade. Também emociona e favorece o conhecimento da produção e da qualidade dos trabalhos dos poetas brasileiros. Assim, esta proposta de sequência didática busca usar o texto para ensinar língua estrangeira, mas também valorizar a produção do poeta goiano, Gilberto Mendonça Teles, cooperando para aumentar o repertório lexical e melhorando a competência textual dos alunos.

1.4 O português como língua estrangeira.

O português é a quinta língua mais falada no mundo, esse dado envolve os falantes nativos e os demais que aprenderem português como segunda língua ou língua estrangeira. O Brasil é o país com o maior número de falantes de português. Nesta sequência didática enfatizamos o ensino-aprendizagem de português brasileiro, e damos ênfase no dialeto falado no estado de Goiás.

O português como língua estrangeira é também designado pela sigla PLE. Ao se ensinar uma língua estrangeira, alguns pontos devem ser levados em consideração:

1º - O planejamento curricular e dos cursos, considerando-se o público alvo e que tipo de conhecimento se pretende ensinar.

2º - A produção de materiais, quais os materiais didáticos o professor escolherá utilizar em suas aulas.

3º - O método de ensino que possibilitará as experiências na nova língua.

4º - A avaliação do conhecimento da língua.

Todas essas fases do processo ensino-aprendizagem se influenciam e se complementam. Em alguns aspectos se assemelham às fases do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa nas escolas brasileiras, mas se diferem no sentido de que este aluno não fala português, e terá que desenvolver as habilidades fundamentais para comunicar-se em língua portuguesa, falar, compreender, escrever e ler.

Essas habilidades são denominadas competências no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – QECR (2001), o documento, de base sócio-discursiva, que regula o ensino de línguas estrangeiras no âmbito da Comunidade Europeia e que é considerado nesta dissertação, pois é compatível com o pensamento funcionalista. Essas competências são divididas da seguinte maneira: **Competências comunicativas Gerais** e **Competências comunicativas em língua** (2001 p. 147-184).

As competências comunicativas gerais estão divididas em cinco principais:

1 - Conhecimento de mundo: proporciona uma relação estreita do vocabulário com a gramática da sua língua materna e automaticamente com a língua estrangeira. O conhecimento do mundo deriva da experiência pessoal, da educação, das fontes de informação, etc. e engloba:

- Os lugares, as instituições e organizações, as pessoas, os objetos, os eventos, os processos e as operações em diferentes espaços.
- O conhecimento concreto do(s) país(es) no(s) qual(is) a língua é falada como, por exemplo, os aspectos geográficos, ambientais, demográficos, econômicos e políticos mais importantes.

As leituras técnicas que envolvem conhecer o concreto, o abstrato, o animado, o inanimado, etc. As propriedades e as relações que envolvem o conhecimento espaço-temporal, associativo, analítico, lógico, de causa/efeito, etc.

2 - Conhecimento sociocultural: o conhecimento da sociedade e da cultura da comunidade onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo, no entanto,

merece uma atenção especial, visto que, esse conhecimento está, quase sempre, fora da experiência prévia do aluno, e sofre influências estereotipadas. Engloba:

- A vida cotidiana (comidas e bebidas, refeições, maneiras à mesa. Feriados. Horários e hábitos de trabalho).
- Atividades no tempo livre (lazer, hábitos de leitura, meios de comunicação, redes sociais, festejos).
- As condições de vida (nível de qualidade de vida, longevidade, variantes regionais, sociais e étnicas, condições de moradia, assistência social).
- As relações interpessoais (relações de poder, de solidariedade, entre as classes sociais, entre os sexos, relações familiares, entre gerações, no ambiente de trabalho, relação do público com a polícia, relação entre as raças, entre os partidos políticos e a relação entre as religiões).
- Os valores, as crenças e as atitudes (nas classes sociais, nos grupos profissionais, em relação à riqueza, rendimento e patrimônio. Culturas regionais, Segurança Pública. Tradição e História. As minorias. A identidade nacional. Artes (música, artes visuais, literatura, teatro, música e canções populares), e humor.
- A linguagem corporal que envolve o conhecimento das convenções que regem os comportamentos das pessoas da comunidade.
- As convenções sociais que envolvem: presentear, modo de vestir, bebidas, refeições, tabus da conversação e do comportamento, duração da visita, modo de sair/de se despedir.
- As convenções nos rituais: a prática religiosa, os ritos. O nascimento, o casamento, a morte. O comportamento em espetáculos públicos e cerimônias, celebrações, festivais, bailes e reuniões).

3 - A consciência intercultural: é o conhecimento, a consciência e a compreensão da relação de semelhanças e diferenças entre “o mundo de onde se vem” e “o mundo da comunidade-alvo”. É importante que a tomada de consciência intercultural inclua a consciência da diversidade regional e social dos dois mundos. Ela também permite conhecer a grande variedade de culturas para além das que são estudadas na L1 e L2 pelo aprendente. Esta consciência engloba o modo como cada comunidade aparece na perspectiva do outro, muitas vezes na forma de estereótipos.

4 - A competência existencial: A atividade comunicativa dos alunos é afetada não só pelo seu conhecimento, pela sua compreensão e pelas suas capacidades, mas também por fatores pessoais relacionados com a sua personalidade individual, que engloba: as atitudes, motivações, valores, crenças, estilos de vida, aptidões cognitivas e tipos de personalidade que contribuem para a sua identidade pessoal.

5 - A competência de aprendizagem: é a capacidade para observar e participar em novas experiências e incorporar o conhecimento novo nos conhecimentos anteriores, modificando estes últimos onde for necessário. As capacidades para aprender uma língua desenvolvem-se ao longo da experiência da aprendizagem. Essas capacidades permitem ao aluno lidar de forma mais eficaz e independente com os desafios da aprendizagem de uma língua, observar as opções existentes e fazer melhor uso das oportunidades. A capacidade de aprendizagem tem vários componentes: *a consciência da língua e da comunicação; as capacidades fonéticas; as capacidades de estudo; as capacidades heurísticas.*

A consciência da língua e da comunicação: É a sensibilização à língua e ao seu uso, engloba um conhecimento e uma compreensão dos princípios, da organização e da utilização das línguas. De tal forma que uma nova experiência linguística possa ser integrada nessa organização e ser acolhida como um enriquecimento, assim, a nova língua pode ser aprendida e utilizada mais rapidamente, em vez de ser entendida como uma ameaça ao sistema linguístico estabelecido do aprendente, que é considerado por este, como normal e natural.

A consciência e as capacidades fonéticas: os adultos verão a sua capacidade para pronunciar uma nova língua facilitada pela capacidade de distinguir e de produzir sons desconhecidos e esquemas prosódicos; pela capacidade de produzir e encadear sequências de sons desconhecidos; pela capacidade, como ouvinte, de decompor um contínuo sonoro de uma sequência estruturada, ou seja, dividi-lo em elementos distintos e significativos;

As capacidades de estudo: incluem a capacidade de usar as oportunidades de aprendizagem oferecidas pelas situações de ensino. Como: permanecer atento à informação apresentada; entender o objetivo da tarefa a ser realizada; cooperar eficazmente com trabalhos em dupla ou em grupo; utilizar a língua estudada de maneira frequente e rápida; a utilização dos materiais disponíveis para uma aprendizagem autónoma; a capacidade para aprender dos pontos de vista linguístico e sociocultural, pela observação ou pela participação nos eventos comunicativos; a consciência dos seus pontos fortes e dos seus pontos fracos enquanto estudante; a capacidade para organizar estratégias de estudo e procedimentos próprios para atingir os seus objetivos, aprimorando as suas características positivas.

As capacidades heurísticas: Estas incluem a capacidade do estudante para aceitar uma experiência nova (uma língua nova, novas pessoas, novas maneiras de se comportar, etc.) e para mobilizar as suas competências (observando, interpretando aquilo que observa, analisando, inferindo, memorizando, etc.) numa situação de aprendizagem dada. Envolve também a capacidade do estudante para utilizar a língua-alvo para encontrar, compreender e transmitir

uma informação nova; a capacidade para utilizar as novas tecnologias, se relacionando nas redes sociais, procurando informação nas bases de dados e nos hipertextos.

As competências comunicativas em língua estão divididas em três principais:

Os aprendentes mobilizam as competências comunicativas gerais, acima apresentadas e combinam-nas com outra competência comunicativa mais específica e relacionada com a língua. Nesse sentido, a competência comunicativa em língua engloba *as competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas*.

1 - As competências linguísticas: envolvem os estudos teóricos da língua e da linguagem. Esses estudos dos sistemas linguísticos são de uma enorme complexidade e as línguas se mostram diversificadas e avançadas, o que torna difícil os estudos de todas as áreas por uma única pessoa, ou seja, a língua não é completamente dominada pelos estudantes. O que também é dificultado pelas línguas estarem constante evolução para responder às exigências do seu uso na comunicação. Os modos / de estudar uma língua variam de acordo com os estudiosos, mas também com as políticas linguísticas que o estado impõe para a descrição ou prescrição de sua língua. Não há um consenso para um modelo universal e único de descrição para todas as línguas, um modelo aplicável na aprendizagem, no ensino e na avaliação das línguas. A maioria dos linguistas descritivos decodifica a prática, relacionando a forma e o significado, utilizando uma terminologia, e linguagem técnica que se afasta da prática tradicional de sala de aula.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas tenta identificar e classificar os componentes principais da competência linguística, definindo os recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens corretas e significativas, bem como a capacidade para os usar, ou seja, prevê o estudo da competência linguística, partindo do professor para o aluno. Para isso, reconhece seis competências linguísticas: *Competência lexical; Competência gramatical; Competência semântica; Competência fonológica; Competência ortográfica; Competência ortoépica*.

Para cada uma dessas competências, há um quadro que orienta o trabalho do professor no qual são apresentados as classificações, os parâmetros e as categorias que podem ser úteis para a descrição do conteúdo linguístico; são previstos os níveis de aprendizagem e uma fundamentação para a reflexão do processo de ensino-aprendizagem. O Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas oferece aos profissionais um quadro de referência para orientarem o seu fazer, destacando a teoria, a tradição e a prática que adotam. Seria exaustivo

apresentar todos os quadros, por isso, vamos destacar apenas os quadros das competências lexical e gramatical.

1.1 - A competência lexical: Consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais. Os elementos lexicais incluem: as expressões fixas, constituídas por várias palavras, usadas e aprendidas como um conjunto. As expressões fixas incluem as saudações, os provérbios, as expressões idiomáticas, as metáforas cristalizadas e semanticamente opacas, os intensificadores, as locuções.

E palavras isoladas: que podem ter vários significados (polissemia). As palavras isoladas compreendem as palavras das classes abertas: os nomes, adjetivos, verbos, advérbios –, mas também podem incluir conjuntos lexicais fechados (os dias da semana, meses do ano, pesos e medidas, etc.).

A progressão na capacidade de um aprendente em usar os recursos linguísticos pode ser escalada e apresentada como indica o quadro a seguir, indo de A1 até o C2, o nível mais avançado.

Quadro 01: Amplitude Do Vocabulário

	AMPLITUDE DO VOCABULÁRIO
C2	Tem um bom domínio de um vasto repertório lexical que inclui expressões idiomáticas e coloquialismos; demonstra consciência de níveis conotativos de significado.
C1	Domina um repertório alargado que lhe permite ultrapassar dificuldades/lacunas com circunloquções; não é evidente a procura de expressões ou de estratégias de evitação. Bom domínio de expressões idiomáticas e coloquialismos.
B2	Possui uma gama de vocabulário sobre assuntos relacionados com a sua área e sobre a maioria dos assuntos. É capaz de variar a formulação para evitar repetições frequentes, mas as lacunas lexicais podem, ainda, causar hesitações e o uso de circunloquções.
B1	Tem vocabulário suficiente para se exprimir com a ajuda de circunloquções sobre a maioria dos assuntos pertinentes para o seu quotidiano, tais como a família, os passatempos, os interesses, o trabalho, as viagens e a atualidade.
A2	Tem vocabulário suficiente para conduzir transações do dia-a-dia que envolvam situações e assuntos que lhe são familiares.
	Possui vocabulário suficiente para satisfazer as necessidades comunicativas elementares. Tem vocabulário suficiente para satisfazer necessidades simples de sobrevivência.

A1	Tem um repertório vocabular elementar, constituído por palavras isoladas e expressões relacionadas com certas situações concretas.
----	--

Fonte: Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas.

Outra escala envolve o domínio do vocabulário e é apresentado no quadro a seguir.

Quadro 02: Domínio Do Vocabulário

	DOMÍNIO DO VOCABULÁRIO
C2	Utilização sempre correta e apropriada do vocabulário.
C1	Pequenas falhas ocasionais, mas sem erros vocabulares significativos.
B2	A correção lexical é geralmente elevada, apesar de poder existir alguma confusão e escolha incorreta de palavras, mas sem que isso perturbe a comunicação.
B1	Mostra bom domínio do vocabulário elementar, mas ainda ocorrem erros graves quando exprime um pensamento mais complexo ou quando lida com assuntos ou situações que não lhe são familiares.
A2	É capaz de dominar um repertório limitado relacionado com necessidades quotidianas concretas.
A1	Não há descritor disponível.

Fonte: Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas.

1.2 - A competência gramatical: pode ser definida como o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para utilizá-los. A gramática de uma língua é entendida como o conjunto de princípios que regem os elementos em sequências significativas marcadas e definidas (as frases). A competência gramatical é a capacidade para compreender e expressar significado, através da produção e do reconhecimento de frases e expressões bem construídas seguindo estes princípios. Existe certo número de teorias de gramática e de modelos concorrentes sobre a organização de palavras em frases. O QECR encoraja os professores a fazer e justificar as suas escolhas teóricas e as consequências delas para a sua prática, também identifica alguns parâmetros e algumas categorias que são utilizadas na descrição gramatical.

A compreensão da descrição e da organização gramatical envolve alguns elementos, como: morfes, morfemas, raízes, afixos (prefixos, sufixos e infixos), palavras, categorias, número, caso, gênero, concreto/abstrato/contável/não-contável, transitividade do verbo, voz ativa e passiva, tempo, aspecto, modo, classes de palavras, classes abertas, classes fechadas, sintagma nominal, sintagma verbal, orações, frases, processos de concordância.

O QECR apresenta a seguinte escala ilustrativa da correção gramatical, reconhecendo a impossibilidade de se produzir uma escala de progressão para a estrutura gramatical que seja susceptível de ser aplicada a todas as línguas.

Quadro 03: Correção Gramatical

	CORREÇÃO GRAMATICAL
C2	Mantém, de forma constante, um controle gramatical de estruturas linguísticas complexas, mesmo quando a sua atenção se centra noutros aspectos (p. ex.: no planeamento, na observação das reações dos outros)
C1	Mantém um nível elevado de correção gramatical de forma constante; os erros são raros e difíceis de identificar.
B2	Bom controle gramatical; podem ainda ocorrer ‘lapsos’ ocasionais ou erros não sistemáticos e pequenos erros na estrutura da frase, mas são raros e podem muitas vezes ser corrigidos retrospectivamente. Mostra um grau relativamente elevado de controle gramatical. Não comete erros que possam causar incompreensões.
B1	Comunica com razoável correção, em contextos familiares; tem geralmente um bom controle, apesar das influências óbvias da língua materna. Podem ocorrer erros, mas é claro, no que tenta exprimir. Usa com uma correção razoável um repertório de ‘rotinas’ e de expressões frequentemente utilizadas e associadas a situações mais previsíveis.
A2	Usa, com correção, estruturas simples, mas ainda comete erros elementares de forma sistemática – p. ex.: tem tendência a misturar tempos e a esquecer-se de fazer concordâncias; no entanto, aquilo que quer dizer é geralmente claro.
A1	Mostra apenas um controlo limitado de algumas estruturas e formas gramaticais simples, que pertencem a um repertório memorizado.

Fonte: Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas.

1.3 - A competência semântica: trata da consciência e do controle que o aprendente possui sobre a organização do significado.

- A semântica lexical trata das questões de significado das palavras. A relação da palavra com o contexto geral (referência, conotação, marcadores discursivos). As relações interlexicais (sinonímia/antonímia; hiperonímia e hiponímia; combinatórias; holonímia e meronímia (relações de parte e todo); equivalência em tradução.
- A semântica gramatical trata do significado de elementos, categorias, estruturas e processos gramaticais.
- A semântica pragmática trata de relações lógicas, tais como a implicação, a implicação estrita, a pressuposição, etc.

As questões de significado são centrais na comunicação e são tratadas em diversos momentos no QECR a fim de mostrar ao professor as diversas áreas que são relevantes quando se propõe um estudo de línguas. A análise formal, ou parte dela, deve integrar a aprendizagem

e/ou o ensino da língua. Essas abordagens são modos complementares de lidar com a “dupla articulação” da linguagem, partindo-se do pressuposto de que as línguas apresentam uma organização de forma e uma organização de significado. Uma descrição baseada na organização das formas de expressão é redutora do significado e uma descrição baseada na organização do significado é redutora da forma. A escolha do utilizador dependerá da finalidade da descrição. Muitos agentes de ensino consideram preferível partir do significado para a forma do que seguir a prática tradicional de organizar a progressão em termos meramente formais. É claro que o aprendiz da língua terá sempre que adquirir tanto as formas como os significados.

1.4 - A competência fonológica: envolve o conhecimento e a capacidade de percepção e de produção das unidades fonológicas (fonemas) da língua e a sua realização em contextos específicos (alofones); os traços fonéticos que distinguem os fonemas (traços distintivos, vozeamento, o arredondamento, a nasalidade, a oclusão); a composição fonética das palavras (estrutura silábica, sequência de fonemas, acento de palavra, tons); a fonética da frase (prosódia): acento de frase e ritmo; entoação; redução fonética: redução vocálica; formas fracas e fortes; assimilação e elisão.

1.5 - A competência ortográfica: envolve o conhecimento e a capacidade de percepção e de produção dos símbolos com os quais se compõem os textos escritos. Os sistemas de escrita de todas as línguas europeias são baseados no princípio alfabético, embora haja outros que seguem um princípio ideográfico (logográfico) (ex.: o chinês), ou um princípio consonântico (ex.: o árabe). Para os sistemas alfabéticos, os aprendentes deverão saber e ser capazes de perceber e de produzir: a forma das letras impressas e cursivas, tanto em maiúsculas como em minúsculas; a ortografia correta das palavras, incluindo formas contraídas correntes; sinais de pontuação e os seus usos convencionais; convenções tipográficas e variedades de tipos (tamanho, estilo); sinais logográficos de uso corrente.

1.6 - A competência ortoépica: Do mesmo modo, é solicitado aos utilizadores que leiam em voz alta um texto preparado, ou que utilizem no discurso palavras encontradas pela primeira vez na sua forma escrita. Deverão assim, ser capazes de pronunciar corretamente essa forma. Isto poderá envolver: o conhecimento das convenções ortográficas; a capacidade para consultar um dicionário e o conhecimento das convenções utilizadas para a representação da pronúncia; o conhecimento das implicações das formas escritas, especialmente dos sinais de pontuação, para o ritmo e a entoação; a capacidade para resolver ambiguidades (homônimos, ambiguidades sintáticas, etc.), em função do contexto.

2 - A competência sociolinguística: diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua. Muito do se apresenta na competência sociolinguística já foi abordado na competência sociocultural. Mas os temas aqui tratados são cinco e se relacionam especificamente com o uso da língua, como: *os marcadores linguísticos de relações sociais; as regras de polidez ou de delicadeza; as expressões de sabedoria popular; as diferenças de registro; os dialetos e os sotaques.*

2.1 - Os marcadores linguísticos de relações sociais: São evidentemente diferentes segundo as línguas e as culturas, dependendo de fatores como: o estatuto relativo dos interlocutores, a proximidade da relação, o registro do discurso, etc.

- uso e escolha de formas de saudação;
- uso e escolha de formas de tratamento;
- convenções para a tomada de palavra;
- uso e escolha de exclamações.

2.2 - As regras de polidez ou de delicadeza: são razões importantes para a aproximação ou o afastamento da aplicação do ‘princípio de cooperação’. Elas variam de cultura para cultura e são uma causa frequente de mal-entendidos interétnicos, especialmente quando algumas expressões de delicadeza são interpretadas literalmente.

- Delicadeza positiva (mostrar interesse pelo bem-estar de alguém; partilhar experiências, preocupações, ‘conversas sobre problemas’; exprimir admiração, afeto, gratidão; oferecer presentes, prometer favores, hospitalidade)
- Delicadeza negativa (evitar comportamentos ameaçadores, ordens, dogmas, indiretas, lamentar ou pedir desculpa por comportamentos ameaçadores, contradições, proibições, utilizar formas de suavizar o discurso)
- Utilização apropriada de obrigado(a), por favor, desculpe, com licença, etc.;
- Falta de educação (transgressão deliberada de regras de delicadeza, brusquidão, franqueza excessiva; expressão de desprezo, de desinteresse; reclamação e repressão; cólera evidente, impaciência; afirmação de superioridade)

2.3 - As expressões de sabedoria popular: as fórmulas fixas, que exprimem e reforçam as atitudes correntes, contribuem significativamente para a cultura popular. São usadas frequentemente ou talvez referidas ou manipuladas com mais frequência pelos cabeçalhos dos jornais, por exemplo. O conhecimento acumulado de sabedoria popular expresso na língua, considerado como um conhecimento generalizado, é um componente significativo do aspecto linguístico da competência sociocultural. Como: os provérbios, as expressões idiomáticas;

expressões familiares, expressões de crenças, como ditos sobre o tempo, atitudes, lugares, valores. Os grafitis, os slogans nas T-shirts e na TV, as frases em cartazes afixados em locais de trabalho, tem a função de divulgar esses saberes populares.

2.4 - As diferenças de registro: a palavra ‘registro’ refere-se às diferenças sistemáticas entre variedades linguísticas utilizadas em contextos diferentes. Está associada a um conceito vasto que engloba aquilo que é aqui tratado sob a designação de ‘tarefas’ ‘tipos de texto’ e ‘macrofunções’. e envolve também as diferenças entre níveis de formalidade, tais como:

- oficial: ex.: Está aberta a sessão. Tem a palavra Sua Excelência o senhor Presidente.
- formal: ex.: Podemos retomar a ordem dos trabalhos, por favor?
- neutra: ex.: Podemos começar?
- informal: ex.: Bom, que tal começarmos?
- familiar: ex.: Vamos começar!
- íntimo: ex.: Querido, vamos?

Nas primeiras fases da aprendizagem (digamos, até ao nível B1), é adequada a utilização de um registro neutro, a não ser que haja fortes razões do contrário. Este é o registro que utilizarão, provavelmente, os falantes nativos quando falam com estrangeiros e que geralmente esperam que estes utilizem. A familiaridade com registros mais formais ou mais familiares virá com o tempo, talvez através da leitura de diferentes tipos de texto, especialmente romances, apenas como uma competência de recepção. Deverá existir algum cuidado no uso dos registros mais formais ou mais familiares, uma vez que a sua utilização inadequada pode levar a más interpretações e ao ridículo.

2.5. Os dialetos e os sotaques: a competência sociolinguística inclui também a capacidade de reconhecer marcadores linguísticos de classe social; origem regional; origem nacional; grupo étnico; grupo profissional. Esses marcadores incluem: o léxico; a gramática; a fonologia; características vocais; paralinguística; linguagem corporal.

Nenhuma comunidade linguística é inteiramente homogênea. As diferentes regiões têm peculiaridades linguísticas e culturais. Estas são normalmente mais marcadas naqueles que vivem apenas nas suas comunidades e estão naturalmente associadas à classe social, à profissão e ao nível de educação. O reconhecimento de tais traços dialetais fornece pistas significativas quanto às características do interlocutor e é importante justificativa para se estudar o léxico goiano em ambiente de ensino de língua estrangeira, como se propõe nesta dissertação.

Os estereótipos desempenham um papel importante neste processo, mas podem ser reduzidos pelo desenvolvimento de capacidades interculturais. Os aprendentes de uma língua devem ter contato com falantes de diferentes origens, antes de adotarem formas dialetais, devem

estar conscientes das suas conotações sociais e da necessidade de coerência e de consistência nessa adoção.

A definição de níveis de aprendizagem para aspectos da competência sociolinguística é problemática. Por isso na base da escala há apenas os marcadores de relações sociais e às regras de delicadeza. A partir do nível B2, considera-se que os utilizadores são capazes de se exprimir adequadamente numa linguagem que é sociolinguisticamente apropriada às situações e aos interlocutores e que começam a adquirir a capacidade de enfrentar a variação do discurso, além de possuírem, em elevado grau, domínio do registro e das expressões.

3 - As competências pragmáticas: dizem respeito ao conhecimento do aprendente dos princípios e acordo com os quais as mensagens são organizadas, estruturadas e adaptadas, utilizadas para a realização de funções comunicativas, e sequenciadas de acordo com os esquemas interacionais e transacionais. Ela se divide em três: *a competência discursiva, a competência funcional; e a competência de concepção.*

3.1. A competência discursiva é a capacidade que o aluno possui para organizar frases em sequência, e produzir discursos coerentes. Inclui o conhecimento e a capacidade para dominar a organização de frases em termos de: tópico/foco; informação dada/informação nova; sequência natural, temporal; causa/efeito; capacidade para estruturar e gerir o discurso em termos de organização temática; coesão e coerência; ordenação lógica; estilo e registro; eficácia retórica; princípio de cooperação; qualidade da informação dada; quantidade (torne a sua contribuição tão informativa quanto necessário, mas não mais que isso); relevância (diga só o que for relevante); modo (seja breve e organizado, evite a falta de clareza e a ambiguidade).

Grande parte da educação na língua materna é dedicada à construção das competências discursivas da criança. Ao aprender uma língua estrangeira, é provável que o aprendente comece com pequenas intervenções, normalmente com a extensão de uma única frase. Em níveis de proficiência mais altos, o desenvolvimento da competência discursiva, cujos componentes são indicados nesta secção, assume uma importância cada vez maior.

Esses são alguns aspectos da competência discursiva:

- flexibilidade em relação às circunstâncias;
- tomada de palavra (também apresentada como estratégias de interação);
- desenvolvimento temático;
- coerência e coesão.

O QECR propõe uma escala de níveis de aprendizagem de cada um desses aspectos da competência discursiva.

3.2 - A competência funcional: diz respeito ao uso do discurso falado e aos textos escritos na comunicação para fins funcionais específicos. Abrange três grandes áreas (*as microfunções, as macrofunções e os esquemas interacionais*) desenvolvendo a competência conversacional que vai além das formas linguísticas. Diz respeito à interação dos interlocutores, em que cada iniciativa conduz a uma resposta que permite que ela (a interação) prossiga, de acordo com a sua finalidade, através de uma sucessão de etapas que vão desde a abertura da conversa até à sua conclusão. Geralmente ordenadas de acordo com padrões formais ou informais de interação social.

3.2.1 - As microfunções: são categorias para o uso funcional de enunciados únicos (normalmente curtos), geralmente como intervenções numa interação. Por exemplo: dar e pedir informações, exprimir e reconhecer atitudes (acordo/desacordo, conhecimento/ignorância, lembrança/esquecimento, probabilidade/certeza, obrigação/desobrigação, necessidade, capacidade, permissão, vontades, desejos, intenções, preferências, agrado/desagrado, gostos/antipatias, satisfação, interesse, surpresa, esperança, decepção, medo, preocupação, gratidão, desculpas, aprovação/desaprovação, lamento, compaixão, persuadir, sugestões, pedidos, avisos, conselhos, encorajamento, pedidos de ajuda, convites, ofertas, estabelecer relações sociais, chamar a atenção, dirigir-se às pessoas, saudar, apresentação, brindes)

3.2.2 - As macrofunções: são categorias para o uso funcional do discurso falado ou do texto escrito que consistem numa sequência de frases (por vezes longas). Por exemplo: a descrição, a narração, o comentário, exposição, a injunção, a explicação, a demonstração, a instrução, argumentação, a persuasão.

3.2.3 - Esquemas interacionais: são os padrões sociais que subjazem à comunicação, tais como as trocas verbais. As atividades comunicativas interativas implicam sequências estruturadas de ações efetuadas pelas partes envolvidas, podem ocorrer entre mais de dois indivíduos. Formam pares como: pergunta/resposta, acordo/desacordo, pedido/oferta/desculpa, aceitação/recusa, saudação/brinde.

O QECR destaca que não é possível propor exemplos para todas as áreas de cada uma das competências, isso implicaria muito tempo no QECR. Destaca também que estas competências serão alcançadas depois de muitos anos de estudo de uma língua estrangeira. No entanto, o professor poderá desenvolver o seu plano de trabalho pautado no que foi aqui apresentado, levando em consideração o nível dos alunos e os objetivos que pretende alcançar.

Nas escalas apresentadas para as competências comunicativas em língua (interação e produção) dois fatores qualitativos que determinam o êxito funcional do aprendente/utilizador são: a) fluência na oralidade: a capacidade para formular, prosseguir e sair de um impasse;

b) precisão proposicional: a capacidade para exprimir os pensamentos e proposições de forma clara.

Essas competências são um norteador para os objetivos do professor, por isso acreditamos que elas devem fazer parte do planejamento das atividades que serão desenvolvidas em sala de aula. O QECR é muito amplo, não conseguiríamos abordar todos os pontos de destaque que orientam as práticas dos professores de língua estrangeira, por isso, selecionamos abordar as competências, para mostrar o quão diversificado deve ser o planejamento, para se alcançar os objetivos de ensinar língua, cultura, literatura, e aspectos sociais, o que culmina com o diferencial da nossa sequência didática.

Notamos que a maioria dessas competências prima pela interação social, dando ênfase aos aspectos socioculturais da comunidade linguística, o que vai ao encontro de nossa proposta de sequência didática, valorizando a cultura da comunidade alvo, oferecendo ao aprendente, mesmo que em um período curto, um vasto repertório cultural, com o objetivo de ampliar seu vocabulário e prepará-lo para a interação verbal.

Nossa sequência didática visa cooperar efetivamente para o ensino de português como língua estrangeira. Ao ensinar língua estrangeira ensinamos também uma pouca da cultura de um povo, por isso nos valem do conceito de lexicultura, relativo à noção de léxico e de cultura, na organização da proposta de ensino esboçada no capítulo 3.

Para Barbosa (2009), o acesso a um conjunto lexical, diferente daquele ao qual o falante está habituado, requer do aprendente de língua estrangeira esforços para integrar novos conhecimentos linguístico-culturais, a fim de compreender valores, crenças usos e costumes, em um constante movimento de convergências e de divergências com sua própria cultura.

Assim, conforme Barbosa (2009), “Entre outros aspectos, a lexicultura mostra nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística”. Desse modo, compreendemos o léxico culturalmente marcado, logo o ensino de língua estrangeira deve perpassar pelo ensino de um vocabulário particular que não é encontrado nos dicionários, ou mesmo por construções que só fazem sentido para os falantes nativos. Por isso a importância de se trabalhar com textos de língua em uso, pois mesmo que não estejam imersos na cultura brasileira, os aprendentes terão acesso a língua que circula numa parte do território brasileiro, em Goiás.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-DISCURSIVA

Neste capítulo, trataremos do autor Gilberto Mendonça Teles, a sua carreira acadêmica, suas obras e sua importância para a literatura goiana. Em seguida, refletimos acerca da funcionalidade do gênero poema como ferramenta de ensino de língua (estrangeira), os fundamentos que embasaram a nossa escolha por esse gênero, e apresentamos o livro *Sociologia Goiana*, de Gilberto Mendonça Teles, em que estão os poemas que estudaremos.

Na última seção, situamos o leitor quanto à escolha do contexto italiano, mostrando as relações existentes entre a Universidade Federal de Goiás e algumas universidades italianas, tratando da importância do Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) para a execução desse e de outros trabalhos funcionalistas, voltados para o projeto internacional REDE/Itália. Neste capítulo, os trabalhos de Busatto (1993), Cezário e Oliveira (2007), Fernandes (2012), Souza (2014), Duarte e Casseb-Galvão (2014), Casseb-Galvão (2014), embasaram a nossa pesquisa.

2.1 Considerações sobre Gilberto Mendonça Teles

Gilberto Mendonça Teles é um poeta goiano, que nasceu em Bela Vista de Goiás-GO, (antiga Suçupara), em 30 de junho de 1931. Seus estudos foram prioritariamente em Goiânia, depois se tornou cidadão do mundo (BUSATTO, 1993).

Em 1956, formou-se em Direito pela Universidade Federal de Goiás e, em seguida, 1957, formou-se em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GOÍÁS. Também é Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul – PUCRS, em 1969. É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. É professor titular da PUC-RJ. Segundo Busatto (1993), o professor Gilberto Mendonça Teles foi professor fundador da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Trabalhou em Montevideu como professor no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, em Portugal foi professor catedrático da Universidade de Lisboa. Na França, foi como Professeur Associé da Université de Nantes. Nos Estados Unidos foi Tinker Visiting Professor da University of Chicago. Observa-se que ele tem um currículo bem extenso. E continua atuando, escrevendo, publicando, conforme está descrito em seu currículo na plataforma Lattes. Ele ocupa a cadeira número 11 da Academia Goiana de Letras. Ocupa também a cadeira número 44 da Academia Brasileira de Filosofia.

Gilberto Mendonça Teles é um grande destaque na literatura goiana, pois, além de ter nascido em Goiás, escreve brilhantemente sobre a cultura local. Gilberto Ele viveu o período

da ditadura, do golpe de 1964, quando foi exilado e, nesse período, continuou escrevendo sobre o Brasil e sobre Goiás. Segundo Fernandes (2012, p. 49), Teles foi exilado no Uruguai e impedido de participar ativamente da política do país. Ele, assim como outros grandes nomes que foram exilados, mostrou sua insatisfação com o governo por meio das palavras. Assim, pode-se encontrar, em meio a sua obra desse período, textos de denúncia, desabafo, relatando a saudade da terra natal. Souza (2014, p. 26) fala da recorrência do tema: “O tema do ‘exílio’ aparece no poema de Gilberto Mendonça Teles revelando o período em que o poeta morou fora do Brasil, tempo marcado pelo silêncio, por causa da ditadura no Brasil”. Nesse período, Gilberto Mendonça Teles foi exonerado do cargo que ocupava na Universidade Federal de Goiás, mas, em 2013, recebeu uma homenagem em que a Universidade Federal de Goiás lhe concedeu o título de diretor emérito.

Gilberto Mendonça Teles já ganhou diversos prêmios por suas obras, dentre eles estão: o prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1971) e da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, o V Encontro Nacional de Escritores (1970), que ganhou com o livro *A raiz da fala*. O livro *a Arte de armar* foi premiado no Concurso Nacional de Poesia – Banco Bandeirantes, em Belo Horizonte. Em 1978, esse livro lhe rendeu novamente outro prêmio Brasília de Poesia, do XII Encontro Nacional dos Escritores. Em 1989, recebeu pelo conjunto de sua obra, o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.

O poeta é reconhecido também como um grande crítico literário, especializado em autores clássicos como Carlos Drummond de Andrade e Luiz de Camões, mas também em literatura Goiana, aqui ganha destaque o livro de crítica *O conto brasileiro em Goiás* (2007) em que apresenta as peculiaridades dos contos goianos. Para Souza (2014, p. 129),

ele é um poeta-crítico, que escreve poesia e escreve crítica; com vários livros publicados em ambos os gêneros; só se dedica a eles, como se vê na Bibliografia que comprova sua carreira literária. Em vez de experimentar outros gêneros (conto, romance, etc.), o escritor é fiel às duas formas de escrita em que se aperfeiçoou e, por isso mesmo, se não foi o criador, foi com toda certeza o divulgador da teoria da Metalinguagem.

Gilberto Mendonça Teles se dedica à poesia e à crítica, e nos dois gêneros ele faz referência à sua terra. Além de ter sido premiado nesses dois gêneros, também ganhou o reconhecimento da alta crítica especializada. Pode-se encontrar diversos autores falando de seu trabalho e na maioria das vezes tratam-se de elogios à sua obra. Ele publicou doze livros de poemas e dez de crítica literária. Suas principais obras são: *Alvorada* (1955), seu primeiro livro publicado, *Planície* (1958), *Fábula de fogo* (1961), *Pássaro de Pedra* (1962), *Sintaxe invisível*

(1967), *O Conto Brasileiro em Goiás* (1969), *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro* (1972), *Arte de Amar* (1977), *Poemas Reunidos* (1978), *Saciologia Goiana* (1982), *Plural de Nuvens* (1984), *Hora Aberta* (1986), *Falavra (Antologia Poética)* (1990), *Nominais* (1993), *& Cone de Sombras* (1995), *A Escrituração da Escrita* (1996), *Caixa de Fósforos* (1999), *Brumas do Silêncio* (2014).

Daremos destaque ao Livro *Saciologia Goiana* (1982), no qual estão os poemas que foram selecionados para fazerem parte da nossa sequência didática. O primeiro critério utilizado para esta seleção considerou textos que tratem de aspectos da vida cotidiana em Goiás, temática de *Saciologia Goiana*. Fernandes (2012, p. 10) mostra alguns detalhes que fazem o diferencial do livro:

No livro de poesias *Saciologia goiana* (1982) – um dos que trabalham a cultura goiana e o folclore brasileiro – é possível encontrar grande parte das respostas sobre o estilo poético do escritor. O estado de Goiás é usado como tema em diversos poemas. Teles pretende mostrar a região, trazer para o leitor as próprias experiências, mostrar a cultura da terra, por isso fala da vegetação, da geografia, da história, dos peixes e literatura. *Saciologia*, como é possível observar na capa da publicação de 1982, mostra uma onça, um pássaro, uma cobra e o próprio Saci. Essas imagens de personagens do folclore brasileiro utilizadas na capa da obra ajudam a compor o que entendemos como o sentido da obra poética gilbertina.

Ele traz a cultura e a linguagem do povo goiano, e isso coaduna com a nossa proposta de ensino. Desse modo, *Saciologia Goiana* tornou-se nossa fonte de pesquisa e também nossa fonte de inspiração para conhecer a obra de Gilberto Mendonça Teles e as nuances de Goiás. Fernandes (2012, p. 11) diz que “o poeta também busca registrar a linguagem do sertanejo, do interior, localizá-la no tempo e no espaço, e, para isso, recorre a elementos da história oral. Faz observações de cunho sociológico e historiográfico no interior dos poemas.”

O livro *Saciologia Goiana* tem cerca de 70 poemas, e dentre eles selecionamos cinco, que serão trabalhados nas três aulas da sequência didática que propomos, são eles: *Lira Goiana*; *Ritual*; *Frutas*; *D. F.* e *Linguagem*. Esses poemas foram selecionados a partir da seleção publicada por Luiz Busatto.

O livro de Luiz Busatto, *Os melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles*, traz uma reunião dos poemas dos principais livros escritos por Gilberto Mendonça Teles, dentre eles está o livro *Saciologia Goiana*, que ganhou um capítulo dentro do livro de Busatto. Neste capítulo, estão os cinco poemas que serão fundamentais na elaboração e execução da sequência, pois utilizaremos o vocabulário empregado pelo autor para dar subsídio às aulas de português brasileiro falado em Goiás.

Luiz Busatto é doutor em Letras e Literatura Brasileira, professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo, membro da Academia Espírito-Santense de Letras desde 1987. Tem um vasto trabalho em ensino de literatura e sobre o italiano como língua de imigração. Busatto foi o responsável pela seleção dos poemas de Gilberto Mendonça Teles. A coleção *Melhores Poemas*, da Editora Global, apresenta autores clássicos da poesia brasileira, entre os homenageados estão: Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Mário Quintana e Cecília Meireles, sempre apresentados a partir do olhar de um outro autor renomado.

É inegável a importância do autor Gilberto Mendonça Teles para as literaturas brasileira e goiana. Ele ganhou muitos títulos, publicou muitos livros, tem um extenso currículo, contribui de maneira exemplar com a divulgação da cultura goiana, é fonte de pesquisa, pois há inúmeros livros de outros pesquisadores sobre sua vida e sua obra. Seus poemas são ricos, já foram e continuam sendo estudados. Ele contribui de maneira significativa para o ensino-aprendizagem de literatura e também de língua. Seus versos ressaltam o seu amor por Goiás, o qual chega ao leitor, buscamos que esse amor seja visto e sentido durante a aplicação da sequência didática.

2.2 O gênero poema como ferramenta no ensino de língua (estrangeira)

As terminologias gêneros textuais e gêneros discursivos são consideradas equivalentes por alguns grupos teóricos e não equivalentes por outros. Nesse sentido, Duarte e Casseb-Galvão (2014, Pg. 76) apresentam essa distinção nos seguintes termos:

em relação às concepções teóricas dos gêneros, cumpre-nos esclarecer, primeiramente, que há dois posicionamentos teórico-metodológicos relativamente distintos – gêneros discursivos e gêneros textuais; relativamente porque são abordagens que tanto se aproximam, por considerarem os aspectos sociais e discursivos da linguagem, quanto se distanciam, ao colocarem em cena perspectivas de análises e conceitos chaves distintos. Os gêneros discursivos são mais centrados na descrição de situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos, e os gêneros textuais centram com mais frequência na descrição da composição e da materialidade linguística de textos.

Na nossa sequência didática, consideraremos o poema a partir desses dois vieses, mas utilizaremos a terminologia gêneros textuais. Assim, o gênero textual poema é um texto carregado de poesia, podendo ser construído com versos, estrofes ou prosa. A palavra ‘poema’, assim como a palavra ‘poesia’, derivam do latim “poesis”, que tem relação com o criar, com o

compor por meio da palavra. Os poemas são construídos com beleza e sensibilidade, a fim de mostrar e produzir sentimentos e emoções, envolvem ritmo, e são considerados arte.

O poema oferece a oportunidade de uma experiência sensível com a palavra, pode apresentar experiências singulares com os acontecimentos da vida e com as pessoas. Dessa maneira, o poema se encaixa em uma categoria textual muito produtiva, ao ensino de línguas que singularizam a vida, as emoções e os sentimentos humanos, pois pode trazer em seu texto vários tipos de assuntos e conteúdos. Essa singularidade faz que o poema seja extremamente produtivo para o ensino de língua, o que é confirmado pelas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), conforme recomenda Cezário e Oliveira (2007, p. 102):

nada melhor do que trabalhar com um número significativo e variado de gêneros de texto, como sugerem os PCN. Quanto mais exposto a uma grande variedade de textos e de orações, mais poderá o aluno aprimorar sua competência linguística, seja nas atividades de recepção, seja nas de produção de textos, falados e escritos.

O ensino na Itália segue orientações do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas, mas esse documento se coaduna aos PCN, porque como este segue uma orientação sociodiscursiva para o ensino de língua estrangeira. Por esse motivo, recorremos a algumas orientações desse importante documento didático-pedagógico para o ensino.

Os gêneros textuais são ferramentas fundamentais para o ensino de língua e colaboram com a aprendizagem da gramática e, principalmente, de significados contextuais. Para Casseb-Galvão (2011, p. 869), os gêneros textuais na ótica dos PCN

são úteis ao ensino de língua portuguesa no Brasil, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são elaborados a partir da concepção de linguagem como atividade discursiva sócio, histórica e enunciativamente condicionada. Essa concepção dá ao gênero discursivo uma função primordial na atividade didática nacional.

Por esse motivo, selecionamos o gênero poema para desenvolver nossa sequência didática, doravante SD, por ser um dos gêneros mais diversificados, no qual podemos encontrar elementos da fala e da escrita. Duarte e Casseb-Galvão (2014, p. 74) destacam que trabalhar com a língua em uso na sala de aula, é priorizar o texto como unidade básica de uso da língua.

Ensinar é tarefa que exige esforço, estudo e dedicação, e em nossa proposta de sequência didática há diversos desafios, os quais envolvem o ensino-aprendizagem do português brasileiro como língua estrangeira ou como L2, no âmbito universitário italiano, por isso, temos a

responsabilidade de apresentar o português do Brasil de maneira contextualizada, e vemos no ensino a partir do gênero poema essa possibilidade. Para Cezário e Oliveira (2007, p.103),

trabalhando com diversos gêneros textuais, como editoriais, notícias, receitas, noticiários, poesias ou depoimentos, estaremos expondo os alunos a um número significativo de estruturas que se repetem de acordo com a especificidade do gênero. A partir dessa exposição, o professor facilita a fixação de modelos textuais e a eficiência em sua utilização por parte dos alunos, que aprimoram a competência linguística, condição indispensável para a formação do cidadão do novo milênio, com efetiva participação social.

Os PCN são um documento oficial relativo à educação formal brasileira e um dos primeiros a serem estudados na formação docente, logo, seu conteúdo deve ser também um dos pressupostos de todo professor. Acreditamos que se uma proposta de ensino está alinhada às normas do seu país, logo, com os PCN, ela já pode ser considerada respaldada e com maiores chances de eficácia em outro país, como é o nosso caso em relação à Itália. Essa sequência didática tem como público-alvo alunos de português de universidades italianas e também pode ser adaptada para qualquer país não lusófono.

Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (2000) trazem em seu texto a sugestão de que as aulas de ensino de línguas sejam dialógicas, com atividades discursivas, de base social, histórica, a partir das quais o sujeito vive, constrói e reconstrói o que está sendo estudado.

Os PCN deixam muito claro os objetivos de se aprender língua, por isso, não podemos deixar de citá-lo e respaldar a nossa sequência didática a partir dele. Os PCN (2000) citam as seguintes competências a serem desenvolvidas no ensino de língua estrangeira: analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção; respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação; conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

Apesar de não estarmos trabalhando com o ensino médio, alvo dos PCN, mas com acadêmicos do nível superior, devido a modalidade de ensino a um aluno que está fora do território brasileiro ainda assim consideramos sua validade como base para a SD aqui proposta.

O professor, ao seguir os princípios citados nos PCN, revela-se preparado para a sua prática, pois mostra que teve acesso a essas informações e se preocupou com a sua formação e a de seus alunos. É importante que os alunos saibam reconhecer os gêneros, saibam interpretá-los e analisá-los, quebrando os paradigmas de estudar o texto apenas como pretexto.

O aluno tem contato com o gênero poema desde as séries iniciais e, por esse motivo, espera-se que, ao chegar à graduação, ele já tenha conhecimento dos aspectos relevantes e das características do gênero. Por isso, nesta proposta não se espera que produza poemas, mas que saiba reconhecê-lo, e até saiba da divisão silábica dos versos, as rimas, a estrutura, o que são versos e estrofes, do que constitui a construção de um bom texto, referente às rimas (ricas e pobres). Espera-se que o estudo dos poemas fomente o conhecimento e o reconhecimento do léxico do português brasileiro e da variedade goiana. Nesse sentido, espera-se que o professor de língua viabilize esse conhecimento, proporcionando ao aluno um contato mais aprofundado com os elementos que compõem o poema e com os significados e sentidos que dele emanam.

O poema faz parte do cotidiano das pessoas e, por meio da linguagem, da melodia, da sua musicalidade promove conhecimentos, impressões e sensações singulares e interculturais. O poema é carregado de sentido, é uma bela forma de expressão de arte, pode difundir culturas. Ele é também informativo.

Casseb-Galvão (2011, p. 03) destaca a dimensão ideológica na produção e na recepção de um texto, o “papel social do gênero, sua funcionalidade. Os aspectos sócio-históricos relativos à sua produção. As questões de contexto de cultura. O processo de autoria. O gênero na macro-organização social. Voz de autoridade”. Esses tópicos podem ser analisados no gênero poema, fazendo do trabalho de Gilberto Mendonça Teles um rico campo de estudo e análise.

Segundo Fernandes (2012, p. 12), *Sociologia goiana* (1982), por exemplo, é considerado um livro à parte, diferente dos outros desse mesmo autor. Esse livro revela as pesquisas de Teles no decorrer da sua vida, como crítico e homem apaixonado pelo estado de Goiás. Por isso, atentaremos para a seleção de vocabulário, para os aspectos geográficos, históricos e culturais presentes nos textos, no que chamaremos de “análise geo-sócio-histórico-cultural” apresentada no início de cada novo texto.

Os poemas de Gilberto Mendonça Teles foram selecionados para subsidiar as aulas do ensino de português brasileiro para italianos por acreditarmos que os poemas selecionados carregam uma grande fonte de informação, são textos escritos por um goiano e trazem o léxico e aos costumes do povo de Goiás. Esses poemas registram as peculiaridades de uma comunidade, são fontes de conhecimento, e é a partir dessas informações que queremos difundir

a língua e as belezas do estado de Goiás, favorecendo quiçá, o turismo e a economia local, despertando nos aprendentes da Itália o interesse em conhecer essa comunidade, promover a língua portuguesa em contexto internacional.

2.3 O Contexto italiano

O Grupo de Estudos Funcionalista da Universidade Federal de Goiás (GEF) é o responsável tanto pela escolha da corrente teórica como também pelo público-alvo da sequência didática, o grupo é coordenado pela orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão. Essa proposta de sequência didática com viés funcionalista surgiu a partir do trabalho desenvolvido pelo GEF-UFG, pautado nos acordos internacionais firmados durante o IV SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa), na Universidade Federal de Goiás, no ano de 2013. Os acordos preveem uma parceria de universidades brasileiras com de universidades italianas, em que professores e alunos se tornaram multiplicadores do ensino-aprendizagem e descrição de língua portuguesa e língua italiana.

Esse projeto de sequência didática que deu origem a essa dissertação faz parte de projetos maiores, e está vinculado aos grandes projetos de cooperação firmados durante o IV SIMELP. No texto, “Uma Proposta para a promoção do português brasileiro em contexto europeu não lusófono: aspectos didáticos, políticos, econômicos, sociais e linguísticos”, Casseb-Galvão (2014) expõe a relevância de um projeto que tenha como foco o ensino de português como língua estrangeira. Apresenta os principais objetivos que serão alcançados com a proposta, e aponta os caminhos que levaram à execução das tarefas voltadas para a descrição e o ensino de língua.

O papel do GEF vai além, pois a proposta do grupo não se limita a ensinar português de forma generalizada. Como o grupo está situado em Goiás, há ênfase no português brasileiro, e mais especificamente, na vertente falada em Goiás. Casseb-Galvão (2014, p. 148) defende a escolha pela fala de Goiás, dizendo que, ao projeto,

interessa, portanto, além da promoção de pesquisas envolvendo o português brasileiro, proporcionando a troca de experiências entre pesquisadores e estudantes brasileiros e europeus em centros universitários de referência em seus respectivos países, contribuir efetivamente para uma política de difusão do português brasileiro, acreditando-se que o cenário geopolítico e econômico do estado de Goiás é representativo da diversidade cultural brasileira. Contribui também para essa

representatividade seu papel no cenário geopolítico central do país – parte do território goiano foi cedido para construção da capital federal, Brasília, nos anos de 1950-1960. Essa localização privilegiada no Centro-Oeste do Brasil contribui para a singularidade da história de Goiás, fruto de expedições e bandeirantes paulistas que, em busca de ouro e pedras preciosas, adentraram o interior brasileiro no século XVII. Além disso, a economia goiana destaca-se entre os estados da federação brasileira.

Assim, é fácil observar que a variante falada em Goiás cumpre o papel de difundir o português brasileiro. O português brasileiro tem despertado o interesse de estudantes estrangeiros de diversas partes do mundo, e na Itália não é diferente. Os professores parceiros do GEF, como a Profa. Dra. Kátia Chulata e o Professor Dr. Gian Luigi De Rosa, afirmam, em suas publicações, a grande procura pelos estudantes italianos em aprender o português brasileiro. Casseb-Galvão (2014) cita De Rosa (2014) mostrando o interesse pelo português brasileiro na Itália.

O foco de nossa atenção neste artigo é a região do sul da Itália, onde está havendo um significativo aumento da procura por cursos de formação e um número relativamente alto de artigos e ensaios enfocando o PB. Isso mostra um interesse claro dos agentes de ensino e pesquisa de universidades italianas pela língua e a cultura brasileiras. Alguns desses artigos e ensaios sobre o PB, publicados na Itália e produzidos nesse contexto universitário, são arrolados por De Rosa (2014, p. 146)

A profa. Kátia Chulata e o Prof. Gian Luigi De Rosa, atuantes na Itália, são professores que estreitam os laços entre a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Del Salento, no sul da Itália e a Universidade D’Annunzio, em Pescara. A parceria entre as instituições tem trazido bons resultados para os pesquisadores do GEF, acreditamos que para os italianos também, pois, além de poder contar com a presença de professores italianos na UFG, também tem proporcionado diversos intercâmbios, como ocorreu com a Dra. Deborah Magalhães de Barros, e atualmente com o Doutorando Lucas Alves, que tiveram a oportunidade de ir à Itália, fazer uma parte do seu doutoramento e trabalhar efetivamente com ações de ensino e pesquisa naquele contexto.

Os resultados dessa parceria têm fortalecido o GEF, os pesquisadores brasileiros, os pesquisadores italianos, e principalmente o público que recebe esses cursos, palestras, escolas de altos estudos e intercâmbios. Ver esses objetivos serem alcançados é ver a história desse grupo de pesquisa que se dedica a difundir o português ao redor do mundo, ser reconhecida dentro e fora da universidade, o que mostra o real fazer acadêmico, o real sentido de se fazer pesquisa, aproximando teoria e prática. Casseb-Galvão (2014, p. 152) diz que

em termos práticos, objetiva-se dar um passo efetivo para uma política de valorização da língua portuguesa falada no Brasil como L2; oportunizar a docentes e estudantes brasileiros e estrangeiros o intercâmbio de conhecimentos produzidos em centros de

investigações no Brasil e no exterior, com vista à atualização profissional e à divulgação desses conhecimentos; estimular o conhecimento da cultura e da língua italiana no grupo de estudos sediado no Brasil, a fim de promover melhor interação com o grupo estrangeiro.

Os estudantes que tem a oportunidade de participar desses intercâmbios, ao voltarem para as suas universidades de origem, trazem na bagagem novos conhecimentos e motivações, que refletem no grupo de estudo, pois esses conhecimentos serão compartilhados com todos, ou seja, mesmo quem não viajou para outro país, tem o seu conhecimento renovado a partir do aprendizado do pesquisador que foi para o intercâmbio. Assim, o GEF se fortalece, cresce e se consolida no estado de Goiás. Os benefícios desse tipo de projeto atingem todos os envolvidos. O GEF integra o grupo de pesquisa do CNPq “Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo” e atualmente desenvolve dois projetos principais, 1º - O português brasileiro em contexto italiano REDE/Itália, e o 2º - Projeto Fala Goiana”. A língua portuguesa ocupa hoje a 5ª posição no *ranking* das línguas mais faladas no mundo, o que coloca o Brasil em posição de destaque, visto que este é o maior país com o maior número de falantes. O Brasil é uma referência como país falante de português.

Esta Sequência Didática integra o projeto REDE/Itália. Ela também contempla a metodologia proposta por Casseb-Galvão (2014) em que ela destaca seis passos para a execução das ações do projeto, a saber:

- 1º - Divulgação de fenômenos característicos da gramática do português brasileiro e dos contextos de cultura e situacionais relativos à variedade goiana do PB.
- 2º - Documentação dos dados de fala dos aprendentes estrangeiros, através da coleta e da análise de rotinas interacionais faladas e escritas, seja em território italiano, seja em território brasileiro.
- 3º - Comparação dos dados de fala dos aprendentes com dados de fala goiana.
- 4º - Promoção de nova intervenção na rotina interacional dos envolvidos no projeto afim de melhorar a proficiência falada e escrita dos aprendentes de PB.
- 5º - Elaboração de material de apoio didático para o aprendente de português brasileiro como língua estrangeira, a partir da comparação de dados de fala desses aprendentes e de dados da fala goiana.
- 6º - Análise dos dados e divulgação dos resultados verificados – tanto no que diz respeito às características da gramática que emerge dos novos falantes de português brasileiro, quanto da sua percepção sobre a cultura e a identidade brasileiras –, enfocando os fenômenos relativos à gramática do PB divulgados em território estrangeiro durante as atividades interativas promovidas no contexto de execução dos cursos ministrados.

Essas ações tiveram êxito em seu desenvolvimento e hoje podemos encontrar diversos produtos desse trabalho de parceria. Esta sequência didática é um material didático-pedagógico que visa orientar o ensino, a divulgação e promoção do português brasileiro, o texto final será

um produto em língua portuguesa produzido pelos alunos italianos, produto voltado para o dialeto goiano, o resultado deste trabalho que também poderá embasar outras pesquisas.

No mais recente trabalho “Português em contexto italiano: história, instrumentalização, análise e promoção” publicado pela Editora UEG, os autores Déborah Magalhães de Barros, Gian Luigi De Rosa e Vânia Cristina Casseb-Galvão fazem uma apresentação dos resultados do trabalho do Projeto REDE/Itália, nessa obra trata-se do processo desenvolvido pelos pesquisadores ao longo da parceria entre universidades italianas e brasileiras. Nas primeiras páginas da obra é possível ver uma descrição do que é o projeto REDE/Itália, e sua importância para a divulgação do português brasileiro como língua estrangeira.

Sem desconsiderar as outras variedades do português nem a sua história, o projeto REDE/Itália destaca o Português contemporâneo falado no Brasil, reconhecendo-o como um exemplar da efervescência do português brasileiro (PB) como língua de interação global. Estão em evidência a língua e a cultura brasileiras visíveis na fala e na escrita, vernáculo, midiática e literária.

O REDE/Itália encontra-se já na sua segunda fase (2018/2023) para a qual são propostas investigações de fenômenos gramaticais e socioculturais cujas descrição e análise foram suscitadas importantes, conforme pesquisas diagnósticas desenvolvidas na 1ª fase (2014/2018), para subsidiar o processo de ensino e aprendizagem do PB como língua estrangeira, língua de herança, língua adicional naquele país.

Esta obra é resultado de reflexões decorridas na primeira fase do projeto REDE/Itália durante as muitas ações de pesquisa, ensino e extensão realizadas nesse período. No campo da pesquisa, estão em discussão questões da história da língua e de sua instrumentalização, descrições e análises diacrônicas, sincrônicas e pancrônicas; seleção de aporte teórico relevante e aplicação de resultados de pesquisas ao ensino transnacional. (Barros, De Rosa e Casseb-Galvão. 2019, p. 08)

A apresentação do livro “Português em contexto italiano: história, instrumentalização, análise e promoção” resume bem o que é o projeto REDE/Itália, e justifica o motivo pelo qual esta sequência didática está a serviço do Projeto, pois busca ensinar e promover o português brasileiro em contexto Italiano.

Esta sequência didática é um produto pautado no trabalho do GEF, é feita com vias à promoção do português falado em Goiás e é interdependente das parcerias, por isso, para que esse estudo se iniciasse e avançasse, é importante que o Grupo de Estudos Funcionalistas da UFG, continue atuando e buscando aprimorar as parcerias com outras universidades ao redor do mundo, além de fortalecer as já existentes com as universidades na Itália, contribuindo, assim, com a formação profissional, com a formação continuada e, conseqüentemente, com a educação do país. Essa parceria nos traz trocas de experiências, o que contribui com o desenvolvimento do coletivo.

Nesse sentido, essa sequência didática integra as ações do projeto REDE/Itália e coopera para a aprendizagem desses novos aprendentes de português. A corrente funcionalista consegue abarcar os aspectos teóricos-metodológicos da proposta do acordo de cooperação internacional que sustenta o projeto. Assim, essa sequência didática se mostra coerente com os objetivos traçados e descritos por Casseb-Galvão (2014). Nosso intuito é levar uma proposta com viés funcionalista do ensino de língua para a comunidade italiana. Para isso, priorizamos o falar goiano, visto que dentro do Brasil o léxico se diversifica de acordo com a região.

O projeto “Fala goiana” também de autoria do GEF fez um mapeamento da fala goiana, o que nos ofereceu o primeiro suporte, nos ofereceu a base para o estudo da fala goiana, e nos levou ao encontro do autor goiano, Gilberto Mendonça Teles, como fonte de léxico, expressões, e costumes típicos dos goianos. A partir do conhecimento do falar goiano por meio do projeto “Fala Goiana”, do qual fizemos parte em 2014, iniciamos a proposta de uma sequência didática que contemplasse especificamente o dialeto goiano.

O projeto REDE está na sua segunda fase em parceria com universidades italianas. A primeira fase iniciou-se em 2014 e encerrou-se em 2017. A segunda fase iniciou-se em 2018 e vai até 2023. A sequência didática aqui proposta se insere nesta segunda fase, que tem como tema “O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos” (fase II- aplicação). Atualmente, O projeto REDE/Itália envolve cinco universidades italianas (Unich, Unisalento, Unipi, Roma Tre, Unint) e quatro universidades brasileiras (UFG, UEG, UnB, UFMt-Barra do Garças). O projeto REDE com foco na Itália (REDE/Itália) prevê ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação. Os resultados de pesquisas descritivistas são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e língua de herança no contexto universitário italiano.

Nesta segunda fase do REDE/Itália, são propostas investigações de fenômenos gramaticais e socioculturais, resultado de pesquisas diagnósticas desenvolvidas na primeira fase, por isso, na nossa SD, estão em evidência a língua e a cultura brasileiras visíveis na fala e na escrita goianas, por meio do estudo da linguagem literária como subsídio para o processo de ensino e aprendizagem do PB como língua estrangeira.

CAPÍTULO 3- A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O objetivo deste capítulo é apresentar a nossa proposta de sequência didática. Apresentamos a metodologia da sequência didática e o seu desenvolvimento para alcançar o nosso objetivo, que busca propor uma sequência didática aplicável em contexto italiano. Ressalta-se que o professor que aplica, também deve ter ciência da metodologia que está sendo desenvolvida. Desse modo, tanto o desenvolvimento da proposta quanto a sugestão de sequência didática de português brasileiro estão baseados em rigor metodológico. Os autores que fundamentam este capítulo são Lousada (2010), Duarte (2015), Casseb-Galvão e Duarte (2018) e Ilari (2015).

Na última seção, estão os planos de aula, divididos em três aulas, com todos os elementos que constam na estrutura de um plano de ensino. Estão estruturados e organizados, mas podem ser adaptados e alterados pelo professor, pois, como mostramos no planejamento, são flexíveis.

3.1- Desenvolvimento da sequência didática: metodologia em sala de aula

Como já foi dito, esta proposta de sequência didática tem como objetivo principal ensinar português brasileiro para universitários em contexto italiano. Outro objetivo é também promover o português brasileiro, dando ênfase ao dialeto falado em Goiás, valorizando-se a cultura local, por meio do trabalho do autor goiano Gilberto Mendonça Teles. Para isso, elegemos o gênero poema como ferramenta para o ensino de português brasileiro. Nesse sentido, nossa proposta de sequência didática inter-relaciona o ensino de português brasileiro como língua estrangeira e os aspectos sócio-históricos culturais da região Centro-Oeste do Brasil.

Segundo Liberali (2011) *apud* Lousada (2010, p. 82), a língua estrangeira (LE) pode desempenhar uma função transdisciplinar no currículo, auxiliando no processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica e contribuindo, assim, para a construção da formação do aluno.

Optamos por estudar os poemas do autor Gilberto Mendonça Teles, por considerá-lo um dos principais autores goianos, com um grande número de obras publicadas, sendo uma referência internacional. A escolha do autor também justifica a seleção do gênero poema, pois Gilberto Mendonça Teles sendo poeta e crítico literário, nos proporcionou conhecer mais a respeito do estado de Goiás por meio de seus poemas. Assim, optamos por trabalhar com

poemas, por considerá-lo um gênero capaz de carregar informações, e é uma maneira de fazer o nosso aluno ter contato com diversos conteúdos, em um espaço curto de tempo, além de entender por meio do gênero poema a representação da cultura de um povo.

Essa sequência foi elaborada para alunos universitários em contexto italiano. Esse público já faz parte da parceria entre universidades italianas e a Universidade Federal de Goiás, por isso, é natural que alguns desses alunos já tenham algumas noções de língua portuguesa. Por isso, consideramos que nosso aluno está classificado, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, com o nível intermediário de proficiência em língua portuguesa. Pretendemos contribuir com o processo ensino-aprendizagem da língua, possibilitando o que Louzada (2010) propõe como os objetivos do aprendente.

Para Louzada (2010), “as razões pelas quais esses alunos procuram aprender a língua estrangeira são diversas, incluindo poder comunicar-se durante viagens turísticas, realizar estudos no exterior, procurar trabalho, e/ou ter acesso à literatura para estudos e/ou lazer” Lousada propôs uma sequência didática para o ensino de francês em que traz dois temas transversais: a língua; e a cultura da França contemporânea.

Baseada na sequência didática de Lousada (2010), Duarte (2015) e Casseb-Galvão e Duarte (2018) apresentamos nossa proposta de sequência didática para o ensino de português brasileiro, por meio do gênero poema do autor Gilberto Mendonça Teles.

Nessa sequência didática, as seis aulas serão divididas em três encontros, nos quais serão trabalhados alguns conteúdos selecionados, como:

- 1º - Apresentação do gênero poema e do autor Gilberto Mendonça Teles;
- 2º - Apresentação da biografia do autor, e a relevância de sua obra para a cultura goiana;
- 3º - Como os poemas podem ser usados como ferramenta de ensino do vocabulário goiano;
- 4º - Aspectos fonéticos peculiares do dialeto goiano; Regionalismos; Significados;
- 5º - Léxico: formação lexical, Aumento do repertório lexical do português brasileiro;
- 6º - Questões morfológicas e pragmáticas da gramática funcionalista;
- 7º - Continuo fala e escrita;
- 8º - Aspectos da cultura local;
- 9º - Intertexto nas frutas e rios da região de Goiás, topônimos entre outras coisas.
- 10º - Metalinguagem, siglas e acrônimos.

O desenvolvimento de uma sequência didática requer atenção, dedicação e acompanhamento detalhado do trabalho do aluno. Por isso, propusemos exercícios que fossem claros tanto para alunos quanto para os professores. A proposta é que os alunos, a partir da sequência das aulas, aumentem seu repertório lexical, compreendam o texto e sejam capazes de desenvolver seus próprios textos de maneira individual, mas orientada pelo professor.

Pretendemos desenvolver o conhecimento de língua portuguesa, a consciência crítica e a percepção da diversidade linguística pelos alunos estrangeiros, para isso, esta proposta volta-se para a formação sociocultural do indivíduo, a partir do conhecimento do estado e de poemas regionais, por meio de poemas, músicas e vídeos. Acredita-se que o ensino de língua é mais eficaz quando está embasado na cultura da sociedade que fala a língua ensinada. O aprendizado é avaliado e aprimorado no decorrer do desenvolvimento da sequência didática.

Duarte (2015) mostra como se dá a avaliação nessa metodologia de ensino, destaca que avaliar é um processo que ocorre de maneira mais global. Trata-se de uma avaliação processual de ensino-aprendizagem, que deve ser feita elencando-se os aspectos produtivos e as possíveis falhas, a fim de que possam ser reparadas, para que haja uma mudança, ou haja adaptação da metodologia.

Zabala (1998, p. 58) afirma “que a partir das observações que o professor faz ao longo da unidade e a partir do resultado da prova/exame, este comunica aos alunos a avaliação da aprendizagem”, reafirmando a necessidade do diálogo entre professor e aluno e a importância de deixar os objetivos e os meios utilizados para a avaliação bem explícitos.

Para construir esse planejamento, optou-se pela sequenciação de atividades articuladas a partir da proposta do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas que orienta os professores com as competências (conhecimentos, capacidades, atitudes) que os alunos de língua estrangeira deverão construir no percurso das aulas. Nossa proposta permite ao aluno responder aos desafios da comunicação que vão além da língua, mas também os culturais, realizarão tarefas comunicativas e atividades nos vários contextos da vida social, e também serão inseridos na cultura da comunidade da qual a língua ensinada faz parte.

Nossa sequência didática está estruturada em três grandes etapas. Em cada uma delas são introduzidos textos do autor Gilberto Mendonça Teles, seguido por explicações e exercícios. Busca-se, em cada etapa, a progressão do conteúdo e o aprimoramento do vocabulário.

A primeira etapa compreende uma aula, que se desdobram em fase de diagnóstico e apresentação do território e do que se pretende estudar, como: autor, gênero poema, português brasileiro e o dialeto goiano.

Na segunda etapa, o professor explica os textos e busca o ensino de conteúdos básicos específicos, como: clima, relevo, vegetação e orienta a respeito dos campos lexicais, corrige os verbetes, gênero textual que será o texto final da sequência, o produto do trabalho desenvolvido nas três aulas. Nesse momento, os objetivos do processo de ensino devem ficar muito claros.

E, na terceira etapa, o professor apresenta novos textos, vídeos, canções interligando Brasília e Goiânia, usando a metalinguagem para estudar as siglas e os acrônimos da língua portuguesa. É o momento para sanar dúvidas, fazer as últimas correções, com o objetivo de aprimorar o conhecimento do aluno, para então desenvolver a avaliação quantitativa e qualitativa do aproveitamento do seu aluno e, naturalmente, da sequência didática.

A seguir, apresentamos esse quadro adaptado do trabalho de Duarte (2015). Ela o chama de macroestrutura da sequência didática e Lousada (2010) o chama de Módulo da sequência didática, sendo a estrutura similar à proposta por Duarte (2015) e as atividades semelhantes às aquelas propostas por Lousada (2010).

Quadro 04: Macroestrutura da sequência didática

AULA /ETAP A	OBJETIVO	TEXTOS	ATIVIDADE
01	Promover o contato inicial com o texto e com o autor; aproximar o aluno com a língua portuguesa brasileira. Diagnosticar o nível de leitura dos alunos. Apresentar a relação do povo com o território goiano. Estimular o desenvolvimento da leitura e da pesquisa, proporcionando aos alunos uma interação mais efetiva com o texto. Explorar junto com os alunos tudo que o Texto “Lira Goiana” lhes ofereceu. Estudar Topônimos e Hidrotônimos. Apresentar as variantes da palavra “Córrego”; Apresentar o R retroflexo.	Texto - LIRA GOIANA	Leitura silenciosa e coletiva. Conhecimento da pronúncia dos alunos. Seleção do léxico que fará parte do texto final do aluno. Pesquisa sobre os rios de Goiás, fazendo referência aos rios citados no texto. Leitura e compartilhamento de dúvidas Reconhecimento do léxico encontrado no texto <i>Lira Goiana</i> Conhecimento da pronúncia dos novos vocábulos. Produção escrita, elaboração de um texto do gênero verbete, utilizando vocábulos que identifiquem elementos do cerrado, um rio ou uma fruta de seu interesse, reunindo o léxico já estudado nas aulas. Leitura do texto “Topônimos de Origem Indígena: O papel do tupi na nomeação dos lugares goianos”.
02	Apresentar os textos “Frutas” e “Ritual”. Explicitar os campos lexicais e os domínios semânticos da flora e dos alimentos. Explorar estações climáticas do bioma cerrado. Mostrar a diversidade de frutas presentes em terras goianas. Fazer conhecer as imagens das frutas típicas do cerrado, através de vídeos e imagens. Valorizar o vocabulário específico. Desenvolver habilidade escrita.	Texto - RITUAL Texto - FRUTAS	Leitura silenciosa e coletiva. Conhecimento da pronúncia dos alunos. Reescrita do texto dos verbetes Apresentação dos resultados da pesquisa na internet a respeito das frutas. Apresentação das imagens das paisagens goianas, elencando o vocabulário. Correlação entre imagem e nome das frutas. Refacção do texto atentando-se às correções feitas pela professora. Seleção do léxico para compor os verbetes.

03	Apresentar os textos D.F. e Linguagem. Desenvolver o conceito de metalinguagem. Explanar sobre os tópicos sigla e acrônimo. Correlacionar Goiânia e Brasília. Apresentar a intertextualidade nos poemas, crônicas, vídeos e canções da SD. Apresentar outras cidades turísticas de Goiás. Oferecer outros textos e canções para o acervo dos alunos. Consolidar o vocabulário aprendido, sanando possíveis dúvidas quanto ao léxico do português brasileiro falado em Goiás.	Texto-D.F. Texto-Linguagem	Leitura e produção escrita, Atenção à identidade marcada no texto “D.F”, e à pronúncia das palavras por alguns goianos, considerando a identidade goiana, e as suas peculiaridades, cultural e linguística, marcada também no texto “Linguagem”. Pesquisa sobre a construção da capital do Brasil, Brasília e a capital do estado, Goiânia. Finalização do conteúdo. Produção do texto final da SD, cumprindo as três refações. Esse texto deve ter no mínimo 10 verbetes. Reescrita do texto, atendendo as correções feitas pela professora, e entrega da versão final, para a avaliação do conteúdo estudado, do desempenho e do aproveitamento.
----	---	--	---

Fonte: autora, 2020.

Este quadro é uma síntese, um norteador resumido da progressão didática de toda a sequência, a partir dessa macroestrutura desenvolvem-se os planos de aula separadamente.

3.2 Planos De Aula

Os planos de aula estão organizados para duas horas/aulas, e foram ordenados em uma sequência lógica para que o professor consiga se situar, sabendo onde ele (o professor) está, e quais os objetivos poderá alcançar com a sequência didática. Buscamos construir os planos de maneira descomplicada, apontando o passo a passo da sequência didática, descrevendo as atividades e dando as instruções que consideramos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho.

A seguir estão os três planos com a nossa proposta de sequência didática. O plano tem a seguinte organização, o que é um padrão para todos:

1º - Um poema de Gilberto Mendonça Teles.

2º - A análise sócio-discursivo-cultural do poema apresentado em que fazemos a interpretação textual, acrescentando peculiaridades próprias do Estado de Goiás.

3º - Plano de aula. Todos os planos de aula estão organizados igualmente.

4º - A metodologia apresentada no plano de aula segue um padrão, a exposição dos conteúdos com o auxílio de slides.

5º - Os slides da sequência didática. Os slides são um direcionamento para o professor seguir durante a aplicação da sequência. Por isso, abaixo de cada slide, apresentamos os objetivos do slide, descrevemos o que pode ser explorado a partir do que está posto, propomos

estratégias para o desenvolvimento da aula e sugerimos leituras que auxiliarão o professor na execução do trabalho e o que esperar das atividades dos alunos.

6º - Depois dos slides, há uma reflexão do processo de ensino/aprendizagem em que exploramos os objetivos que pretendemos alcançar com a respectiva aula, apresentando nossa contribuição discursiva para o que foi proposto para o ensino e aplicação da metodologia, assim como para a avaliação.

Os planos de aula terão em comum os recursos humanos e os materiais que serão utilizados, são eles: Professor e aluno. Data show, fotocópia, computador, caixa de som, quadro branco e pincel, ou quadro e giz. Outro ponto em comum nas aulas será a Avaliação, pois, será avaliada a participação dos alunos, o desempenho durante a leitura, e o envolvimento na atividade, trata-se de avaliação processual.

3.3 - AULA 1: Apresentação e Diagnóstico

Texto - LIRA GOIANA

Repartam o meu corpo pelos rios de Goiás:

a mão esquerda acariciando as águas do Araguaia,
a direita desenhando os rumos do Paranaíba,
os pés brincando nas águas do Aporé e do Verdão,
a cabeça na junção do Araguaia e Tocantins
(quero governar daí as artimanhas e latifúndios),
os joelhos no Rio dos Bois e no Caiapó,
o sexo bem enterrado na lama do Meia-Ponte.

Mas deixem minha alma no Rio das Almas,
deixem meu coração batendo no Rio Turvo,
deixem minha língua nas areias do Corumbá
pra alegria dos bagres, dos lobós
e das piranhas traidoras.

Ah! deixem também meu cachimbo fumegando
Nos borrifos de luz da Cachoeira Dourada:
quero ser como um instante de arco-íris
nos olhos das mulheres de Goiás.

(TELES, G. M. 1982)

O texto Lira Goiana trata do amor pelo Estado de Goiás, da escolha do poeta por ser repartido entre os rios, depois de sua morte e o léxico é voltado para a identificação dos rios que banham Estado.

O eu-lírico dá instruções do que fazer com cada parte do seu corpo, uma ordem concluída com dois pontos, mostrando que em seguida virão os itens que ele quer repartir e guiando onde quer estar. Uma referência a morte. Em que cada parte ou membro do corpo humano, estará/ficará em um rio de Goiás, o que traz também uma inferência a respeito das características dos rios. Essas referências relacionam a localização do rio e a parte do corpo humano. Relacionam funções de determinada parte do corpo humano que são usadas em favor da personagem e do rio.

O professor pode iniciar a contextualização do conteúdo, dizendo que o texto simboliza o desejo de retornar e permanecer no Estado de Goiás, fazendo coisas que outrora fizera como: acariciar as águas do Rio Araguaia, este que é o maior rio do estado de Goiás e passa por vários municípios goianos como: Aragarças, Aruanã, Baliza, Distrito de Itacaú em Britânia, Distrito de Luiz Alves em São Miguel do Araguaia e Santa Rita do Araguaia. Esses municípios fazem fronteira com o estado do Mato Grosso. O Rio Araguaia é uma divisa natural entre os dois estados do Centro Oeste. Este é o principal rio para a população Indígena Karajá, localizada no município de Aruanã.

O Rio Araguaia nasce na zona rural do município de Mineiros, a 425 Km de Goiânia, ao Sudoeste do Estado, próximo à divisa dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, contorna o lado esquerdo do estado de Goiás, até chegar no estado do Tocantins e contorna o lado esquerdo do Estado do Tocantins até encontrar o Rio Tocantins na fronteira do estado do Pará com o Estado do Maranhão. Tem aproximadamente 2.000 km de extensão.

Essas informações sobre localização, municípios por onde passa o Rio Araguaia, as fronteiras do estado de Goiás e a distância em quilômetros, podem ser vistas em sala de aula a partir do aplicativo Google Maps, ou mesmo outro aplicativo de localização.

O Rio Araguaia é uma referência para o povo goiano, pois no período de julho e agosto as praias do Rio Araguaia ficam lotadas de banhistas. Ocorre nesse período a chamada Temporada do Araguaia, em que todos os finais de semana, atrações nacionais se apresentam em palcos, fazendo shows gratuitos para o público de milhares de pessoas, que aproveitam as férias escolares para se refrescar nas águas do rio e se divertir, desfrutando da natureza encontrada no local. Aruanã recebe anualmente cerca de 200 mil visitantes, localizada a aproximadamente 315 km de Goiânia capital do Estado, é um dos principais destinos de quem tem interesse em conhecer as belezas naturais da região do Araguaia.

No site G1 Goiás é possível ter acesso a um vídeo mostrando as belezas do Rio Araguaia e de Aruanã. Esta reportagem faz parte de uma série de reportagens denominadas “A força do Araguaia”. O link para assistir ao vídeo junto com os alunos é <http://g1.globo.com/goias/videos/v/ate-o-fim-da-temporada-cidade-de-arua-na-deve-receber-cerca-de-150-mil-visitantes/2050222/>. Além dessa reportagem, compartilhamos a reportagem do Jornal Anhanguera, disponível no site G1 Goiás, em que o repórter Adriano Régis mostra um pouco do Rio Araguaia na Cidade de Aragarça, fronteira com Mato Grosso. O vídeo pode ser encontrado no link <http://g1.globo.com/goias/videos/t/todos-os-videos/v/rio-araguaia-tem-belas-vistas-o-dia-todo/7780331/>

O Rio Araguaia é o símbolo máximo da relação de amor entre o goiano e a sua terra. Outro texto que pode demonstrar essa relação é a canção “Araguaia” popularizada na voz de Marcelo Barra, transcrita a seguir.

Longas noites, madrugadas
Quanta beleza pra um só lugar
Água limpa a se perder
Não, não volta nunca mais

Lentamente no abandono
Uma estrela atravessou o céu
Encena um tema de ternura
Um pesadelo da razão

Meu Araguaia
Suas areias cobriram meus pés
Seu encanto fez do pranto
Um acalanto pra nós dois

E na rede ensimesmado
Sonho sonhos que já estão em mim
Sinto a vida que eu levo aqui
Não esqueço nunca mais

Esta canção pode ser ouvida acompanhada de imagens do Rio Araguaia no YouTube no link <https://www.youtube.com/watch?v=fiFbQRQzL10> e a letra pode ser encontrada no site www.letras.mus.br no link <https://www.letras.mus.br/marcelo-barra/1660717/>. Além dessa canção que o professor pode trabalhar a relação do goiano com o Rio Araguaia, Marcelo Barra também

tem outras composições que são propícias para se trabalhar com o dialeto goiano, como por exemplo, “Goiano de todo Canto”.

Sou goiano de todo canto,
Da lua, do céu de anil
da prosa, do abraço apertado
Do coração do Brasil.
Goiano do Carro-de-boi
das asas de um avião
Da guitarra e da viola,
Sou goiano de coração.
Goiano da catira,
Congada, folia e modão
Coração de seresteiro
Dos luares do sertão.
Goiano do arroz e feijão
pinga boa não pode faltar
A primeira dose é pro Santo,
que é pra Deus abençoar.

Sou goiano, sou **araguaia**
Pirenópolis, Vila Boa
Veiga Valle, Carmo Bernardes
Bernardo, Ellis, Belquiz
Coralina, Poteiro e Sirón
Tantas letras e tantos sons
Qualquer dia a gente se encontra
Vai ser bom demais da conta. (2x)

A letra e a canção estão disponíveis no site www.letras.com.br, no link <https://www.letras.com.br/marcelo-barra/goiano-de-todo-canto> e vídeo no YouTube, no link <https://www.youtube.com/watch?v=Fj5BuzxOW4g>.

Essas músicas servirão de base para uma melhor compreensão do amor do povo goiano pelo Rio Araguaia. Além de serem ricas em vocabulário, proporcionam esse conhecimento a partir da canção de um compositor goiano.

Outro rio que tem destaque no poema de Teles e na vida de muitos goianos é Rio Paranaíba, que faz a fronteira natural do Estado de Goiás com o Estado de Minas Gerais, este rio banha a cidade de Itumbiara, localizada ao sul do Estado de Goiás e percorre a fronteira até encontrar o Rio Verde. Ele é um rio muito importante para a hidrografia do Estado de Goiás.

“Desenhar os rumos do Rio Paranaíba” faz referência às suas sinuosidades, presente nos contornos de boa parte do Estado de Goiás.

Nos versos “Os pés brincando nas águas do Aporé e do Verdão”. O eu-lírico acrescenta mais dois rios. O Rio Aporé está localizado ao sul do Estado, fazendo a fronteira natural com o Estado do Mato Grosso do Sul, até encontrar o Rio Paranaíba. E o Rio Verdão que se localiza na região Sul do Estado de Goiás, mas não faz fronteira natural, é um rio caudaloso que banha a cidade de Maurilândia - GO.

A cabeça, que é considerada uma parte superior e importante para a tomada de decisões, o eu-lírico pede que fique na junção dos dois maiores rios da região, o Araguaia e o Tocantins, para que de lá possa governar as intrigas e os latifúndios, os quais são prejudiciais aos rios. Nesses dois rios estão as maiores Usinas Hidroelétricas da região, e, por isso, são ameaçados pelo desmatamento e cercados por plantações de soja e outras monoculturas. A cabeça significa uma liderança pensante e sua presença nesse ponto tão importante da geopolítica goiana poderia, metafórica e metonimicamente falando, amenizar alguns danos ao Estado e à sociedade Goiana.

Os joelhos, importantes recursos de articulação ficariam no Rio dos Bois e no Rio Caiapó, dois rios que fazem a ligação de outros rios da região. O Rio dos Bois é um muito grande em extensão, recebe as águas do Rio Verdão e deságua no Rio Paranaíba, ao Sul do Estado.

E o sexo, parte considerada impura em muitos domínios discursivos, pode ser enterrado na lama do Rio Meia Ponte. Este rio é o mais próximo da capital Goiânia, nele ficam as unidades de abastecimento de água da cidade, no entanto, a parte do rio que atravessa a capital é muito poluída, o assoreamento e a poluição deram origem a uma lama barrenta que faz com que algumas áreas próximas ao rio tenham um cheiro desagradável.

O Rio das Almas atravessa a cidade de Pirenópolis, uma cidade histórica e muito procurada também pelo turismo ecológico, conhecida por suas trilhas e cachoeiras. O Rio Turvo tem águas turvas e agitadas. O Rio Corumbá é formado por lagoas, cachoeiras, áreas de praia de água doce. Este rio tem uma grande extensão, atravessa muitos municípios, inclusive o Município de Caldas Novas, um destino turístico constituído de muitos parques aquáticos e águas termais.

Nesses rios e lagoas encontram-se peixes como bagres, lobós e piranhas. Esses peixes são carnívoros e são conhecidos pelos goianos que frequentam os rios da região, eles podem ser encontrados em outras regiões do Brasil com outros nomes. O lobó é chamado também de

traíra, um peixe difícil de segurar, escorregadio. O nome desses peixes remete metaforicamente à sociedade goiana.

Cachoeira Dourada é o nome de uma cidade às margens do Rio Paranaíba, nela fica localizada a Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada. É comum, na vasão das águas (abertura das comportas) das hidrelétricas a formação de arco-íris. E aqui há uma marca forte da obra de Teles à exaltação da figura feminina. É possível ver o reflexo da luz nas gotículas de água formando pequenos arco-íris, uma beleza apreciada por todos os visitantes.

PLANO DE AULA: 01

ATIVIDADES COGNITIVAS:

- Leitura silenciosa e coletiva.
- Conhecimento da pronúncia dos alunos.
- Seleção do léxico que fará parte do texto final do aluno.
- Pesquisa sobre os rios de Goiás, fazendo referência aos rios citados no texto.
- Leitura e compartilhamento de dúvidas
- Reconhecimento do léxico encontrado no texto *Lira Goiana*
- Conhecimento da pronúncia dos novos vocábulos.
- Produção escrita, elaboração de um texto do gênero verbete, utilizando vocábulos que identifiquem elementos do cerrado, os nomes dos rios e outras palavras de seu interesse, reunindo o léxico estudado na aula.

CONTEÚDO:

- Quem é Gilberto Mendonça Teles?
- O que ele escreve sobre Goiás?
- Texto *Lira Goiana*
- Onde fica o estado de Goiás?
- Localizar o Estado de Goiás na geografia do Brasil.
- A relação de Goiás com o Brasil.
- Algumas curiosidades acerca da cultura goiana.
- Topônimos e Hidrotopônimos

JUSTIFICATIVA

Por se tratar do primeiro dia de aula, faz-se necessário situar o aluno acerca da metodologia de trabalho, deixando claros os objetivos e o que se pretende alcançar até o final da sequência didática. Essa aula tem o objetivo de apresentar e diagnosticar, com o intuito de saber quais os conhecimentos prévios dos alunos e seu grau de conhecimento da língua portuguesa.

OBJETIVOS

- Promover o contato inicial com o texto e com o autor;
- Aproximar o aluno com a língua portuguesa brasileira.
- Diagnosticar o nível de leitura dos alunos.
- Apresentar a relação do povo com o território goiano.
- Fazer conhecer a cultura goiana por meio do texto do autor Gilberto Mendonça Teles.
- Estimular o desenvolvimento da leitura e da pesquisa, proporcionando aos alunos uma interação mais efetiva com o texto.
- Explorar junto com os alunos tudo que o Texto “Lira Goiana” lhes ofereceu.
- Estudar Topônimos e Hidrotopônimos.
- Apresentar as variantes da palavra “Córrego”
- Apresentar o R retroflexo.
- Proporcionar aos alunos diferentes forma de leitura, em diferentes veículos de comunicação, poemas, reportagens, vídeos, músicas e artigos.

METODOLOGIA

Disponibilizamos aqui 22 imagens dos nossos slides, que compõem a primeira aula. Eles estão enumerados, apresentados e descritos separadamente para auxiliar a aula do professor da SD. Ressaltamos que as imagens que não receberam referencias no corpo do slide, tem como fonte: Google/domínio público.

O slide 01 é o início da sequência didática, é como uma capa do trabalho, é o slide de introdução da aula, momento em que o professor iniciará a conversa sobre o que pretende ensinar.

Figura 02: Slide 01

AULA 1

Sequência Didática para o Ensino de Português Brasileiro

Professora: Keitiany Brito
Mestranda em Letras e Linguística- UFG

Conhecimentos pressupostos para essa aula - Classe da palavras - Tipos de substantivo - Derivação - Prefixo e Sufixo	Conteúdo da aula: - Português Brasileiro - Estado de Goiás - Gilberto Mendonça Teles - Topônimos
---	---

Fonte: autora, 2020.

Como o slide sugere, para a execução desta sequência didática, o professor deve ter algumas leituras a respeito do conteúdo que será ensinado.

Ao longo da sequência sugeriremos textos acadêmicos que facilitarão a aplicação do conteúdo nas aulas da sequência, e, no corpo da sequência, sugerimos artigos científicos para os alunos lerem após as aulas.

Para a primeira aula, é necessário que os alunos tenham alguns conhecimentos a respeito de língua e linguagem, conceitos e definições sobre o que vem a ser: gênero textual, Pragmática, Gramática das línguas, Sintaxe, e principalmente, Morfologia, no que concerne à classe de palavras, os processos de formação e composição de palavras, derivação, prefixação e sufixação, além de campos e domínios lexicais. Para o professor, sugerimos a leitura de “A construção morfológica da palavra”, livro de Angela Rodrigues e Ieda Maria Alves (2015), nele, esses conceitos são apresentados a partir de ocorrências reais de uso do português brasileiro.

No primeiro momento da aula, o professor fará a apresentação da sequência didática, e fala o que é essa metodologia de ensino, como organizará o seu trabalho, como avaliará os seus alunos, e qual o produto que ele espera ter ao final da sequência didática.

Ele deve apresentar também o objetivo de ensinar português brasileiro com ênfase no dialeto goiano e tratar da produção textual prevista para o final da sequência, na qual constarão os usos e expressões estudados pelos alunos no decorrer do texto, este deve ficar muito claro

para os alunos, que poderão ter dúvidas sobre verbetes, vocabulário, lista de palavras e glossário. Essa proposta sugere que ao final os alunos entreguem alguns verbetes, mas isso também deve ser acordado com os alunos.

Depois o professor deve apresentar os quatro tópicos de destaque da primeira aula, fazendo uma breve introdução dos assuntos.

O professor também deve checar o que considerar conhecimento pressuposto para o aluno dessa sequência, dando atenção às respostas dos alunos, afim de diagnosticar o que já sabem e o que precisará ser reforçado para se obter êxito no processo de ensino e aprendizagem.

Depois dessa introdução do slide 01, o professor passará ao conteúdo propriamente dito. A partir do slide 02, o professor começará a apresentar o Brasil, o objetivo inicial é ir do macro ao micro, ou seja, iremos falar do Brasil para e então chegamos ao Estado de Goiás. No slide 02 oferecemos fontes que poderão ser consultadas para verificar diversos dados referentes ao Brasil, assim como dados de cada Estado brasileiro.

Figura 03: Slide 02

O Brasil, o português brasileiro e o dialeto goiano.



Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/regioes-do-brasil/>

O Brasil faz parte da América do Sul, o país tem cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Tem 26 estados e um Distrito Federal. Tem aproximadamente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, Disponível no site do IBGE <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>



A língua oficial é o **português**, mas também tem a LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais e aproximadamente 274 Língua Indígenas, segundo o site da FUNAI- Fundação Nacional do índio. Disponível no site: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>. E mais algumas línguas de herança no sul do país.

Fonte: autora, 2020.

O professor pode começar a aula apresentando o Brasil, com o objetivo é situar o aluno quanto á: localização do Brasil em relação à América do Sul, suas principais fronteiras, citando os países vizinhos. (Paraguai, Uruguai, Argentina, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana Inglesa, Suriname, Guiana Francesa). Ele pode destacar a influência das línguas espanhola e francesa nas regiões de fronteira.

O professor deve destacar a divisão geopolítica do Brasil, e o número de estados por região. A região Norte tem sete estados, (Amapá, Pará, Tocantins, Acre, Roraima, Rondônia e Amazonas), a região Nordeste tem nove estados (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), a região Sul tem três estados (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina), a região Sudeste tem quatro estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Vitória), e a região Centro-Oeste tem três estados (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). O professor pode dar destaque para o fato de o Brasil ter alguns estados com extensão territorial maior que alguns países do mundo, dando uma noção do tamanho do Brasil.

Para falar da população e extensão geográfica, o professor pode recorrer ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. No site há a contagem em tempo real da população do Brasil. O IBGE é um instituto importante para coleta de dados e pesquisas a respeito do Brasil.

Outro site interessante para pesquisa é o da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, nele professores e alunos terão acesso aos dados sobre povos indígenas brasileiros, o que pode também ser importante para o fato de que em nosso país não se fala apenas português.

Em seguida, o professor começara a abordar a história da língua portuguesa no Brasil.

No slide 03 o professor deverá continuar falando das línguas faladas no Brasil, este é o momento de apresentar a Língua Portuguesa. Ele apresenta fatos históricos, como a colonização do Brasil e convida os alunos a conhecerem os dialetos brasileiros.

Figura 04: Slide 03

O português brasileiro

- A história de como se formou a língua portuguesa falada no Brasil.

Segundo Ataliba de Castilho, não foi propriamente o Português falado nas aulas da Universidade de Coimbra que desembarcou em nossas praias. Era o português popular, não-padrão, o primeiro que se fez ouvir nas plagas americanas. Dele deriva, de forma direta, o **Português Brasileiro** popular. A história sociolinguística às vezes se repete,

Sugestão de Leitura - Texto: A hora e a vez do português brasileiro
<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>

- E o dialeto goiano?
- Mais Goianês, menos caipira.



"Achamos no Brasil: o 'goiânes' que inclui em seu vocabulário palavras próprias". Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=zpy4pQZ8Vsg>

Fonte: autora, 2020.

O professor introduzirá este slide abordando o contexto histórico da língua portuguesa e sua chegada ao Brasil. Para embasamento teórico, sugerimos a leitura do capítulo “Uma viagem às origens do português” do e-book “Português em contexto italiano: História, instrumentalização, análise e promoção”, de Barros, De Rosa e Casseb-Galvão (2019), disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/editora_ueg/conteudo_compartilhado/11118/ebook_portugues_em_contexto_italiano_2019.pdf, nele o professor terá o suporte necessário para abordar a história da língua portuguesa.

Sugerimos também a leitura de obras do autor Ataliba de Castilho, que é uma referência brasileira no estudo de português brasileiro, por isso, trago o artigo “A hora e a vez do português brasileiro” (2017), no qual o autor apresenta a trajetória da língua portuguesa depois que esta chegou ao Brasil, as influências dos índios, dos negros e dos colonizadores no que se tornou a língua que falamos hoje. A formação do português brasileiro se deu de maneiras diferentes nas regiões do Brasil, e, por isso, o país é entrecortado de dialetos e sotaques.

Nesse contexto, o professor deve apresentar o dialeto goiano, abordando suas características, sua formação e desmistificando informações não científicas sobre as questões dialetais, regionais e de sotaque, reforçando o caráter cultural dos diferentes falares. Esse é um momento oportuno para, por exemplo, os alunos assistirem a uma reportagem a respeito do falar goiano, exibida pelo programa Domingo Espetacular, que mostra particularidades da comunicação goiana, o léxico e expressões típicos do povo goiano, entre outras curiosidades da cultura goiana.

Após o vídeo, é importante que o professor comente a reportagem, valorizando as questões culturais destacadas nas imagens e tire dúvidas a respeito de alguma expressão desconhecida pelos alunos.

O professor pode mostrar aos alunos que o dialeto goiano tem uma identidade própria e esta será explorada durante toda a sequência didática, que as palavras que foram ouvidas nesse primeiro vídeo já podem compor o seu inventário de usos e expressões como os verbetes.

Assim, o professor retoma a explanação a respeito do estado de Goiás.

No slide 03 o professor deverá focar seus conhecimentos na região Centro-Oeste. Depois de falar do Brasil de forma mais geral, ele poderá apresentar as peculiaridades da região que será a principal fonte de pesquisa desta sequência didática.

Figura 05: Slide 04

Fonte: autora, 2020.

O professor abordará, especificamente a região Centro-Oeste, com o objetivo de situar o aluno a respeito do estado de Goiás. Ele pode mostrar também peculiaridades da região, como:

- A única que não tem litoral.
- A maior produtora de carne bovina e soja. (site do IBGE)
- A que fica com a maior parte do bioma cerrado. (site do ICMBio)
- A única que tem o bioma pantanal. (Site da WWF Brasil)
- São estados demograficamente menos populosos que o Sul e o Sudeste. (site do IBGE)
- Tem uma história recente. (Cuiabá tem 300 anos, Campo Grande tem 120 anos, Goiânia tem 86 e Brasília tem 60)

O professor pode citar algumas curiosidades sobre o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

- Em Cuiabá fica localizado o ponto geodésico, o ponto central da América do Sul.
- O pantanal é a maior área alagada do mundo, com uma grande biodiversidade.
- Bonito-MS tem águas azuis e cristalinas por causa do calvário presente na região.

Por se tratar de uma região com grande biodiversidade, nascentes de rios e cachoeiras, o Centro-Oeste é um destino procurado por quem aprecia o turismo ecológico, que é uma das principais atividades econômicas da região, junto com o extrativismo. No entanto, a agricultura e a pecuária têm o destaque econômico. O professor pode pesquisar o site da Embrapa e do IBGE a respeito do tamanho do rebanho, e o tipo de animais que são criados na região. E também terá acesso às informações a respeito das plantações agrícolas, mais

especificamente, da soja e do milho, observando a relevância desses estados para a produção brasileira, e sua contribuição com o PIB nacional.

Depois de abordar a região Centro-Oeste, o professor deverá conduzir a aula para o estudo do Estado de Goiás. No slide 04 oferecemos mapas que podem ser encontrados facilmente na internet, que auxiliarão na explanação da aula e na localização do Estado.

Figura 06: Slide 05



Fonte: autora, 2020.

O objetivo agora é apresentar especificamente o estado de Goiás. Sugerimos que o professor pesquise no site do IBGE dados relevantes a respeito desse Estado.

No mapa do Brasil, podemos visualizar o estado de Goiás na cor verde, e o Distrito Federal na cor vermelha. O Estado está localizado no centro de Brasil, e este foi um dos motivos para a concessão do território para a construção da capital federal, Brasília. Goiás faz fronteira com cinco estados brasileiros e o com Distrito Federal. Sua capital é Goiânia, conhecida como a capital da música sertaneja.

Segundo o IBGE, o estado tem 246 municípios. Com população de 7. 077, 257 habitantes. Entre os municípios mais populosos estão: Goiânia com 1.302,001 habitantes, Anápolis com 334.613,00 e Aparecida de Goiânia com 455. 657,00 pessoas. Esses municípios formam a região metropolitana de Goiânia. O estado tem dez grandes regiões.

Entre os municípios mais conhecidos estão: Goiânia, a capital do estado, Trindade, local da festividade religiosa do Divino Pai Eterno, Goiás: primeira capital do estado e

patrimônio histórico. Pirenópolis: cidade histórica, patrimônio histórico nacional tombado pelo IPHAN- Instituto Patrimônio, conhecida também pelas cachoeiras e trilhas. Alto Paraíso: faz parte da Chapada dos Veadeiros, muito visitada devido ao turismo ecológico.

Goiás é um estado muito rico, em belezas naturais e também por causa da agricultura e pecuária. Antigamente também houve exploração de ouro, especialmente, por um grupo predatório chamado “Bandeirantes”, e hoje ainda há a extração de pedras preciosas. O estado tem 9º PIB do Brasil, e foi um dos estados explorado pelos bandeirantes. Essas informações estão disponíveis no site do Instituto Mauro Borges, relativo a estatísticas e estudos socioeconômicos. Este é o site do Governo do Estado de Goiás, nele o professor terá acesso a uma cartilha com muitas informações sobre o Estado.

A partir desse momento o professor se prepara para apresentar o povo goiano, para isso é importante que ele conheça como se deu a formação do povo, da língua e da cultura local. No slide 05, cujo o título é “Os bandeirantes, os índios e os goianos” o professor deverá abordar a importância das três raças para a formação do povo. Sugerimos que o professor leia sobre o Monumento das três raças localizado na Praça Cívica no centro do Goiânia. Na reportagem “Descobrimos o significado desse cartão-postal de Goiânia” disponível em <https://www.curtamais.com.br/goiania/descobrimos-o-significado-e-o-verdadeiro-nome-desse-cartao-postal-de-goiania>, o site Curta Mais apresenta imagens e conta a importância desse ponto turístico para a sociedade goiana.

Figura 07: Slide 06

Os bandeirantes, os índios e o goianos

- O papel dos bandeirantes



Monumento ao Bandeirante completa 75 anos em 2017. Reportagem no site O Popular disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/monumento-ao-bandeirante-completa-75-anos-1.1387996>

Em Goiânia, no cruzamento de duas das principais ruas da cidade, Avenida Goiás e Rua Anhanguera está localizado o Monumento ao Bandeirante.

Este monumento simboliza a colaboração do bandeirante ao estado de Goiás. O monumento representa Bartolomeu Bueno da Silva, um dos fundadores de Goiânia, atual capital do estado.

Foto: Zuhair Mohamad/ O Popular

Fonte: autora, 2020.

Segundo Silva, F., Galiassse, M., Wícher Neto, C., Muliterno, P., & Aquino, T. (2005) no artigo “Na trilha dos bandeirantes: retroflexão no dialeto caipira” publicado na revista *Filologia E Linguística Portuguesa* (7), e disponível em <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59718/62818>, os bandeirantes eram homens que tinham como objetivo procurar ouro, capturar escravos, e colonizar terras indígenas. Nesse sentido junto com o progresso da povoação e reconhecimento das terras pouco exploradas, veio o sofrimento daqueles que foram mortos dizimados pela ganância.

Desse modo, os primeiros homens a percorrerem as terras goianas foram as expedições bandeirantes, e essa chegada, deixou marcas na língua e na cultura do povo goiano. Segundo Silva, F., Galiassse, M., Wícher Neto, C., Muliterno, P., & Aquino, T. (2005) um dos traços da passagem dos bandeirantes é a realização do R retroflexo. E este está presente no interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, onde sabidamente os bandeirantes estiverem presentes.

Para entender o R retroflexo e os seus estigmas, sugerimos que o professor leia o Livro Fonética e fonologia do português, de Thais Cristófaros Silva (2008), no qual ela diz tratar-se de uma pronúncia típica do dialeto caipira do r em final de sílaba. O professor poderá mostrar como se dá a realização desse fonema. O exemplo mais comum para mostrar essa pronúncia é usar o paradigma porta, portão e porteira.

Prosseguindo, o professor pode ler junto com os alunos a reportagem do Jornal O Popular, em comemoração aos 75 anos do monumento ao bandeirante. Nela conta-se a história de onde veio a estátua referida no quadro anterior e o porquê de estar naquele local e olhando naquela direção. Essa reportagem traz também a definição do nome Anhanguera, de origem tupi, *anhanga*, “ser maligno” e *uera*, “o velho, o que já foi”, denominação usada pelos indígenas para um dos bandeirantes mais conhecidos, Bartolomeu Bueno da Silva.

O nome Anhanguera identifica uma das principais vias da capital, Goiânia, e é o local onde circula o BTR (Bus Rapit Transit) - transporte rápido por ônibus -. Ela liga a capital de leste e a oeste, tem mais de 30 km de extensão e liga os principais terminais de ônibus urbano na cidade, é também chamada de Eixo Anhanguera.

Depois de falar da participação dos Bandeirantes, o professor seguirá a aula falando dos povos indígenas que compõe o Estado de Goiás. No slide 07 oferecemos alguns dados para o professor explorar o assunto “O papel do índio”, assim como outras fontes de pesquisa.

Figura 08: Slide 07

- O papel do índio.

Etnia	Municípios de Goiás
Ava-canoeiro	Minaçu, Colinas do Sul
Tapuia	Rubiataba, Nova América
Karajá	Aruanã

Site da FUNAI <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

Os índios, como sabemos, já povoavam as terras brasileiras desde antes do descobrimento, e com eles sua língua, crenças, costumes, artesanato, saberes e tradições. Um vasto aparato cultural, que em Goiás pode ser encontrado nesses municípios.

E na capital, tem sido valorizado por meio da Universidade Federal de Goiás com o Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena e o Museu Antropológico da UFG.

<https://intercultural.letas.ufg.br/>
<https://museu.ufg.br/n/118954-museu-antropologico-colabora-na-criacao-do-espaco-cultural-do-nucleo-takinahaky>



Tuma de alunos indígenas em sua formatura na UFG.
<https://www.flickr.com/photos/colacaoufg/albums/72137666403056657/>



A imagem de uma boneca Karaja, compondo o cartão comemorativo do Museu Antropológico.
<https://museu.ufg.br/n/118913-ma-disponibiliza-calendario-das-comemoracoes-de-50-anos>

Fonte: autora, 2020.

Apesar do forte processo de extinção, a presença dos povos indígenas é comum em todo território brasileiro, e em Goiás podemos encontrar três etnias em diferentes aldeias distribuídas por cinco municípios do estado. No site da FUNAI, o professor terá acesso às informações referentes aos Ava-canoeiro, Tapuia e Karajás.

Durante nossa sequência didática veremos muitas palavras de origem indígena, por isso, sugerimos a leitura do artigo “*Topônimos de origem indígena: o papel do Tupi na nomeação dos lugares goianos*”, de Kênia Mara de Freitas Siqueira e Nismaria Alves David. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/788>. Nesse artigo o professor terá orientação para compreender tanto a influência do Tupi, como os empréstimos linguísticos de base tupi presentes no dialeto goiano.

É importante que o professor destaque e valorize a cultura indígena, mostrando que esses povos têm costumes e crenças próprios e também foram influenciados pela cultura do não índio.

Com o objetivo de valorizar e preservar os saberes dos índios da região do Rio Xingu, Rio Araguaia, Rio Tocantins e Maranhão, a Universidade Federal de Goiás - UFG criou o Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena. Neste espaço os índios de 27 etnias fazem um curso de graduação, do qual saem habilitados para ministrarem aulas em suas aldeias. As aulas no Núcleo Takinahaky ocorrem predominantemente em janeiro e julho, meses das férias escolares no Brasil. No site <https://intercultural.letas.ufg.br/> é possível ter acesso às

informações a respeito desse curso.. No Museu Antropológico da UFG também é possível conhecer um pouco da história dos povos indígenas de Goiás. No slide 07 apresentamos a imagem da formatura de uma turma do Núcleo Takinahaky, com ela buscamos desmistificar alguns estereótipos referentes ao índio.

O trabalho do professor envolve a quebra de paradigmas, nesse sentido é interessante que o mesmo se prepare e prepare seus alunos para novos conhecimentos que se diferem dos comumente divulgados, a respeito dos índios, a respeito das comunidades linguísticas, a respeito de pessoas que não conhecem, buscando evitar preconceitos, e possibilitando a aproximação com diferentes culturas.

Assim o slide 08 tem o objetivo de apresentar o povo goiano. Este é o momento em que o professor irá focar na formação do gentílico de Goiás, ou seja, depois de passar pela história da povoação do Estado, o professor falará do resultado dessa povoação, como se constitui e se caracteriza o povo goiano.

Figura 09: Slide 08

• O goiano

Quem nasce em Goiás é Goiano.
Quem nasce em Goiânia é goianiense

Goiás é um estado que se constitui de muitos povos:

- Nordestinos, que migraram em busca de emprego;
- Negros que foram escravizados, e hoje estão em quilombos;
- Brancos que vieram em busca de ouro e trouxeram a monocultura.
- Entre outros que veem em goiás a chance de melhorar de vida, e aqui constroem seu futuro.

Segundo o professor Chaul (2011), o povo goiano vem ao longo dos anos construindo sua identidade.

Sugestão de leitura: **A identidade cultural do Goiano**
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016



TV Anhanguera - "O Bom é Ser Goiano" - 60"

Vídeo da TV Anhanguera "O Bom é ser Goiano", nele a TV, faz a descrição do comportamento do goiano, dando destaque à beleza do povo, a indústria têxtil, e faz-se um trocadilho com a palavra *moda*. (moda de viola, moda de vestir e à moda).

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=KBjc0UUKPys>

Fonte: autora, 2020.

No slide 08 oferecemos ao professor algumas informações retiradas do artigo intitulado "**A identidade cultural do Goiano**", escrito pelo professor de história, Chau Antonio, no qual apresenta a composição do povo goiano. Durante a leitura, se pode notar uma semelhança com a formação do Brasil, porém em menor escala, pois Goiás é formado por uma

população oriunda de diversas partes do Brasil e o nosso país é formado por pessoas oriundas de diversas partes do mundo..

Os goianos têm ascendência de nordestinos, nortistas, sulistas e negros remanescentes de quilombos, um dos mais conhecidos são os Calungas, localizado na Chapada dos Veadeiros. O professor poderá ampliar a discussão a respeito da composição do povo goiano, acrescentando “o papel do negro na formação do Estado de Goiás”, para tal, sugerimos que o professor visite o site da Associação Quilombo Kalunga – AQK. Entre outras informações o site mostra o porquê o quilombo localizado em Goiás é o maior do Brasil.

Outro fator que contribuiu para a presença da população negra no Estado é a exploração de ouro, feita por negros escravizados, que se assemelha com o Estado de Minas Gerais, e com o Estado da Bahia. Os negros também trouxeram influências culinária e esta pode ser vista na mesa do goiano.

Essa miscigenação originou o goiano, que é comparado socio-culturalmente ao povo mineiro devido a alguns aspectos em comum, mas que vem ao longo dos anos se distinguindo dos outros gentílicos.

No slide 08 apresentamos a comemoração dos 50 anos da TV Anhanguera, a emissora da Rede Globo em Goiás, em que foi exibido um comercial em que aparece o nascimento de um goiano. O vídeo tem um minuto, e por meio dele o professor pode, além de conhecer o comportamento do goiano, conhecer alguns gostos e palavras muito recorrentes no vocabulário e na vida do goiano, como: pamonha, música sertaneja e a indústria têxtil. Para isso, o comercial faz uso das diferentes acepções da palavra *moda*. Nesse momento o professor poderá mostrar como uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes, lembrando a definição de homônimos, parônimos, heterônimos e polissemia.

Os usos apresentados no comercial são: moda, segmento da indústria têxtil; Moda: referente à música, também chamada de moda de viola e por fim, à moda, um tipo de alimento, a pamonha, típico de Goiás. Ou seja, três coisas bem goianas expressadas pela mesma palavra. Essas informações são resumidas no vídeo do slide 08, por isso sugerimos a sua exibição para os alunos da sequência didática.

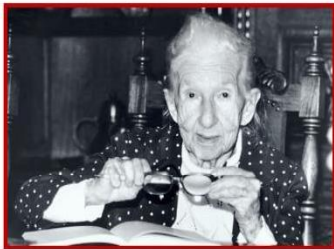
Depois de conhecer um pouco das características do povo goiano, no slide 09 o professor apresentará algumas personalidades goianas, são pessoas renomadas que difundem o nome e a cultura do Estado, pelo Brasil e pelo mundo.

Figura 10: Slide 09

• O goiano

- Alguns nomes importantes na cultura goiana:
 - Na música
 - Zezé de Camargo e Luciano
 - Odair José
 - Amado Batista
 - DJ Alok
 - Marília Mendonça
 - Jorge e Mateus
 - Marcelo Barra
 - Elen Lara
 - Na literatura
 - Cora Coralina
 - José Mendonça Teles
 - Gabriel Nascente
 - Bernardo Élis
 - Gilberto Mendonça Teles
 - No YouTube
 - Jacques Vanier

Link da reportagem do Curta Mais Goiânia
<http://www.curtamais.com.br/goiania/conheca-os-goianos-mais-famosos-de-todos-os-tempos>



Cora Coralina, poetisa que aprendeu a ler depois de adulta e é uma referência na Cidade de Goiás.



Sugestão de reportagem para saber de alguns gostos do goiano.
 “Todo goiano fora de goiás sente falta dessas coisas”.
<http://curtamais.com.br/goiania/todo-goiano-fora-de-goias-sente-falta-destas-coisas>

Fonte: autora, 2020.

Para compor a descrição do goiano, pessoa que nasce no estado de Goiás, pois quem nasce em Goiânia é goianiense, são apresentadas duas reportagens do blog Curta Mais Goiânia (www.curtamais.com.br/goiania). Na primeira há uma lista de alguns goianos famosos, nomes do cenário da música e da poesia estão nessa lista. A lista completa está disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/conheca-os-goianos-mais-famosos-de-todos-os-tempos>. Na lista que propomos para a aula acrescentamos o nome de cantores e compositores que serão ouvidos durante a sequência didática, como: Elen Lara e Marcelo Barra. O professor poderá acrescentar outros nomes.

Nesse momento, é oportuno que o professor enfatize o papel de Cora Coralina, poetisa goiana, com muitas obras publicadas, sendo uma das principais referências goiana na literatura nacional. Nasceu na cidade de Goiás, onde há um museu em sua homenagem.

Também no slide 09, do cenário atual, dos canais no YouTube, apresentamos Jacques Vanier, que conta as coisas de Goiás de maneira humorada, fazendo uma caricatura do goiano. Nesse canal o professor vai encontrar a representação de cenas do cotidiano goiano.

A outra sugestão de reportagem é intitulada “*Todo goiano fora de Goiás sente falta dessas coisas*”. Nela, professor e alunos, terão um repertório de informações que compõe a cultura goiana, as “coisas” são alimentos, situações, entre outras.

Essas reportagens contribuirão para fazer conhecer o goiano, e principalmente, permitirá que conheçam o léxico e os gostos dos goianos. Durante a leitura da reportagem o professor poderá esclarecer as dúvidas, sobre algum item da lista que não é compreensível para quem não é goiano, destacando a identidade cultural, presente no fato dos cantores de destaque serem, na maioria, de música sertaneja.

O objetivo é que depois de apresentar alguns goianos renomados, o professor prossiga a aula falando do autor Gilberto Mendonça Teles, o goiano que será o foco deste trabalho. Para isso apresentamos o slide 10 para que o professor conte para os seus alunos um pouco da vida e da obra desse escritor goiano. Para preparar o professor disponibilizamos o link de uma entrevista com o autor, disponível também no slide 10.

Figura 11: Slide 10

Gilberto Mendonça Teles - Vida e Obra

Nasceu em Bela Vista de Goiás- GO em 30 de junho de 1931, formou-se em Direito e Letras Neolatinas, possui o título de Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Brasileira. É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. É professor titular da PUC-RJ. Foi professor fundador das duas universidades de Goiás. Trabalhou em Montevideu, Portugal, França, nos Estados Unidos.

Dedica-se a poesia e a crítica, tendo adquirido nesses dois gêneros uma série de prêmios e o reconhecimento da alta crítica especializada. Publicou doze livros de poemas e dez de crítica. Em 1989, recebeu pelo conjunto de sua obra, o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Ocupa a cadeira número 11 na Academia Goiana de Letras. É considerado o autor goiano mais reconhecido na Europa.



<http://www.academiagoianadeletras.org.br/membros/gilberto-mendonca-teles/attachment/cadeira-11-gilberto-mendonca-teles/>

No YouTube podemos ver uma de suas entrevistas, no canal do Programa Vereda Literária. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=j3RfU_0zk8E

1-60
10

Fonte: autora, 2020.

Entre os nomes de destaque, na literatura, está Gilberto Mendonça Teles, o autor que selecionamos para compor esta sequência didática. Para o qual escrevemos parte do segundo capítulo desta dissertação.

Para o professor, sugerimos a leitura da dissertação “*Poesia e crítica: trilogia poética de Gilberto Mendonça Teles*” de Rosemary Ferreira de Souza (2014), na qual a autora faz uma contextualização de quinze anos da vida e da obra do autor, perpassando pela escrita poética e a crítica literária, dando destaque também para a figura feminina presente em sua obra. Para sua pesquisa a autora utiliza três livros de Teles, são eles: *Sintaxe invisível* (1967), *A raiz da fala*

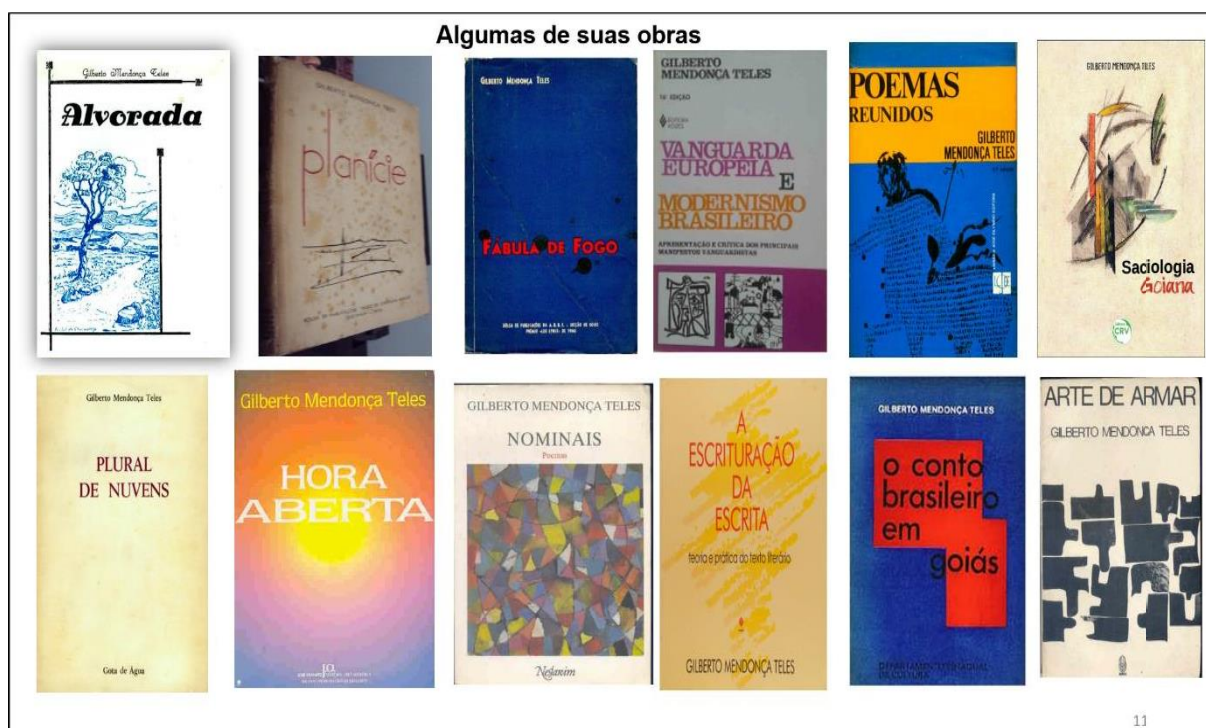
(1972) e Arte de armar (1977), a partir dos quais mostra a transformação e a evolução de Teles como poeta e crítico literário.

Sugerimos que o professor assista a uma entrevista com Gilberto Mendonça Teles no canal Vereda Literária. Essa entrevista tem 38 minutos, por isso, sugerimos que o professor selecione alguns trechos para exibir em sala de aula. Oportunizando aos alunos ouvir a voz de Gilberto Mendonça Teles.

Disponibilizamos também o site da Academia Goiana de Letras, no qual há uma pequena biografia de Gilberto Mendonça Teles, www.academiagoianadeletras.org.br/membros/gilberto-mendonca-teles/attachment/cadeira-11-gilberto-mendonca-teles. Sugerimos também que o professor busque pelo currículo Lattes do autor (www.plataformalattes.com), na plataforma é possível ver sua produção como poeta, crítico literário e professor. Além dos prêmios que já recebeu por reconhecimento do seu trabalho e contribuição para literatura nacional. Depois da leitura do tópico sobre Teles e das demais sugestões, o professor estará preparado para explanar sobre a vida e a obra do autor, despertando nos alunos interesse pelo autor dos poemas que serão estudados na sequência.

Em seguida, no slide 11, o professor apresentará algumas das principais obras de Gilberto Mendonça Teles.

Figura 12: Slide 11



Fonte: autora, 2020.

A partir dos estudos sobre a vida e a produção literária de Gilberto Mendonça Teles, faz-se necessário que o professor apresente algumas das principais obras de Gilberto Mendonça Teles. Por isso, incluímos as imagens das capas de alguns livros publicados nas décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990, obras consideradas raras e clássicas.

Apresentamos doze capas dos seguintes livros e ano de publicação: *Alvorada* (1955), seu primeiro livro publicado, *Planície* (1958), *Fábula de fogo* (1961), *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro* (1972), *Poemas Reunidos* (1978), *Sociologia Goiana* (1982), *Plural de Nuvens* (1984), *Hora Aberta* (1986), *Nominais* (1993), *A escrituração da Escrita* (1996), *O Conto Brasileiro em Goiás* (1969), *Arte de Amar* (1977).

Entre essas obras, destacamos “A arte de amar” e a “Raiz da fala” duas obras premiadas nacionalmente. E também “O conto brasileiro em Goiás”, na qual ele apresenta as peculiaridades dos contos goianos e faz um importante exercício de metalinguagem, no qual revela fortes indícios de seu amor pelo estado de Goiás através da análise da literatura aqui produzida.

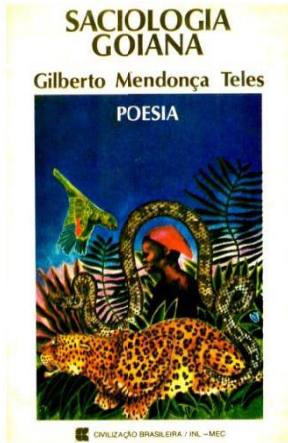
Ainda com o objetivo de conhecer um pouco da produção de Gilberto Mendonça Teles, apresentamos no slide 12 as principais obras e a capa do livro *Sociologia Goiana*, para começarmos a organizar os estudos dos poemas deste livro.

Figura 13: Slide 12

Principais Obras

- *Alvorada* (1955)
- *Pássaro de Pedra* (1962)
- *O Conto Brasileiro em Goiás* (1969)
- *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro* (1972)
- *Arte de Amar* (1977)
- *Poemas Reunidos* (1978)
- *Sociologia Goiana* (1982)
- *Plural de Nuvens* (1984)
- *Hora Aberta* (1986)
- *Falavra (Antologia Poética)* (1990)
- *Nominais* (1993)
- *& Cone de Sombras* (1995)
- *A Escrituração da Escrita* (1996)
- *Caixa de Fósforos* (1999)
- *Linear G.* (2011)
- *Brumas do Silêncio* (2014)





O aluno da UFG, Jeferson Barbosa, em seu canal “Romeu e Julieta”, indica o livro *Sociologia Goiana*, como um clássico para se conhecer a cultura goiana.
Link:
<https://www.youtube.com/watch?v=StjhbHcng8Q>

12

Fonte: autora, 2020.

O professor poderá pesquisar as demais obras do autor, para aumentar seu repertório. Aqui citamos outras obras como: *Alvorada*, sua primeira obra publicada, que data de 1955.

Para contextualizar o Livro *Saciologia Goiana* (1982), sugerimos a exibição do vídeo do aluno do Curso de Estudos Literários, Jeferson Barbosa, disponível no canal “Romeu e Julieta”, em que ele indica o livro *Saciologia Goiana*, como um clássico para se conhecer a cultura goiana, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=StjhbHeng8Q>). Além do autor Gilberto Mendonça Teles, o aluno também indica mais dois livros de literatura goiana, *Primeira Chuva*, de Bernardo Élis, e *Pão Selvagem* de Gabriel Nascente.

O vídeo do slide 12 oferece informações contextuais para que o professor possa introduzir o Livro *Saciologia Goiana* e falar de sua importância para a literatura goiana, e para a sequência didática aqui proposta.

Sugerimos que o professor leia a dissertação “*O poeta-saci, camongo, o sertão e o folclore brasileiro no livro hora aberta, de Gilberto Mendonça Teles*”, de Danille F. Fernandes (2012), na qual a autora diz porque essa obra é uma referência na literatura goiana ao abordar temas como a cultura geral e a linguagem do povo goiano:

No livro de poesias *Saciologia goiana* (1982) – um dos que trabalham a cultura goiana e o folclore brasileiro – é possível encontrar grande parte das respostas sobre o estilo poético do escritor. O estado de Goiás é usado como tema em diversos poemas. Teles pretende mostrar a região, trazer para o leitor as próprias experiências, mostrar a cultura da terra, por isso fala da vegetação, da geografia, da história, dos peixes e literatura. *Saciologia*, como é possível observar na capa da publicação de 1982, mostra uma onça, um pássaro, uma cobra e o próprio Saci. Essas imagens de personagens do folclore brasileiro utilizadas na capa da obra ajudam a compor o que entendemos como o sentido da obra poética gilbertina.

Essa dissertação pode ser encontrada no site da Universidade Federal de Viçosa no link <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4856?show=full>.

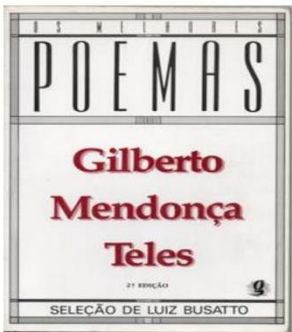
Nessa citação podemos ter uma noção da importância desse livro, a autora nos leva a refletir e nos ajuda a compreender o que há por trás da escrita de Gilberto Mendonça Teles, desde a escolha dos temas, até a escolha dos elementos que compõem a capa do livro. A leitura dessa dissertação auxiliará o professor, assim como os alunos que tenham interesse em se aprofundar no tema. O professor notará o uso da metalinguagem para fazer a análise do livro e dos textos.

Em seguida, no slide 13, é o momento de conhecer um dos livros da “*Coleção Melhores Poemas*”, no qual estão os cinco poemas da SD.

Figura 14: Slide 13

• Os poemas de Gilberto Mendonça Teles que comporão essa Sequência Didática.

- Lira Goiana
- Ritual
- Frutas
- DF
- Linguagem



Os Melhores Poemas de Gilberto Mendonça Teles. Seleção e estudo de Luiz Busatto. São Paulo: Global, 1993. 2a. ed. Global, 1994.

“A poesia é pintura criada por palavras. São imagens em versos, são analogias. A metáfora que nos permite de algum modo re-criar as sensações vividas.”

Mathias de Alencar (2015).

Fonte: autora, 2020.

A partir da obra de Gilberto Mendonça Teles, comprovadamente, uma autoridade da literatura goiana, Luiz Busatto, professor de Estudos Literários na Universidade Federal do Espírito Santo, importante estudioso dos temas que envolvem literatura e linguagem, foi o responsável pela seleção dos melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles, que faz parte da coleção *Melhores Poemas*, que já homenageou diversos escritores brasileiros.

O livro de Busatto reuniu poemas de dezessete livros de Teles e também consta uma pequena biografia de Teles. Entre os livros, está o Livro *Sociologia Goiana*. Respaldamo-nos na seleção de Busatto para selecionar os poemas estudados na sequência didática: *Lira Goiana*; *Ritual*; *Frutas*; *D. F.* e *Linguagem*.

O professor deve apresentar os poemas e destacar os objetivos gerais da sequência didática, que são: apresentar o gênero discursivo-textual; fazer conhecer a produção de poemas goianos, apresentar o léxico goiano.

Enfim, considerando a voz do autor brasileiro Mathias de Alencar (2015), para quem “A poesia é pintura criada por palavras. São imagens em versos, são analogias. A metáfora que nos permite de algum modo re-criar as sensações vividas”, esta sequência didática pretende aguçar a percepção e a imaginação dos alunos fazendo-os conhecer um dos mais interessantes Estados brasileiros, o Estado de Goiás.

Depois de apresentar de forma geral os cinco poemas, no slide 14, o professor apresentará o primeiro, o texto *Lira Goiana*.

Figura 15: Slide 14

Texto - LIRA GOIANA

Repartam o meu corpo pelo rio de Goiás:

a mão esquerda acariciando as águas do Araguaia,
a direita desenhando os rumos do Paranaíba,
os pés brincando nas águas do Aporé e do Verdão,
a cabeça na junção do Araguaia e Tocantins
(quero governar daí as artimanhas e latifúndios),
os joelhos no Rio dos Bois e no Caiapó,
o sexo bem enterrado na lama do Meia-Ponte.

Mas deixem minha alma no Rio das Almas,
deixem meu coração batendo no Rio Turvo,
deixem minha língua nas areias do Corumbá
pra alegria dos bagres, dos lobós
e das piranhas traidoras.

Ah! deixem também meu cachimbo fumegando
nos borrifos de luz da Cachoeira Dourada:
quero ser como um instante de arco-íris
nos olhos das mulheres de Goiás.

Gilberto Mendonça Teles

Fonte: autora, 2020.

Nesse momento da aula o professor deve fazer uma breve apresentação do poema Lira Goiana, em que explica o que é lira, e novamente mostra uma palavra que tem várias acepções na língua portuguesa.

Sugerimos que o professor declame o poema, visto que, ele terá mais intimidade com o texto e oferecerá um momento sensível à turma, e por conhecer o português brasileiro, saberá dá o tom e a musicalidade ao recitar os versos.

Após a leitura do poema o professor parte para a interpretação textual. Nesse momento, ele retoma os conhecimentos sobre o estado de Goiás, sobre o autor, questiona os alunos a respeito da sua compreensão do texto, espera que todos se manifestem, responde às perguntas que surgirem, e juntos irão construir os significados para cada verso.

Sugerimos que o professor leia a análise sócio-discursivo-cultural que fizemos do poema Lira goiana. Na análise, buscamos relatar aspectos relevantes que contribuem para a compreensão do texto. Ressaltamos que cada professor, a partir de suas experiências cognitivo-culturais, terá a sua percepção do texto, e poderá acrescentar, questionar, suprimir, ampliar etc. a análise que fizemos. Porém, desejamos que os alunos consigam perceber pelo menos dois pontos principais no texto: 1) as metáforas relativas às partes do corpo humano, e 2) a pluralidade dos rios do estado de Goiás.

Caso o professor queira se aprofundar no ensino de metáforas, sugerimos a leitura da tese, “As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização

no português brasileiro”, de Leosmar Aparecido da Silva (2012). Essa tese atenta da constituição da metáfora e também da metonímia no português brasileiro, e como esses processos se estabelecem em significados relativos às partes do corpo humano.

O professor poderá usar o texto de diferentes formas, nós sugerimos o estudo do vocabulário referente aos rios, por isso no slide 15 começamos a apresentar o Rio Araguaia.

Figura 16: Slide 15

O Rio Araguaia para o Goiano



Nascente do Rio Araguaia
Mineiros - GO
<https://www.google.com/search?q=rio+araguaia+goias>



Rio Araguaia encanta desde turistas de primeira viagem a famílias que vão há décadas

Durante a temporada, em julho, cerca de 200 mil pessoas devem passar por Aruanã. Bancos de areia recebem os mais variados tipos de acampamentos.

Por Terciane Fernandes e Vitor Santana, TV Anhanguera e G1 GO
13/07/2019 11h08 - Atualizado há 6 meses



Fonte: Google Maps



Acampamento na praia do Rio Araguaia, em Aruanã — Foto: José Rodrigo/TV Anhanguera

Nas férias de julho, um dos principais destinos dos goianos é o rio Araguaia. O cenário encanta desde turistas que vão pela primeira vez até aqueles que reúnem a família há 20 anos nas praias formadas pelos bancos de areia. Milhares de pessoas de várias cidades e até de outros estados aproveitam a temporada para descansar às margens do rio.

Reportagem completa no G1 Goiás disponível em:
<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/07/13/rio-araguaia-encanta-desde-turistas-de-primeira-viagem-a-familias-que-vaio-ha-decadas.ghtml>

Fonte: autora, 2020.

O professor deve orientar a seleção do vocabulário do poema, a fim de oferecer dados para uma atividade envolvendo a criação de verbetes. Uma sugestão é o hidrotopônimo Araguaia.

O nome desse rio, segundo Florisvaldo Silva (2005), tem origem indígena e significa *no tupi Ará- guaya, ‘os papagaios mansos’ ou ‘rio das araras mansas’*. Esse nome foi dado pelos Karajás, que moram às suas margens.

Para ilustrar o slide 15 trazemos duas imagens do Google Maps. A primeira mostra a localização da nascente do Rio Araguaia, que fica no município de Mineiros – GO. E a segunda demonstra a extensão do rio, que sai de Mineiros, sudoeste goiano, e segue até a tríplice fronteira dos estados de Tocantins, Pará e Maranhão, onde encontra o Rio Tocantins.

Depois de situar os alunos quanto à localização e ao tamanho do Rio Araguaia, sugerimos a leitura da reportagem “Rio Araguaia encanta desde turistas de primeira viagem a

famílias que vão há décadas”, do G1 Goiás, site TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo em Goiás. Pelo título e pela imagem entendemos que o rio tem encantos que atraem muita gente, aproximadamente, 200 mil pessoas nos meses de verão. Sugerimos que o professor leia a reportagem completa com os alunos para que entendam o que o rio representa para o goiano que acampam por dias às margens do rio no período de férias escolares.

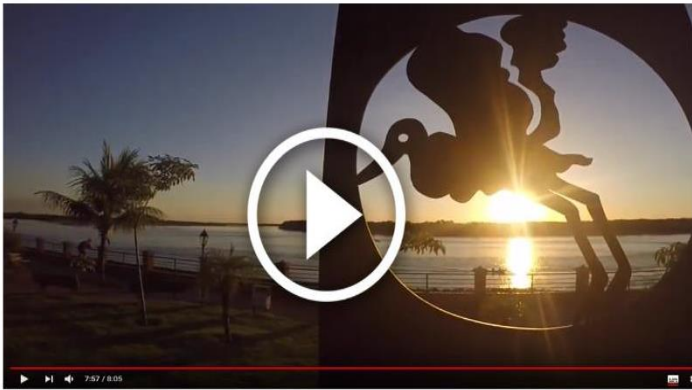
Sugerimos também que o professor assista a uma reportagem de Adriano Régis, exibida na TV Anhanguera, gravada na ponte que separa as cidades de Aragarças, no estado de Goiás, de Barra do Garça, no Mato Grosso. Essa reportagem está disponível no link: <http://g1.globo.com/goias/videos/t/todos-os-videos/v/rio-araguaia-tem-belas-vistas-o-dia-todo/7780331/>, conforme se mostra no quadro a seguir.

Após ler a reportagem, o professor deverá exibir o vídeo do “*Programa Conheça Goiás N°25 - Município em Destaque: Aruanã*”, disponível no canal TV AGM Associação Goiana de Municípios do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=wibm3a73pVQ>.

Esse vídeo do slide 16 possibilitará uma melhor visualização das belezas do Rio Araguaia.

Figura 17: Slide 16

As belezas do Rio Araguaia e a Cidade de Aruanã.



Vídeo “*Programa Conheça Goiás N°25 - Município em Destaque: Aruanã*”, Disponível no canal TV AGM- Associação Goiana de Municípios do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=wibm3a73pVQ>

Fonte: autora, 2020.

Esse vídeo é específico sobre o município de Aruanã-GO. Essa cidade, como lemos na reportagem anterior, é a mais procurada pelos turistas que buscam conhecer o Araguaia.

O professor pode assistir ao vídeo com os alunos e em seguida fazer comentários sobre os pontos de destaque do vídeo. Os alunos provavelmente ficarão curiosos para saber mais a respeito dos povos indígenas Karajás, que têm uma importante participação nesse vídeo. Podemos ver e ouvir o cacique falando sobre os pontos positivos e negativos desse contato com o não índio. Vemos também a história e a produção da boneca Karajá, um patrimônio imaterial do estado de Goiás.

O vídeo proporciona uma amostra das belezas naturais do Rio Araguaia que fazem parte da vida em Aruanã, mostra as atividades de pesca e a diversidade de espécies que podem ser encontradas no rio, além de mostrar os acampamentos nos barrancos de areia, que geram renda para a população, e outros pontos turísticos da cidade como: a praça, a igreja e também o museu da cultura indígena.

Para mostrar a relação de amor do goiano pelo Rio Araguaia, sugerimos no slide 17 a exibição de uma canção de Marcelo Barra

Figura 18: Slide 17

Marcelo Barra canta o Araguaia

Outro texto que pode demonstrar a relação de amor entre o goiano e a sua terra relação é a canção “Araguaia” popularizada na voz de Marcelo Barra.



Vamos ouvir uma canção de Marcelo Barra, *Araguaia*.
Disponível em:
Letra: <https://www.letras.mus.br/marcelo-barra/1660717/>
Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=fiFbQRQzL10>

Longas noites, madrugadas
Quanta beleza pra um só lugar
Água limpa a se perder
Não, não volta nunca mais

Lentamente no abandono
Uma estrela atravessou o céu
Encena um tema de ternura
Um pesadelo da razão

Meu Araguaia
Suas areias cobriram meus pés
Seu encanto fez do pranto
Um acalanto pra nós dois

E na rede ensimesmado
Sonho sonhos que já estão em mim
Sinto a vida que eu levo aqui
Não esqueço nunca mais

Marcelo Barra

Fonte: autora, 2020.

Após a exibição do vídeo e conversa com os alunos a respeito da cidade de Aruanã – GO, sugerimos que o professor faça a relação intertextual com a canção de Marcelo Barra, intitulada “Araguaia”. O professor contextualiza, apresenta o cantor e compositor goiano Marcelo Barra, referência na composição de músicas que retratam a vida em Goiás.

O objetivo da apresentação dessa música é mostrar outra produção goiana que tem como tema o amor ao Rio Araguaia. Nos links, o professor terá acesso à letra: <https://www.letras.mus.br/marcelo-barra/1660717/> e ao Vídeo de Barra cantando esta canção: <https://www.youtube.com/watch?v=fiFbQRQzL10>.

Nas imagens exibidas no vídeo, podemos ver as belezas do rio Araguaia, e entender o que o autor descreve em seus versos. Os alunos verão a lua refletindo sua luz nas águas do rio, verão a água límpida junto com peixes, pessoas se divertindo, felizes.

Após assistirem ao vídeo com a voz de Marcelo Barra, o professor poderá fazer um exercício de intertextualidade envolvendo a letra de *Araguaia* e *Lira Goiana*, pois nos últimos versos Barra diz “Sinto a vida que eu levo aqui. Não esqueço nunca mais”, o que nos lembra Lira Goiana, em que Teles diz querer que repartam seu corpo pelos rios de Goiás. “A mão esquerda acariciando as águas do Araguaia”. Nesse contexto ambos os textos fazem referência a um saudosismo exacerbado do que já viveram junto ao rio.

Dois pontos a serem destacados na explanação do professor são: 1) o amor, e 2) a saudade, que tematizam os versos em homenagem ao rio.

Para prosseguir com a aula, na primeira metade do slide 18, há um print de tela com a imagem de 8 rios do Estado de Goiás. E na segunda metade “Os contornos do Estado de Goiás e os rios” uma ilustração feita pela autora.

Figura 19: Slide 18

O goiano e os rios de Goiás

No Google podemos encontrar os rios mencionados no poema de Teles e outros rios que fazem parte da cultura do goiano.

Rios / Goiás

							
Rio Paranaíba 1.000 km	Rio Meia Ponte 472 km	Rio Corumbá 567 km	Rio São Marcos 467 km	Rio Araguaia 1.910 km	Rio Verdão	Rio Tocantins 2.450 km	Rio Vermelho 282 km

Os contornos do Estado de Goiás e os rios.

■ Rio Araguaia

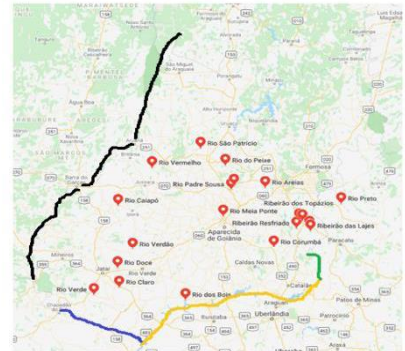
■ Rio Aporé

■ Rio Paranaíba

■ Rio Verde

Print da tela do Google, disponível em

<https://www.google.com/search?tbm=lc&ei=EKQhXrf1MP6-5OUPjfsYkAg&q=rio%2Fgoias&oq=rio%2Fgoias>



Fonte: autora, 2020.

Com o objetivo de ressaltar a importância dos outros rios para o estado de Goiás, apresentamos duas imagens com alguns rios do estado de Goiás.

O slide 18 apresenta fotografias de oito dos principais rios, seus nomes, sua extensão. Alguns desses rios foram citados por Teles e estão descritos na análise do poema.

No mapa, os pontos marcados em vermelho indicam onde se encontram alguns desses rios no território goiano.

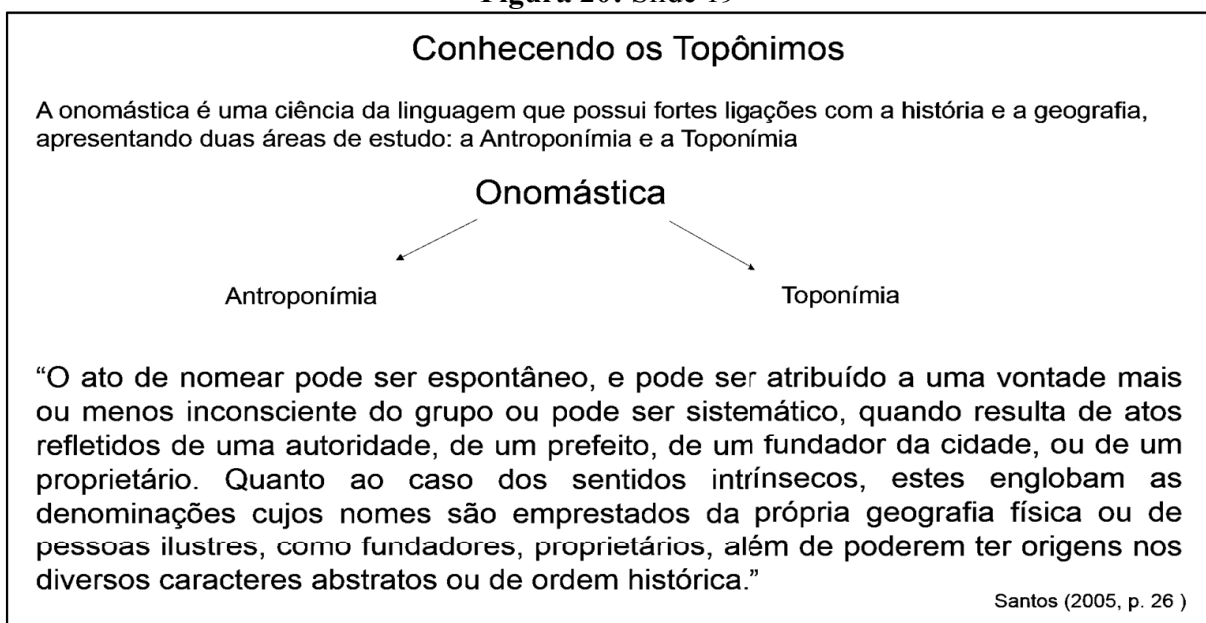
Com essas imagens, busca-se que os alunos tenham uma dimensão do número de rios do Estado, e sua relevância para a geocultura goiana, o que favorecerá seu estudo lexical e a elaboração dos verbetes. As duas imagens são print da tela do Google, disponível em: <https://www.google.com/search?tbm=lcl&ei=EKQhXrf1MP6-OUPjfSYkAg&q=rio-de-goias>.

Nesse mesmo quadro, para ilustrar a análise do texto Lira Goiana, fizemos uma arte no print do mapa de Goiás. Na análise, destacamos os rios citados por Teles que fazem fronteira natural com outros estados. Por isso, pintamos de preto a divisão do estado de Goiás com o Mato Grosso, representando o Rio Araguaia, de azul o Rio Aporé, de amarelo, o Rio Paranaíba e de verde o Rio Verde. Esses três rios demarcam a fronteira natural entre os estados de Goiás e Minas Gerais.

Sugerimos que o professor leia no site da Agência Nacional das Águas a respeito das quatro bacias hidrográficas que compõem o estado de Goiás. Esse site oferece um bom suporte técnico e teórico para o professor desenvolver a aula sobre rios goianos. As informações a respeito da hidrografia goiana auxiliam no estudo dos topônimos goianos.

A partir do slide 19 o professor começara a ensinar sobre topônimos.

Figura 20: Slide 19



Fonte: autora, 2020.

Depois de conhecer os nomes dos rios, o professor introduzirá o conteúdo sobre topônimos. Sugerimos que o professor leia alguns dos trabalhos da Prof^a Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pesquisadora brasileira precursora no estudo de topônimos.

Nesse momento é necessário que o professor tenha ciência de três definições: 1) O que é onomástica: é uma ciência que estuda a nomeação, para isso, necessita de dados históricos e geográficos, busca classificar os nomes a partir da sua origem, principalmente, etimológica. A onomástica se subdivide em duas áreas, a antroponímia e a toponímia. 2) O que é antroponímia: é a área que estuda os nomes próprios dos seres vivos. É o estudo dos nomes e sobrenomes das pessoas, pensando na história de suas famílias e nas regiões que habitam. 3) E o que é toponímia: está é a área para a qual vamos dedicar parte dessa sequência didática. Trata-se da área que estuda os nomes próprios dos lugares, os topônimos.

Os topônimos se subdividem em classes/ordem, (que é o significado de taxonomia) de acordo com o que nomeiam, e com a origem do nome usado. Os topônimos podem ser: simples: quando um único nome traz todo o significado; complexos, quando têm dois nomes ou mais e podem ser compostos, quando derivam de outro nome, sofrem justaposição ou aglutinação.

Uma sugestão de leitura sobre os topônimos é a dissertação de mestrado “Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso” de Florisvaldo Fernandes dos Santos (2005). Nela, o autor apresenta definições e dados constantes em atlas geográficos com exemplos de topônimo no município de Barra do Garça - MT, uma realidade muito próxima do estado de Goiás. Santos (2005) é nossa fonte para os dados do slide 20, em vamos falar dos tipos de topônimos.

Outras sugestões de leitura são os textos de autoria da Professora Maria Célia Dias de Castro que em 2012 escreveu a sua tese de doutoramento intitulada “Maranhão: sua toponímia, sua história”. Em 2012 escreveu um artigo intitulado “Toponímia maranhense: um percurso semiótico do texto ao contexto sócio-histórico”, nele Maria Célia Dias de Castro apresenta de forma mais resumida o assunto de sua tese, em que é possível entender seu trabalho a partir dos topônimos do Estado do Maranhão. Outro artigo de sua autoria é “Atlas toponímico do estado do maranhão: uma proposta de análise da macrotoponímia” (2017).

Esses textos trarão o conhecimento necessário para compreender e conseguir explicar os processos pelos quais os brasileiros nomeiam os lugares. No slide 20 o professor deverá ter esse conhecimento para compartilhar com seus alunos.

Figura 21: Slide 20

Tipos de topônimos:

Segundo o autor são 27 taxes. (de Taxonomia)
 11 se relacionam ao ambiente físico – Taxionomias de natureza física.
 16 tem relação com o homem inserido numa sociedade com seus aspectos sócio-culturais e históricos as Taxionomias de natureza antro-po-cultural.

TOPÔNIMOS!!!
 e porquê dos nomes dos lugares?!!

As Taxionomias de natureza físicas são:

Astrotopônimos, topônimos que emprestam o nome de corpos celestes: Estrela do Norte.
Cardinotopônimos, relativo às posições geográficas em geral: São Luiz do Norte.
Cromotopônimos, que fazem referência a cores: Rio Verde.
Dimensiotopônimos, que fazem referência às características do próprio acidente: Barro Alto,
Fitotopônimos, relativo a topônimos que recuperam nomes de vegetais: Buriti Alegre.
Geomorfotopônimos, que fazem referência às formas topográficas: Novo Planalto.
Hidrotopônimos, resultantes de acidentes hidrográficos em geral: Cachoeira Dourada
Litotopônimos, nome de índole mineral: Córrego de Ouro.
Metereotopônimos, relativo a topônimos que recuperam fenômenos atmosféricos: Alvorada do Norte.
Morfotopônimos, topônimos que se referem a formas geométricas: Morro da Baleia.
Zootopônimos, topônimos de índole animal: Aragarças.

Adaptado de Santos (2005, p.38-39)

Fonte: autora, 2020.

Baseado no trabalho de Santos (2005), apresentamos 27 taxes, que significam 27 classes de topônimos, e se dividem em dois grandes grupos: 11 com taxonomia de natureza física: os nomes são baseados em aspectos reais, ou seja, no nome há algo de concreto, facilmente identificado por uma das palavras.

Adaptamos o quadro com as onze taxes destacadas por Santos (2005), no original, estão nomes do município de Barra do Garça – MT. Na lista que sugerimos ao professor encontram-se municípios e lugares de Goiás. Utilizamos o Google Maps para selecionar esses municípios. Entre esses 11, apenas 1 não é município, é o Morfotopônimo, Morro da Baleia, um morro, que segundo os moradores, tem a forma de uma baleia, localizado na Chapada dos Veadeiros.

Dos topônimos de natureza física, o que mais nos interessa é o hidrotopônimo, pois nosso objetivo é estudar os nomes dos rios goianos. Hidro é relativo à água. São hidrotopônimos os nomes de rios, riachão, riacho, cachoeira, e córrego. Este último merece uma apresentação fonética, pois no estado de Goiás, há variações, como [Kõhgu], [kõfõĩn] aparecendo tanto a contração dos fonemas, quanto o R retroflexo, característica destacada pela povoação dos bandeirantes. Sugerimos que o professor faça a transcrição fonética de “córrego” no quadro branco a fim de trabalhar um pouco a variação dessa palavra tão significativa no

imaginário goiano. A partir da palavra “rio”, o professor pode apresentar e também estudar outros aspectos da formação das palavras, como os substantivos derivados.

Vale lembrar que o professor deve relembrar os nomes dos rios que foram citados no texto Lira Goiana, como preparação para a atividade que será proposta no final desta, além de auxiliar na organização dos verbetes.

Para prosseguir com a aula o professor usará a lista do slide 21, nele estão as outras taxes que ainda não foram apresentadas.

Figura 22: Slide 21

As taxionomias de natureza antro-po-cultural são:

Animotopônimos ou **Nootopônimos**, topônimos que se relacionam à vida psíquica e a cultura espiritual: Vila Boa.

Antropotopônimo, topônimos que recuperam nomes próprios e individuais: Leopoldo de Bulhões.

Axiotopônimos, topônimos relativos a títulos e a dignidades de que se fazem acompanhar os nomes: Santa Bárbara de Goiás.

Corotopônimos, topônimos que recuperam nomes de cidades, de países, de regiões e de continentes: Americano do Brasil.

Cronotopônimos, topônimos que indicam tempo: Nova Aurora

Ecotopônimos, topônimos relativo as habitações de um modo geral: Alto Horizonte.

Ergotopônimos, topônimos que se referem a elementos da cultura: Pedra Chapéu do Sol

Etnotopônimos, topônimos referentes a elementos étnicos isolados: Rio Caiapó

Dirrematotopônimos, constituído por frases ou enunciados linguísticos: São Miguel do Passa-Quatro.

Hierotopônimos, topônimos que recuperam nomes sagrados: Santa Cruz de Goiás.

Hagiotopônimos, topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano: São Miguel do Araguaia.

Historiotopônimos, topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social e a seus membros: Bandeirantes.

Hodotopônimos, topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana: Rio Meia Ponte.

Numerotopônimos, topônimos relativos aos adjetivos numerais: Três Ranchos.

Poliotopônimos, topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial: Cidade Ocidental.

Sociotopônimos, topônimos relativo às atividades profissionais ou a ponto de encontros: Professor Jamil.

Somatopônimos, topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou de animal: Olho d'Água

Adaptado de Santos (2005, p. 27-28)

Fonte: autora, 2020.

As outras 16 taxes, são taxonomias de natureza antro-po-cultural, que se referem aos nomes dados a partir da relação do homem com o lugar. Elas envolvem sentimentos, percepções e metáforas, explicadas por fatos conhecidos daquela comunidade.

Para ilustrar as 16 taxes apresentadas por Santos (2005), trazemos nomes de municípios goianos, porém no Ergotopônimo, apresentamos a Pedra Chapéu do Sol, levando em consideração que o chapéu é um acessório do vestuário humano. Esta pedra é um ponto turístico no município de Cristalina-GO, no local podemos ver uma pedra com aproximadamente sete metros de comprimento, praticamente no ar, equilibrada por um único ponto de contato com outra pedra na superfície. Este seria um lugar para se proteger do sol, em uma área com poucas árvores, no meio do cerrado, por isso, o nome Pedra Chapéu do Sol.

O professor poderá explorar cada topônimo mostrando mais alguns exemplos de cada taxa. Poderá detalhar a formação das palavras que nomeiam cada taxa, como por exemplo, hidro - relativo à água + topônimos - estudo dos nomes dos lugares. Mostrando que a primeira parte é um prefixo que se junta para dar um novo significado a um radical.

Sugerimos a leitura do artigo “*Topônimos de origem indígena: o papel do Tupi na nomeação dos lugares goianos*”, de Kênia Mara de Freitas Siqueira e Nismaria Alves David, disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/788>. Este artigo oferecerá o embasamento teórico para o professor conhecer a origem dos nomes dos rios, porque eles estão diretamente ligados com os nomes dos lugares. Esse artigo conta também parte da história do povo goiano, mostrando como os fatos influenciaram nos nomes, dando destaque para as etimologias de origem indígena.

Depois da explanação de todo esse conteúdo, o professor usará o slide 22 para fazer uma atividade com os alunos.

Figura 23: Slide 22

Exercício

- 1) A partir do poema de Teles e da música de Marcelo Barra, faça a seleção do léxico estudado.
- 2) Após a seleção, faça um estudo toponímico dos nomes dos rios e de alguns municípios de Goiás. Para isso leia o artigo de Siqueira e David (2014).
- 3) Fazer organização dos verbetes estudados. (pressupõe que saibam o que é verbete)

Sugestão de Leitura: *Topônimos de origem indígena: o papel do Tupi na nomeação dos lugares goianos*. Kênia Mara de Freitas Siqueira e Nismaria Alves David (2014). Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/788>

Fonte: autora, 2020.

O exercício proposto tem o objetivo de reunir as informações que foram passadas durante a aula, com o propósito de fazer pensar e fixar o conteúdo.

Para iniciar a ampliação lexical, a primeira questão propõe a seleção do léxico. O aluno deve elencar algumas palavras, mostrando para o professor que aquelas palavras foram importantes para o aluno conhecer a hidrografia goiana.

A segunda questão está voltada para a produção textual. Guiados pelo texto sugerido, os alunos irão buscar os topônimos da lista que elencaram na primeira questão e acrescentarão outros que considerarem importantes. O artigo dá subsídios para uma extensa pesquisa.

Segundo as autoras, “O estado de Goiás possui 246 municípios, dos quais 70 têm nomes de origem indígena, apresentam uma base tupi ou algum outro elemento constitutivo do nome, seja raiz ou sufixo tupi. ” O aluno poderá copiar o topônimo e depois fazer outras pesquisas para confirmar o que está descrito no artigo, dando caráter científico aos seus verbetes.

Na terceira questão, propomos que os alunos organizem os verbetes da sua seleção lexical, ou seja, cada aluno entregará para o professor uma lista com os verbetes que pesquisou, manuscrita. O professor orienta quem tiver dúvidas a respeito do que é um verbete e quais os elementos são mais comuns, como: entrada, classe de palavras, acepções, entre outros. Sugerimos que o professor leia o capítulo “Definições” do livro Introdução ao Estudo do Léxico” de Rodolfo Ilari. Entre outras explanações o autor relata que “o dicionário é uma grande coleção de definições”. E mostra vários exemplos de verbetes. É um exercício individual, porém podem fazer juntos compartilhando informações, fica a critério do professor. Consideramos um momento oportuno para a interação entre os alunos, possibilitando que dialoguem e aprendam juntos.

FINALIZAÇÃO E REFLEXÃO

Para finalizar esta aula, o professor poderá promover um diálogo com os alunos, voltado para a compreensão da maneira como os alunos veem o Brasil e o Estado de Goiás. Também se pode conhecer as competências gerais dos alunos, seu conhecimento de mundo, a respeito da geografia, aqueles que tiverem algum conhecimento prévio contribuirão com aqueles que ainda não ouviram nada a respeito do Brasil.

O professor utilizará a literatura para desenvolver a sua aula, falando do autor Gilberto Mendonça Teles, sua origem, suas obras e suas contribuições para a literatura brasileira, principalmente para a goiana.

Durante a leitura dos slides da SD, o professor fará alguns comentários, levantará alguns questionamentos para aguçar a curiosidades dos alunos. Durante a leitura das reportagens, dos poemas, pelo professor, espera-se que os alunos tenham observado as palavras conhecidas e com as quais tenham mais familiaridade a fim de enriquecerem o seu repertório lexical.

O professor deverá atentar para a pronuncia dos alunos e também ajudar na leitura das palavras que eles encontrarem dificuldades, aproveitando a ocasião para ensinar a pronuncia correta.

Nessa primeira aula, o professor explica como será a sua metodologia de trabalho. Informará aos alunos que a avaliação ocorrerá durante o desenvolvimento das aulas, e, que ao final de cada etapa, é necessário que eles entreguem os verbetes para correção. Esse texto será corrigido pelo professor e refeito para a próxima etapa com um maior aparato lexical. A cada refacção o texto do aluno se amplia, se tornado um texto melhor produzido, assim, o texto que se apresentou inicialmente com cinco verbetes, ao final das três aulas, deve ter pelo menos quinze verbetes.

Depois de apresentar este objetivo, que é considerado o principal da sequência didática, o professor vai orientar como estudar posteriormente, onde encontrar mais textos do autor Gilberto Mendonça Teles, e outras possibilidades para o estudo, também deve orientar que os alunos estudem em casa temas relacionados e tragam as suas respostas e dúvidas para serem compartilhadas em sala de aula com os outros colegas.

É necessário que o professor saiba todos os passos que propomos nessa sequência didática, e principalmente, saiba quais competências pretende alcançar com a aula proposta. Isso possibilita também a flexibilidade do conteúdo, a adaptação para uma nova estratégia de ensino, caso ele note que a aula com os diferentes gêneros textuais não está tão atrativa.

Nesta primeira aula, o principal objetivo é o diagnóstico. Nesse sentido, ela será uma apresentação, ao mesmo tempo que será uma investigação. As diferentes estratégias de leitura buscam aproximar o aluno da nova língua. Assim, o professor diagnosticará o nível de leitura dos alunos, e isso contribuirá com o planejamento das ações futuras. Espera-se que este primeiro contato, viabilizado pelo diálogo, seja norteador e desperte um desejo de conhecer o português brasileiro também a partir da variedade falada em Goiás.

Em seguida está a segunda aula.

3.4-AULA 2 – Desenvolvimento do Conteúdo

Introduzimos a seguir os dois textos que nortearão a aula dois, e, em seguida, apresentamos o Plano de Aula.

Texto RITUAL

O mormaço envelhecia as folhas
da mamoneira e punha brilho de foice
nas árvores do quintal.

Era o princípio
de setembro, o sufocado estio,
o pressentido medo de se ficar sem ar
na tarde ressequida, no ermo
da paisagem escondida e marginal
como as ruas do povoado.

Em breve, a chuva apagaria
as cinzas das coivaras. Os aceiros
se cobririam de formigas
e os cupins ressurgiriam festivos
no cheiro sensual da terra molhada.

Em breve o pai abriria as primeiras covas
para a canção do milho.

E em breve
eu me deitaria no chão para escutar
o silêncio da plantinha crescendo,
crescendo mais alto que a personagem
nos confins de outra estória.

(TELES, G. M. 1982)

O texto Ritual faz uma referência ao clima e às estações climáticas do ano que refletem diretamente na vida dos goianos. Na primeira estrofe, trata do clima quente, quando as folhas secam, caem e também é um período de poda das árvores. Na segunda estrofe, tem-se o mês de setembro, período conhecido como estiagem, um longo período sem chuvas. Na estiagem, há meses de seca e de natural baixa umidade e altas temperaturas, o que causa ressecamento da pele, dos lábios e da garganta, sendo um período propício às doenças respiratórias, por isso, é preciso beber bastante água para manter-se hidratado.

Nos meses de agosto, setembro e outubro é comum ocorrerem queimadas na região do cerrado. Esses focos de incêndios na maioria das vezes são naturais, não criminosos. O fogo em baixas proporções faz parte da renovação da vida da flora da região. É um processo que ocorre todos os anos e é esperado pelo homem que mora no campo, e conhecido pelos habitantes das cidades da região Centro Oeste.

Já a terceira estrofe fala da chegada da chuva, aproximadamente em novembro, momento em que as queimadas se apagam, as cinzas são lavadas e o cheiro da terra muda, não há mais a sequeidão no ar, não se respira mais a fumaça, agora tem-se o cheiro de terra molhada. Surgem então as formigas e os cupins, que passaram o período da estiagem escondidos em seus ninhos. Os ninhos dos cupins são uma obra vertical que sai da terra. Eles contribuem com a fertilização do solo, além de serem um espetáculo à parte na paisagem do cerrado. Com as primeiras chuvas e a volta desses pequenos animais, a terra vai mudando seus aspectos e se preparando para um novo período que é a plantação.

A plantação ocorre predominantemente nos meses após as primeiras chuvas, quando a terra fica um pouco úmida, mas não encharcada, e, nesse período, tanto os pequenos produtores como os grandes latifundiários se preparam para plantar na época certa, aproveitar o clima para ter uma boa safra e uma excelente colheita.

Um dos produtos mais plantados, e conseqüentemente mais consumidos, em Goiás é o milho. É comum as casas com quintal, especialmente na zona rural, terem uma pequena plantação de milho. São arbustos longos e finos, que produzem cerca de 5 espigas por vez, de fácil cultivo e fácil colheita. O milho é consumido desde bem verde até bem maduro. Um dos principais pratos feitos com milho é a pamonha. Goiás é conhecido pelo Estado em que se come a melhor pamonha do Brasil. A pamonha é um produto feito de milho ralado e cozido, embalado na própria folha da espiga de milho, geralmente amarrada por uma liga de borracha, podendo ser recheada ou não, depende da vontade do freguês. Em Goiás tem pamonha de diversos sabores, tanto doces quanto salgadas.

O lugar que o goiano frequenta para comer pamonha chama-se pamonharia. Na capital, Goiânia, e nas cidades pequenas, é muito comum esse tipo de empreendimento, lugares que vendem pamonha de diversos sabores, tanto para consumir no local quanto para levar e comer em casa. Outra forma de encontrar a pamonha é no “carro da pamonha”, um veículo típico de Goiás, que circula nas ruas das cidades, e com um autofalante o vendedor exclama: “olha a pamonha!”.

Os goianos também se reúnem em família para fazer sua própria pamonha. São eventos familiares e festivos, em que se sabe a origem do milho, na maioria das vezes plantados e colhidos por alguém conhecido, ralado manualmente por um membro da família, embalado e cozido por outros, num trabalho de cooperação, organizado e orientado por uma matriarca, com bastante experiência em fazer pamonha para unir sua família. Nessas pamonhadas, são feitas em torno de 50 pamonhas, que serão consumidas pelas pessoas presentes e também serão estocadas ou doadas para visitas ou mesmo satisfazer a vontade de comer uma pamonha caseira.

O professor poderá saber um pouco mais da tradição da pamonhada goiana, lendo a reportagem do blog Slow Food Brasil, disponível em: <https://www.slowfoodbrasil.com/textos/alimentacao-e-cultura/1468-pamonhada-na-roca-e-na-cidade>. Nessa reportagem dá para ter uma noção do que representa o milho e a pamonha para os goianos, pois há a descrição de situações comuns na vida de quem aguarda o ano inteiro pelo melhor milho para fazer a melhor pamonha. O texto é muito informativo, pois aborda todo o ritual desenvolvido pelas famílias goianas, nos fazendo compreender as expressões “Olha a pamonha!” e “mão de mi” comuns no universo de quem compra e vende pamonha.

Além de pamonha, o milho também é consumido cozido, assado, em mingau, canjica, cural, bolos, cuscuz entre outras iguarias encontradas em Goiás e outras cidades pelo Brasil, até mesmo com nomes diferentes.

Assim, o texto Ritual nos remete a rito, um procedimento de passagem anual, que faz parte da vida do homem do cerrado, envolvendo estações climáticas em um tempo cronológico, esperado pelas famílias, para que também possam fazer seus próprios rituais.

As estações do ano refletem nas plantações, na produção, na disponibilidade dos alimentos na mesa e na forma como as famílias lidam com isso. Trata-se de um ciclo da vida, em que se espera para consumir um bom alimento.

Texto FRUTAS

1

É tempo de jabuticaba em Bela Vista.

- Cada pé custa cinquenta mil-réis,
mas pode chupar uma hora por cinco.

A mão colhe depressa a maior, a mais negra,
o dente fere a casca e a boca ressoa
o estalido que a língua absorve,
e degusta ininterrupta.

Às vezes no céu da boca a ferroadada
zombeteira do marimbondo invasor .
Mas é preciso comer depressa,
é preciso comer mais, e mais.

De repente, o acontecimento mais doce:
os seios trêmulos da namorada insensível
cantam nos galhos.

2

É tempo de gabirola,
tempo de amor e de cobras.

É tempo de tarde limpa
nos arredores de Grimpas.

Tempo de espera e de medo,
tempo de tatos e de dedos.

Em cada moita um desejo,
gosto de fruta e de beijos.

Debaixo de cada moita,

há mãos e cobras afoitas.

E dentro de cada fruta
veludos e sombras de grutas,

ritual de línguas e cobras
no tempo das gabiobas.

(TELES, G. M. 1982)

O texto Frutas apresenta duas frutas típicas da região do cerrado, a jabuticaba e a gabioba.

Quando o assunto é jabuticaba, o povo goiano entende muito. No texto, há composição poética descrevendo como se colhe e come a jabuticaba na jabuticabeira. No primeiro verso, o autor cita a cidade de Bela Vista no Estado de Goiás, uma referência à essa onde se localiza a maior plantação de jabuticaba do mundo. São cinquenta mil pés de jabuticabeira em uma única fazenda. A popularidade dessa fazenda é muito grande, ela é visitada e considerada ponto turístico de Bela Vista. Por ser tão grande e tão conhecida, o proprietário lançou um desafio aos visitantes: ele daria a fazenda para quem comer uma jabuticaba de cada árvore ali plantada. Até a data atual, nenhuma pessoa conseguiu percorrer e degustar pelo menos uma jabuticaba dos cinquenta mil pés que estão na fazenda.

Na primeira estrofe também temos essa referência em que o autor diz que por uma fruta de cada pé, paga-se cinquenta mil réis, que é o prêmio pago pela fazenda. Mas, para quem não consegue comer tudo isso, tem a opção de pagar cinco réis para ficar durante uma hora comendo jabuticaba diretamente no pé da árvore. Réis era o padrão monetário brasileiro até 1942.

Assim, a segunda estrofe descreve o comportamento de quem está na fazenda e tem apenas uma hora para comer o quanto puder. Esse comportamento é repassado pelos goianos para os inexperientes que estão pela primeira vez diante de uma jabuticabeira. O objetivo é colher rápido as frutas maiores e mais escuras, porque essas são as mais saborosas, mais doces e mais suculentas.

A jabuticaba explode na boca. A explosão faz um pequeno barulho. Ao ser mordida, o suco se espalha nas papilas degustativas, a língua fica mergulhada naquele sabor peculiar, e a pessoa não consegue comer apenas uma jabuticaba. A repetição dessa ação oferece uma saborosa experiência cultural. Mas é importante comer depressa, pois, segundo o eu lírico, insetos e maribondos também sabem que a jabuticaba é uma fruta muito gostosa, e é normal,

vez ou outra, ser surpreendido com uma ferroada de um marimbondo ao morder uma jabuticaba, mas isso não fará um bom amante de jabuticaba parar de degustar a fruta.

A jabuticaba é uma fruta querida pelos goianos, com ela faz-se diversos gêneros alimentícios como bolos, geleias, sucos, doces, entre outros. Sugerimos a reportagem do Portal G1 “Do vinho a trufa, uma variedade de produtos feitos com uma fruta muito saborosa” disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8492224/>. Em que agricultores participam de uma feira para vender seus produtos feitos a partir da jabuticaba.

Em seguida, o eu lírico ou voz poética, apresenta outra fruta conhecida dos goianos, a gabirola, que também pode ser chamada de guavira. Esta não deve ser confundida com a guariroba, que é uma palmeira de onde se extrai um palmito, muito apreciado pelos goianos também. A gabirola é a fruta símbolo do Estado do Mato do Grosso do Sul. No município de Bonito circula uma lenda de que a gabirola engravida as moças, porque muitos casais iam coletar o fruto no cerrado e também iam namorar no guaviral.

O eu lírico dá uma conotação sensual para as ações relativas à colheita da gabirola.

As árvores de gabirola são pequenas, são cercadas de moitas. Os arbustos são naturais do cerrado e neles comumente se escondem cobras.

Para se colher a fruta a que se ter paciência e cuidado. A colheita pode ser prazerosa, mas também surpreendente, por isso o eu lírico fala em amor, em desejo, em tatos e dedos. Ele deseja a fruta como se deseja alguém. Na sua descrição poética, podemos inferir o sentido ambíguo da palavra cobra, que no Brasil refere-se ao órgão genital masculino. Por isso, o texto remete a uma significação sexual, de desejo pela fruta encontrada nas moitas de cerrado, mas também ao desejo dos amantes. A moita faz referência tanto ao perigo de se encontrar uma serpente quanto a se esconder para praticar algo que não pode ser visto pelos outros. A referência à sexualidade está presente tanto na colheita, quanto na degustação da gabirola.

Ela pode ser consumida in natura ou em outros produtos derivados, tem um gosto bem peculiar, apreciado pela maioria dos goianos.

A jabuticaba e a guarirobas, assim como outras frutas do cerrado, trazem muitos benefícios para a saúde humana, além de serem saborosas. Entre essas frutas está o pequi, que é um símbolo goiano, uma fruta com grande poder mercadológico, pois é muito apreciada pelos goianos. Por isso, reservaremos parte da nossa aula para tratar da cultura em torno do pequi, dando ênfase às suas características de superalimento. Para isso, selecionamos três vídeos de um mesmo canal, em que uma nutricionista apresenta essas três frutas (jabuticaba, gabirola e pequi), destacando seus benefícios para a saúde. Os vídeos estão na metodologia da aula 2.

PLANO DE AULA: 02

ATIVIDADES COGNITIVAS:

- Leitura.
- Percepção da pluralidade da língua presente na nomeação dos alimentos.
- Relacionar os conceitos apresentados no texto “Lira Goiana” com os conteúdos dos textos da aula 2.
- Conhecimento do Cerrado, da vegetação própria, e das diferentes estações climáticas desse bioma do Brasileiro.
- Desenvolvimento da pronúncia em português.
- Reelaboração do texto dos verbetes.
- Apresentação dos resultados da pesquisa a respeito das frutas.
- Apresentação das imagens das paisagens goianas, elencando o vocabulário.
- Correlação entre imagem e nome das frutas.
- Refacção do texto do verbete, atentando-se às correções feitas pela professora.
- Seleção do léxico para compor os verbetes
- Sintetizar e seleccionar as informações estudadas nas aulas anteriores, seleccionar material informativo e reunir o repertório de estudo e pesquisa.

CONTEÚDO

- Frutas do cerrado/Centro-Oeste.
- Campo lexical: frutas do cerrado.
- Geografia do estado de Goiás.
- Hidrografia do estado de Goiás.
- Ampliação do repertório lexical.
- Vocabulário diverso.
- Comidas Típicas.
- Produção escrita.
- Possíveis sinônimos do léxico estudado.
- Relação do bioma Cerrado com os rios e frutas.
- Intertextos.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que os conhecimentos se interligam e se complementam, desse modo, é importante fazer um exercício intertextual, mostrando a ligação dos conteúdos e como os textos já estudados ajudam a formar um corpo de conhecimento sobre o estado de Goiás.

O ensino de uma língua estrangeira pressupõe a valorização da cultura, à qual se interliga o conhecimento sobre a flora e a fauna da região onde a língua é falada. Nesse sentido, os textos *Ritual* e *Frutas* são fontes importantes desse conhecimento porque trazem elementos relevantes da cultura goiana.

Além disso, como a internet é uma ferramenta importante para o ensino-aprendizagem, usaremos exaustivamente essa ferramenta de busca e aquisição de conhecimento nas mais diversas plataformas e modalidades, a fim de possibilitar um amplo conhecimento a respeito da cultura goiana.

OBJETIVOS

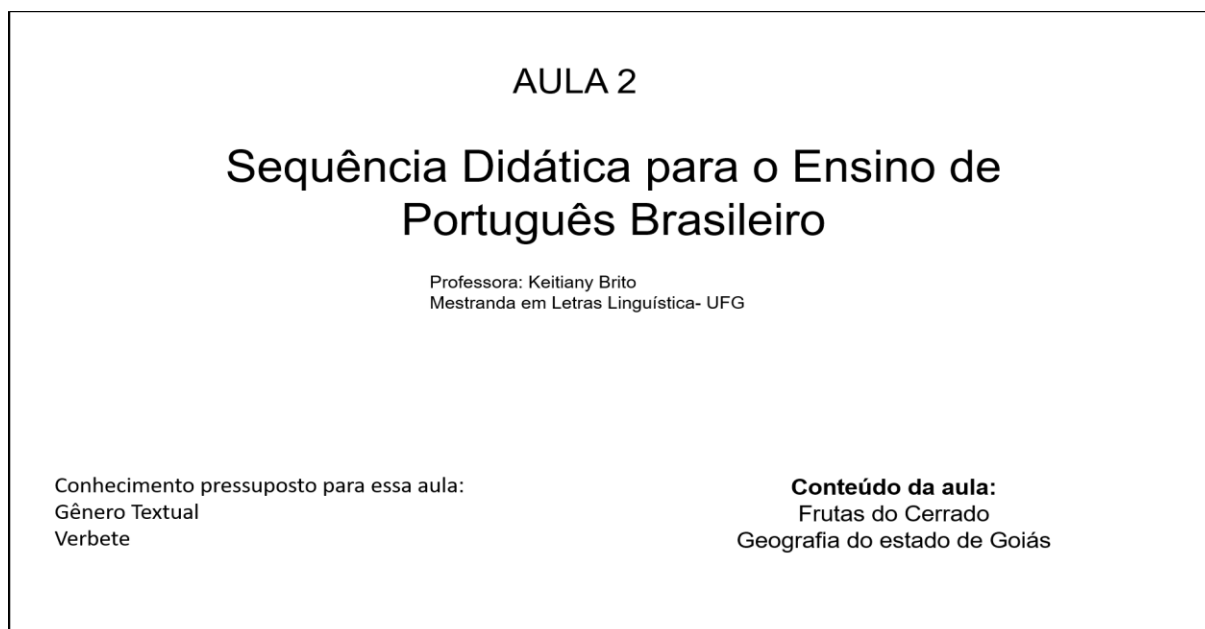
- Apresentar os textos “Frutas” e “Ritual”;
- Explicitar os campos lexicais e os domínios semânticos da flora e dos alimentos;
- Explorar estações climáticas do bioma cerrado;
- Mostrar a diversidade de frutas presentes em terras goianas;
- Apresentar frutas típicas do Cerrado por meio do Texto Frutas;
- Fazer conhecer as imagens das frutas típicas do cerrado, através de vídeos e imagens;
- Correlacionar as imagens das frutas típicas do cerrado e as imagens dos rios.
- Valorizar o vocabulário específico;
- Explorar junto com os alunos tudo que os Textos Ritual e Frutas lhes ofereceram;
- Apresentar o texto “Ritual” que traz elementos importantes da cultura goiana;
- Desenvolver habilidade escrita;
- Ampliar o repertório lexical;
- Estimular o desenvolvimento da leitura e da pesquisa;
- Proporcionar aos alunos interação mais efetiva com o texto;
- Valorizar o vocabulário específico dos campos lexicais estudados.

METODOLOGIA

Disponibilizamos aqui 21 imagens dos nossos slides, que compõem a segunda aula. Eles estão enumerados, apresentados e descritos separadamente para auxiliar a aula do professor da SD. Ressaltamos que as imagens que não receberam referências no corpo do slide, tem como fonte: Google/domínio público.

O slide número 23 é o início da aula, é como uma capa para este módulo, é o slide de introdução da aula, momento em que o professor iniciará a conversa sobre o que pretende ensinar a partir da aula 2.

Figura 24: Slide 23



Fonte: autora, 2020.

Na segunda aula, os conhecimentos pressupostos são: gênero textual e a compreensão de verbete como um gênero encontrado no domínio discursivo dicionário.

O professor deve contextualizar esta aula, apresentando seus principais tópicos:

- Apresentação da geografia do estado de Goiás.
- Apresentação do bioma Cerrado.
- Apresentação das frutas do Cerrado.

Será feito um exercício de intertextualidade dos textos Ritual e Frutas, de Teles, com as canções de Elen Lara e Marcelo Barra, duas composições que contribuirão com a compreensão dos temas campo lexical e campos semânticos da flora e dos alimentos.

Esta aula está especialmente voltada a elaboração de novos verbetes e para oferecer subsídio teórico para a construção de conhecimento a respeito do clima, do relevo, da vegetação, e também da agricultura no estado de Goiás, aspectos que se refletem na culinária local, e consequentemente, constituem a cultura goiana.

Nesse sentido, no slide 24 em que o título é o “Clima no Estado de Goiás” o professor começara a situar o aluno, para isso trouxemos uma citação, com o objetivo de oferecer condições para que os alunos compreendam os textos de Teles.

Figura 25: Slide 24

Clima no Estado de Goiás

“O Estado de Goiás e o Distrito Federal são regiões importantes para o abastecimento de das principais bacias hidrográficas do Brasil (ANA, 2002), por contarem com uma rica rede de drenagem, inclusive suas nascentes. Sendo assim, é importante se estipular os padrões e, principalmente, volume das chuvas para se poder planejar de forma sustentável os manejo dessas regiões. Outro setor em que o clima tem total influência é na agricultura. Nesse caso, é importante se saber quais são os meses de maior precipitação e quais os meses são de estiagem, bem como a temperatura é um determinante tão importante quanto a umidade e o tipo de solo, quanto ao desenvolvimento de determinado tipo de cultura que está associado a um intervalo de temperatura específica.”

Murilo Raphael Dias Cardoso, Francisco Fernando Noronha Marcuzzo, Juliana Ramalho Barros (2014)
 Classificação Climática De Köppen-geiger Para O Estado De Goiás E O Distrito Federal
 Sugestão De Leitura: <https://Revista.Ufr.Br/Actageo/Article/View/1384/1480>

Fonte: autora, 2020.

No slide 24 o professor introduzirá o conteúdo novo, lembrando as bacias hidrográficas presentes na região de Goiás. O objetivo é fazer o aluno entender porque as plantas do Cerrado não morrem no período da seca.

Para compreender como é o clima do Estado e como a geografia interfere na vegetação, sugerimos que o professor leia o artigo científico “Classificação Climática De Köppen-geiger para o estado de Goiás e o Distrito Federal”, de Murilo Raphael Dias Cardoso, Francisco Fernando Noronha Marcuzzo e Juliana Ramalho Barros (2014), disponível em: <https://Revista.Ufr.Br/Actageo/Article/View/1384/1480>.

Nesse artigo, os autores detalham o tipo de clima de cada estação do ano, ressaltam ainda que no estado de Goiás e no Distrito Federal há apenas duas estações climáticas, o verão

chuvoso e o inverno seco. Além disso, os autores mostram como se dá o desenvolvimento do plantio e da colheita nos períodos de muita chuva e nos períodos de estiagem, que é o longo período sem chuva, com baixa umidade e altas temperaturas, mostrando os reflexos desse clima nas produções agrícolas da região.

O objetivo é preparar o aluno para a leitura do próximo texto de Gilberto Mendonça Teles, denominado *Ritual*, que compõe o slide 25.

Figura 26: Slide 25

Texto - RITUAL O mormaço envelhecia os folhas da mamoneira e punha brilho de foice nas árvores do quintal. Era o princípio De setembro, o sufocado estio, o pressentido medo de se ficar sem ar na tarde ressequida, no ermo da paisagem escondida e marginal como as ruas do povoado.	Em breve, a chuva apagaria as cinzas das coivaras. Os aceiros se cobririam de formigas e os cupins ressurgiriam festivos no cheiro sensual da terra molhada. Em breve o pai abriria as primeiras covas para a canção do milho. E em breve eu me deitaria no chão para escutar o silêncio das plantinhas crescendo, crescendo mais alto que a personagem nos confins de outra estória. Gilberto Mendonça Teles
---	---

Fonte: autora, 2020.

Sugerimos que o professor promova uma declamação do poema, que tem um forte apelo dramático, explorando as possibilidades poéticas e didáticas que esse tipo de texto oferece.

O texto *Ritual* é, como o nome diz, a descrição de um rito. No livro “O pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry (1943), a raposa diz ao príncipezinho que é preciso manter um certo ‘ritual’, para que ele venha ao seu encontro sempre na mesma hora, pois isso fará com que ela se prepare para encontrá-lo, e é assim que vemos a descrição poética do clima de Goiás no texto de Teles.

O texto nos mostra um ciclo que se repete todos os anos, e cada fase desse ciclo é conhecida e esperada pelo goiano. A análise sócio-discursivo-cultural do texto *Ritual*,

promovida anteriormente, oferece elementos para a compreensão da importância desse tipo de ritual na vida do povo goiano.

Quatro pontos importantes a serem abordados a partir do texto são:

- A sensibilidade para a melodia sonora, que oferece uma experiência sensível com o texto.
- A compreensão dos ritos que envolvem o clima, o tempo e a plantação.
- O conhecimento que o homem do campo tem, pela experiência diária com a terra.
- O reflexo do ritual do clima do cerrado na vida, na produção de alimentos e na sobrevivência do homem.

Após esse momento poético de análise do texto *Ritual*, sugerimos ao professor a exibição de alguns vídeos, começando pelo proposto no slide 26.

Figura 27: Slide 26

O cerrado brasileiro.

Clima, Vegetação, Relevo e Agricultura

Cerrado é o nome regional dado às savanas brasileiras e se localiza no grande platô que ocupa o planalto central brasileiro.

Por fazer fronteira com os biomas Mata Atlântica, Caatinga, Amazônia e Pantanal, a fauna e flora do cerrado são extremamente ricas.

O clima do cerrado é quente, semiúmido, com verão chuvoso e inverno seco.



Vídeo no Canal: destruidores do Enem.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZtXdg_0EEgl

Fonte: autora, 2020.

O texto *Ritual* tematiza o bioma Cerrado, e para ampliar o conhecimento sobre ele, sugerimos a vídeo-aula do Canal Destruidores do Enem, cujo o título é “Clima, vegetação, relevo e agricultura”, em que um professor explica como esses quatro tópicos se articulam formando a Cerrado brasileiro. A vídeo-aula está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZtXdg_0EEgl.

Trata-se de um vídeo expositivo, com 5 minutos e 40 segundos de duração, no qual o professor explica cada componente que dá ao Cerrado características peculiares, a saber:

- As duas estações climáticas do cerrado, o que causa essa mudança climática tão extrema ao longo do ano.

- Exemplos e nomes de algumas espécies de árvores e plantas encontradas no cerrado brasileiro.
- O planalto central, as chapadas e as bacias hidrográficas do cerrado.
- A agricultura desenvolvida no estado, ou seja, o que o homem tem plantado nessa terra, e conseqüentemente o que ele tem consumido a partir da sua colheita.

Depois de assistir à vídeo-aula, para complementar a contextualização do tema cerrado com o texto Ritual, apresentaremos dois vídeos, no slide 27, que intitulamos “Ritual, o poema das estações goianas”.

Figura 28: Slide 27

Ritual, o poema das estações goianas



BBC News Brasil - Cerrado, a 'floresta de cabeça para baixo' que leva água à boa parte do Brasil". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wIQ4yliowHw>



WWF-Brasil - "Você conhece o Cerrado?" <https://www.youtube.com/watch?v=orGhCBbK4lw>

Fonte: autora, 2020.

O objetivo do primeiro vídeo é oferecer aos alunos a possibilidade de visualizar imagens do bioma cerrado e obter mais informações sobre o meio ambiente no estado de Goiás.

O vídeo é uma reportagem da BBC News Brasil: “Cerrado, a ‘floresta de cabeça para baixo’ que leva água à boa parte do Brasil”, está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wIQ4yliowHw>. Além de imagens aéreas, que possibilitam visualizar as belezas, as cores, o formato das árvores, o vídeo também traz no áudio a explicação do fenômeno que ocorre com o crescimento das raízes das árvores do cerrado, algo impossível de ser visto a olho nu. Por isso, o nome do vídeo, “Cerrado, a floresta de cabeça para baixo” e explica onde as plantas buscam água no período da seca, prolongando os seus anos de vida, e

se adaptando ao clima e conseqüentemente, ao solo. O vídeo também mostra como essa vegetação proporciona a diversidade da flora e da fauna, e trata da importância da preservação dessa diversidade, mostrando que é possível manter o Cerrado de pé, e ter uma renda financeira por meio das plantas que podem ser exploradas comercialmente, apresentando alguns benefícios das plantas do cerrado.

Ainda no slide 27, o outro vídeo é do Canal da WWF Brasil intitulado “Você conhece o cerrado?”, há em animação a explicação de como é o Cerrado brasileiro, sua área e sua diversidade em relação ao mundo. O vídeo mostra primeiro as riquezas, em seguida as características que compõem o bioma, para então tratar das ameaças que podem fazer o cerrado brasileiro entrar em extinção, levando ao desaparecimento de alguns animais e de plantas nativas da região.

Sugerimos esses vídeos voltados para a preservação ambiental, por acreditamos que o trabalho do professor passa por essa necessidade de conscientização. Por isso no slide 28 sugerimos um documentário um pouco mais longo, “Sertão Velho Cerrado”, voltado para a preservação do cerrado goiano.

Figura 29: Slide 28

The slide is divided into three main sections. On the left, there is a vertical list of six plant icons with their names: COQUINHO AZEDO, MANGABA, CAPIM DOURADO, MANDACARU, and BACURI. The middle section features the 'Site Cerra+tinga' logo, a search bar for 'Pesquisa de plantas e frutas do cerrado' with the URL <http://www.cerratinga.org.br/cerrado/>, a video player for 'SERTÃO VELHO CERRADO' with a play button and a duration of 1:36:00, and a suggestion for the documentary 'Sertão Velho cerrado' with the YouTube link <https://www.youtube.com/watch?v=5BZoEyBvXpc>. The right section displays the 'CERRATINGA' website header, a navigation menu, and a detailed page for the 'Cerrado' biome, including a map of Brazil highlighting the Cerrado region and a list of species.

Fonte: autora, 2020.

O documentário “Sertão Velho Cerrado” (2018), que tem direção de André D’elia, está disponível na plataforma da Netflix, mas também pode ser encontrado no YouTube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=5BZoEyBvXpc>. Este documentário é todo ambientado no

estado de Goiás, mais especificamente, na Chapada dos Veadeiros, em três pequenas cidades, Alto Paraíso, Cavalcante e São Jorge.

O documentário tem 1 hora e 36 minutos, por isso oferece uma longa lista de opções para o trabalho do professor, que pode trabalhar com todo o documentário ou pode selecionar vários trechos para exibir na aula. O documentário suscita reflexões a respeito da preservação da biodiversidade do Cerrado, revelando o impacto ambiental que o desmatamento desse bioma pode causar para as comunidades próximas e também para as demais pessoas. O documentário traz a fala de especialistas que defendem as áreas de preservação, e também a fala de grandes latifundiários que defendem a monocultura como forma de desenvolvimento da região, e também a fala da comunidade local preocupada com o fim do Cerrado em Goiás. Além do mais, o documentário mostra que essas comunidades vivem em harmonia com o Cerrado, aproveitando suas belezas para o turismo, o poder curativo da flora, explorando comercialmente alguns alimentos, desvendando o valor nutritivo das frutas do cerrado etc.

Ainda no slide 28, apresentamos também o Site Cerratinga, nome formado pela aglutinação de Cerrado e Caatinga, onde também se pode pesquisar a respeito do Cerrado, suas plantas e frutos, sendo está uma possível fonte de estudo para os alunos responderem as questões propostas no slide 29, momento voltado para a fixação dos conteúdos estudados até aqui.

Figura 30: Slide 29

Ritual, o poema das estações goianas



No poema ritual podemos ver as estações inverno e verão serem apreciadas pelo eu-lírico. Agora vamos pensar juntos...

1. Vocês conseguem identificar o clima goiano?
2. Como o clima interfere na plantação de milho.
3. Quais as palavras são derivadas da palavra milho.
4. Quais os pratos culinários feitos com milho o goiano aprecia?

Vamos estudar os substantivos derivados da palavra milho.

Fonte: autora, 2020.

Sugerimos nesta altura da sequência uma reflexão acerca do conteúdo apresentado até aqui. Será o momento em que o professor verificará como está a recepção do conteúdo, fazendo um link entre o plantio do milho, presente no texto Ritual e o próximo texto, Frutas, de Gilberto Mendonça Teles.

O objetivo é que o professor questione e faça com que os alunos comentem a respeito do que já se tem estudado até então.

Por isso, a primeira pergunta deve estar voltada para as estações do clima goiano e a segunda, para a estiagem e as precipitações, que guiam o momento certo de plantar e colher.

A terceira, deve estar direcionada para o processo de derivação envolvendo a palavra “milho”.

A quarta pergunta deve tratar dos alimentos e da culinária derivada do milho.

Para prosseguir a aula, o professor poderá aprofundar-se no conhecimento da palavra milho, conteúdo que sugeriremos no slide 30.

Figura 31: Slide 30

Campo Lexical e Campo semântico

Derivação
Milho
Milharal
Milharina
Milheiro

Produtos do milho
Pamonha
Cuscuz
Mingal de milho

Tipos de milho
Milho branco
Milho verde
Milho de pipoca

Realizações
Milho
Mi

O sentido figurado da palavra pamonha
Musica: Carro da Pamonha.

Expressões com a palavra milho
Catando milho: digitar devagar
De grão em grão a galinha enche o papo: parcelado/devagar
Quando você vinha com o milho, eu já voltava com a pamonha:

Sugestão de pesquisa:
Semelhança com
milho-milionário

Olha a pamonha!!!

Fonte: autora, 2020.

Depois da introdução oral, deve-se focar o campo lexical e o campo semântico que envolve a palavra milho e as suas possibilidades. Primeiro aborda-se a formação de palavras, mostrando algumas palavras que podem derivar da palavra milho, como: milharal, Milharina, milhal, milheiral, milharada, milheiro e milhão.

Em seguida, o professor trata dos gêneros alimentícios feitos a partir do milho, como: pamonha, bolinho de milho frito, cuscuz, cural, mingau, munjica, bolo, doces, sorvetes, dando

destaque para a variação desses nomes no território brasileiro e para o fato de os goianos apreciarem muito cada um desses alimentos.

Outro ponto, são os tipos de milho encontrado no Brasil, aqui apresentamos os mais comuns, mas o professor pode falar das fases de desenvolvimento do milho, visto que de acordo com o período que é colhido, servirá, ou não, para fazer determinado prato.

O professor poderá também mostrar a realização fonética da palavra milho e como alguns goianos a pronunciam, [mi]. Com a supressão da sílaba final, [ʎu].

Além dessa atividade, o professor poderá trabalhar a formação e o significado de algumas expressões idiomáticas com a palavra milho, explicando, por exemplo, as expressões brasileiras “catando milho”, “de grão em grão a galinha enche o papo”, “ Quando você vinha com o milho, eu já voltava com a pamonha”.

O professor também poderá explicar o sentido figurado da palavra “pamonha” (ser humano facilmente enganado, bobo). O que dá a esse verbete, pelo menos, duas acepções.

A pamonha merece lugar de destaque nesta aula, por isso, sugerimos a escuta do áudio a seguir, que reproduz o bordão dos vendedores goianos de pamonha : “Olha a pamonha!” O vídeo “Vendedor de Pamonha”, disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=8cLPAkoBFdk>, traz um exemplar de um “carro da pamonha”.

Depois de entender um pouco do amor do goiano por pamonha, sugerimos, no slide 31, que o professor exiba uma vídeo-reportagem para mostrar a importância da colheita do milho adequado.

Figura 32: Slide 31



Fonte: autora, 2020.

Para mostrar como se faz uma das principais comidas típicas goiana, sugerimos que o professor assista junto com os alunos ao vídeo “Conheça o Milho desenvolvido só para fazer Pamonha”, disponível no Canal Natu Five no link: <https://www.youtube.com/watch?v=urle0tr29Ks>. O vídeo originalmente é uma reportagem do Jornal do Campo, da TV Anhanguera.

O vídeo mostra o processo de melhoramento do milho com o objetivo de fazer a melhor pamonha do Brasil no estado de Goiás. Alguns aspectos foram levados em consideração na busca de fazer um milho de boa qualidade, entre eles estão: a cor amarela, própria da pamonha; o rendimento, espigas grandes como muitos grãos; a qualidade da palha, pois esta envolverá a pamonha, além da tolerância às pragas, ao clima, a armazenagem, e principalmente que produza o ano inteiro.

Na reportagem, ainda vemos a importância da lavoura para a economia local, tanto para produtores quanto para trabalhadores que buscam emprego nas fazendas de milho, assim como para os donos de pamonharias e os vendedores ambulantes.

O vídeo mostra o processo de plantar e colher o milho, destacando o momento em que o grão não está verde demais nem maduro demais. O milho para fazer pamonha é o milho verde.

No vídeo também é possível notar a paixão do povo goiano por pamonha, visto que mesmo a colheita sendo em grande quantidade às vezes, não é o suficiente para abastecer o mercado da capital do estado.

Em seguida ao vídeo, sugerimos a leitura de uma reportagem, disponível no slide 32.

Figura 33: Slide 32



Fonte: autora, 2020.

Sugerimos que após conhecer um pouco da história do milho goiano próprio para fazer pamonhas, o professor faça a leitura desta reportagem do blog Slow Food Brasil, disponível em: <https://www.slowfoodbrasil.com/textos/alimentacao-e-cultura/1468-pamonhada-na-roca-e-na-cidade>. Essa é uma reportagem bem completa a respeito da tradição de fazer pamonha em casa.

A reportagem conta em detalhes o longo processo que envolve a pamonhada e mostra a afetividade que envolve o processo. O texto traz também a expressão *mão de mi*, que significa sessenta espigas de milho, além de muitas imagens que dão uma noção de como é esse evento familiar.

O milho é ralado, as pamonhas são recheadas com diversos sabores, são chamadas de pamonha de doce ou pamonha de sal, são embaladas na própria palha do milho e cozidas em um grande tacho, geralmente em fogo a lenha.

O professor poderá mostrar as derivações da palavra pamonha: pamonharia e pamonhada.

O objetivo é mostrar para os alunos que a pamonha é uma tradição na mesa goiana. E, assim como o milho, outros alimentos também dependem do clima local.

Depois de ler e entender o que a pamonha representa para o goiano, o professor continuará falando dos alimentos, as frutas do cerrado.

O objetivo daqui em diante é focar os conhecimentos nas frutas, para isso, no slide 33 apresentamos uma reportagem “11 Frutas do Cerrado que Todo Mundo Deveria Conhecer”.

Figura 34: Slide 33

11 Frutas do Cerrado que Todo Mundo Deveria Conhecer
De pequi à mangaba, o que não falta é novidade



O cerrado é uma das áreas mais ricas do Brasil, e cobre praticamente 20% do território nacional na região do Planalto Central. Com biodiversidade rica e (no mínimo) cinco ecossistemas diferentes, há uma infinidade de plantas e animais que fazem dele um dos ambientes mais diversificados do país. De beleza única e incomparável, por aqui também existem frutos típicos que vale a pena conhecer e valorizar. Duvida? Confere aí:

Sugestão: Reportagem completa no site do Curta Mais GYN
<http://www.curtamais.com.br/goiania/11-frutas-do-cerrado-que-todo-mundo-deveria-conhecer>

Fonte: autora, 2020.

Na busca de mostrar a cultura local por meio dos alimentos, mostrar como o clima interfere na alimentação presente na vida dos goianos, sugerimos que o professor leia junto com os alunos a reportagem do site Curta Mais GYN, disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/11-frutas-do-cerrado-que-todo-mundo-deveriaconhecer>. Nessa leitura, os alunos poderão conhecer 11 nomes de diferentes frutas típicas do cerrado brasileiro.

A reportagem tem os nomes, as imagens das frutas e a sua descrição, mostra o formato, as árvores, e até compara com outras frutas mais conhecida, além de trazer o nome científico da planta.

O objetivo é apresentar as frutas e aumentar o repertório lexical do aluno.

Na reportagem são citadas as seguintes frutas: Bacupari do cerrado, Pêra do campo, Murici, Cagaita, Mama cadela, Pequi, Baru, Araticum, Buriti, Cereja do cerrado e Mangaba.

Depois de ler esta reportagem e notar a variedade na flora local, o professor seguirá a aula apresentando aos alunos o poema Frutas por meio do slide 33.

Figura 35: Slide 34

TEXTO - FRUTAS 1 É tempo de jabuticaba em Bela Vista. - Cada pé custa cinquenta mil-réis, mas pode chupar uma hora por cinco. A mão colhe depressa a maior, a mais negra, o dente fere a casca e a boca ressoa o estalido que a língua absorve, e degusta ininterrupta. Às vezes no céu da boca a ferroadada zombeteira do marimbondo invasor . Mas é preciso comer depressa, é preciso comer mais, e mais. De repente, o acontecimento mais doce: os seios trêmulos da namorada insensível cantam nos galhos.	2 É tempo de gabioba, tempo de amor e de cobras. É tempo de tarde limpa nos arredores de Grimpas. Tempo de espera e de medo, tempo de tatos e de dedos. Em cada moita um desejo, gosto de fruta e de beijos. Debaixo de cada moita, há mãos e cobras afoitas. E dentro de cada fruta veludos e sombras de grutas, ritual de línguas e cobras no tempo das gabiobas. Gilberto Mendonça Teles
--	---

Fonte: autora, 2020.

O texto Frutas deve ser lido com emoção e interpretação cênica, pois é um texto que diz mais do que o que está escrito. Nesse texto podemos ver o perfil do escritor voltado para a sexualidade.

Sugerimos para o professor a leitura da análise sócio-discursivo-cultural para entender o que há por trás desse poema. Na nossa análise descrevemos fatos que fazem parte da cultura goiana, como a fazenda de Bela Vista, como o processo de colher e comer jabuticaba no pé.

O poema se dedica a apresentar duas frutas muito semelhantes. A jabuticaba assim como a gabioba explodem na boca, ambas são suculentas envoltas por uma casca fina.

Para fazer a interpretação do texto da estrofe que trata da gabioba, sugerimos que o professor se certifique de que está falando para adultos. Pois uma das interpretações metafóricas tem cunho sexual, o que em alguns casos poderá causar constrangimento.

Para evitar constrangimentos, o professor poderá fazer uma análise mais superficial e ficar apenas no campo lexical das frutas.

Assim, além das onze frutas vistas anteriormente, agora o aluno conhecerá mais duas frutas do cerrado brasileiro.

Com o objetivo de apresentar mais algumas frutas para os alunos, de forma visual, no slide 35, colocamos o print da tela do canal “Frutas do Cerrado”.

Figura 36: Slide 35

Frutas do Cerrados
5,27 mil inscritos

INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE

Envios REPRODUZIR TODOS CLASSIFICAR POR

Fruta mama-cadela já é época novembro, dezembro ...
155 mil visualizações • 2 anos atrás

Fruta do cerrado melancia de tatu mas esse novidade pra...
147 mil visualizações • 1 ano atrás

A fruta canela de velho outra variedades mas também...
25 mil visualizações • 2 anos atrás

Bolsa-de-pastor ou cinco-folhas mas uma curiosidad...
13 mil visualizações • 2 anos atrás

Fruta do cerrado murici-de-ema uma fruta muito boa.
10 mil visualizações • 2 anos atrás

Pimenta de macaco usada até em culinárias.
10 mil visualizações • 2 anos atrás

Pitanga-de-perdiz ou maroto uma deliciosa fruta do...
9,9 mil visualizações • 2 anos atrás

Feijão-olho-de-boi ou cipó-olho-de-boi mas essa...
7 mil visualizações • 1 ano atrás

Fruta marmelada-de-cachorro ou marmelada-do-...
6,8 mil visualizações • 2 anos atrás

Mas um fruto do cerrado Japacanga
6,4 mil visualizações • 2 anos atrás

Fruta do cerrado sangue-de-cristo ou vinho-do-campo.
5,8 mil visualizações • 2 anos atrás

Fruta do cerrado do Brasil Araticum-de-...
5,7 mil visualizações • 1 ano atrás

O ananás ou abacaxi do cerrado uma fruta comestível
5,2 mil visualizações • 1 ano atrás

Mas uma curiosidade. Tamboril, oreilha...
5 mil visualizações • 2 anos atrás

Frutas-do-cerrados coco-de-espinho, macauba (Acronom...
4,6 mil visualizações • 2 anos atrás

Sementes da sucupira preta mas esse detalhe do nosso...
4,5 mil visualizações • 2 anos atrás

Bacupari-do-campo fruta que da em forma de pequeno...
4 mil visualizações • 1 ano atrás

Fruta do cerrado milho-de-grilo até tem propriedades...
3,8 mil visualizações • 2 anos atrás

Sugestão de Canal no YouTube Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCbIL4WW846b8HewbD3aG> -Q/videos

Fonte: autora, 2020.

Sugerimos que o professor indique o Canal Frutas do Cerrado, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCbIL4WW846b8HewbD3aG> -Q/videos.

Neste canal no YouTube, um homem do cerrado apresenta as frutas que encontra próximo de onde mora.

Assim os alunos terão a oportunidade de conhecer mais de 50 tipos de frutas, no próprio pé da árvore, ouvirão a voz de um homem goiano falando com amor pela natureza. Nas imagens, pode-se ver o tamanho das frutas em relação a sua mão, como são as árvores, se são arbustos, se são palmeiras, como são as folhas, como está o processo de extinção de algumas espécies.

Ele mostra os benefícios, fala quais os animais aquela fruta alimenta, aborda o poder curativo, destacando a fitoterapia, e os saberes da floresta, pois para algumas comunidades, esses são os fármacos mais usados.

O canal tem muito conteúdo para ser explorado. O professor pode pedir que cada aluno escolha um vídeo deste canal para apresentar uma fruta diferente para seus colegas em sala de aula. Destacando as características, os benefícios e até mesmo os venenos, repelentes e outros fatores que considerarem peculiares.

Por se tratar de um homem do campo falando os nomes populares, sugerimos que os alunos busquem outras fontes, com os nomes técnicos, visto que em outros lugares do Brasil as frutas podem ter outro nome, mas cientificamente, o nome não muda. O professor pode explicar

o que é terminologia, mostrando para os alunos que existem palavras técnicas referentes a cada área do conhecimento, nesse caso, a Botânica.

Para prosseguir a aula, aqui elencamos os três vídeos que citamos anteriormente, sobre as três frutas (jabuticaba, gabioba e pequi). Nos slides 36, 37 e 38.

Figura 37: Slide 36

Os 10 Benefícios da Jabuticaba Para Saúde! | Dicas de Saúde



- 1. jabuticaba é uma boa opção de snack light para beliscar durante a tarde;**
- 2. jabuticaba é boa para a digestão;**
- 3. jabuticabas é boa para fortalecer os vasos sanguíneos;**
- 4. jabuticaba é boa para ajudar na diabetes;**
- 5. jabuticaba é boa para fortalecer os ossos;**
- 6. jabuticaba é boa para melhorar a memória;**
- 7. jabuticaba é boa para dieta da gravidez;**
- 8. jabuticaba é boa para aliviar artrite;**
- 9. jabuticaba é boa para mulheres grávidas;**
- 10. jabuticaba é boa para ajudar na saúde do coração**

Fonte: autora, 2020.

Para que os alunos tenham clareza da importância das frutas do cerrado, sugerimos que o professor explore essa série de vídeos do Canal do YouTube Dicas de Saúde em que uma nutricionista destaca 10 benefícios para a saúde humana proporcionados pelo consumo das frutas.

O primeiro vídeo, no slide 36, trata dos benefícios da jabuticaba.

Para auxiliar o professor, transcrevemos os benefícios citados no vídeo, que são:

1. A jabuticaba é uma boa opção de snack light para beliscar durante a tarde. Isso porque a fruta tem poucas calorias e poucas gorduras. Além disso, por ser rica em fibras, o alimento ajuda a controlar a fome e saciar por mais tempo.
2. Para a digestão: O alto teor de fibra na Jabuticaba ajuda a fazer seus movimentos intestinais regulares e na prevenção da constipação. Os nutrientes da Jabuticaba ajudam na digestão e também na limpeza e desintoxicação do intestino.

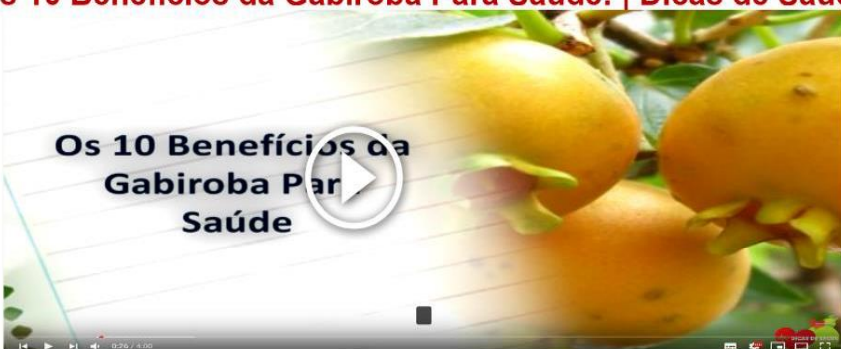
3. Para fortalecer os vasos sanguíneos: prevenindo doenças relacionadas a eles, como varizes e derrames.
4. Para ajudar na diabetes: de acordo com estudos realizados em ratos, a casca da Jabuticaba é eficaz na redução dos níveis de glicose no sangue e, conseqüentemente, o seu consumo regular pode ser útil na prevenção da diabetes de tipo 2.
5. Fortalece os ossos: A falta de nutrientes como o cálcio contribui para o aparecimento de doenças nos ossos, como a osteoporose. Para se prevenir, é importante apostar em uma alimentação rica em minerais. Para isso, a jabuticaba é uma boa opção, já que tem alta concentração de cálcio, magnésio e potássio.
6. Para melhorar a memória: pois protegem células do cérebro, sendo muito recomendadas para pessoas com idade mais avançada;
7. Para dieta da gravidez: Além de ser um dos alimentos mais ricos em ferro – que ajudam a prevenir doenças, como a anemia -, a jabuticaba é rica em ácido fólico, substância importante no desenvolvimento do feto.
8. Para aliviar artrite: Devido às suas potentes propriedades anti-inflamatórias, Jabuticaba é útil para aliviar a artrite e outras doenças relacionadas com a inflamação;
9. Para mulheres grávidas: Antigamente, A Jabuticaba foi dado a mulheres grávidas por causa das altas quantidades de ferro nela. Este fruto é também uma boa fonte de ácido fólico, que desempenha um papel importante no crescimento e desenvolvimento do bebê.
10. Ajuda na saúde do coração: a fruta é um dos alimentos ricos em antioxidantes e ajuda a reduzir os riscos de doenças cardiovasculares. já as fibras da jabuticaba ajudam a reduzir os níveis de colesterol ruim.

A fonte desse conteúdo está no próprio vídeo, mas também no site do Dica de Saúde, disponível em: <https://www.saudedica.com.br/>. “O site aborda temas como terapias convencionais e tratamentos alternativos, culinária, receitas caseiras, bulas de medicamentos, dicas de beleza entre muitas outras categorias ligadas à saúde. Em nenhum momento estas informações substituem o diagnóstico, tratamento ou aconselhamento médico”. Esse trecho está em todos os vídeos do canal e do site. Por isso sugerimos que o professor deixe isso bem claro para os alunos.

No slide 37, apresentamos o vídeo que trata dos benefícios da gabioba.

Figura 38: Slide 37

Os 10 Benefícios da Gabiroba Para Saúde! | Dicas de Saúde



1. Previne Anemia	1. Benefícios da Gabiroba Para Pele
2. Ajuda a Tratar Infecções	2. Fortalece o Sistema Imunológico
3. Combate a Disenteria	3. Para Tratar a Dor de Dente
4. Auxilia na Perda de peso	4. Ajuda a Tratar Hemorróidas
5. Combate Distúrbios	5. Reduz o Colesterol

Fonte: autora, 2020.

Esses 10 benefícios estão disponíveis no Canal Dicas de Saúde no link: <http://bit.ly/2zU5ItK>. Mostraremos os benefícios da gabiroba por ela ter sido citada no poema de Gilberto Mendonça Teles.

A árvore de gabiroba vive em clima tropical quente, com baixo índice pluviométrico e precisa estar sempre exposta ao sol. Ela cresce em terrenos pobres de nutrientes. É uma fruta arredondada, de pigmentação verde-amarelada. Ela pode ser consumida in natura ou na forma de sucos e sobremesas. Abaixo, para auxiliar o professor, transcrevemos os benefícios da gabiroba citados no vídeo, que são:

1. Previne Anemia: Na medicina popular, a Gabiroba também é muito usada para reduzir os níveis de triglicerídeos e glicose no sangue, em casos de anemia e enfraquecimento generalizado.
2. Ajuda a Tratar Infecções: A medicina indígena aplica a Gabiroba (folhas, casca do tronco e caules) para tratar feridas e infecções na boca, contusões, dor de barriga e induzir o parto.
3. Combate a Disenteria: A infusão da pele dos frutos da Gabiroba é usada no tratamento de processos catarrais, diarreia e disenteria.
4. Auxilia na perda de peso: as proteínas encontradas na gabiroba contribuem para o crescimento e desenvolvimento de músculos, ossos, ligamentos e tecidos e auxilia a perda de peso.
5. Combate distúrbios: a ação diurética encontrada principalmente nas folhas e cascas da Gabiroba pode ser usada no tratamento de diversos distúrbios que afetam o sistema urinário.

6. Benefícios da Gabiroba Para Pele: A Vitamina C encontrada na Gabiroba é fundamental para a cicatrização da pele.
7. Fortalece o Sistema Imunológico: A Gabiroba é rica em carboidratos, proteínas, sais minerais, niacina e Vitamina C e do complexo B, as quais são essenciais para bom funcionamento do sistema imunológico.
8. Benefícios da Gabiroba Para Tratar a Dor de Dente: A Gabiroba é uma das mais simples e mais eficazes maneiras de acabar com a dor de dente de forma natural.
9. Ajuda a Tratar Hemorróidas: A infusão da casca da árvore se usa para tratar problemas urinários diversos e, o banho de assento reduz as hemorróidas.
10. Reduz o Colesterol: Das folhas da gabirobeira pode se fazer um chá ideal para redução do colesterol.

No site <https://www.saudedica.com.br/> também podemos encontrar outras dicas como o vídeo do slide 38.

Figura 39: Slide 38



Fonte: autora, 2020.

No slide 38 o professor irá oferecer aos alunos a oportunidade de conhecer o pequi, uma das frutas *mais apreciadas pelo goiano*.

E como nos outros vídeos da série do site Dicas de Saúde <https://www.saudedica.com.br/>, elencamos os principais benefícios do pequi, aqui estão listados os 10:

1. Pequi para a saúde digestiva: Os altos níveis de fibra encontrados no pequi ajudam a melhorar a sua saúde digestiva.
2. Pequi ajuda na saúde dos olhos: Ao comer o fruto do pequi e outros alimentos ricos em carotenoides, podemos melhorar a visão, impedindo a degeneração macular e catarata.
3. Ajuda a combater doenças inflamatórias: Graças aos altos níveis de compostos anti-inflamatórios encontrado no Pequi, ele pode ser uma solução natural para as pessoas que sofrem de artrite e outras condições inflamatórias.
4. Reduz o colesterol: Pequi tem um teor muito elevado de ácidos graxos monoinsaturados que ajudam a diminuir os níveis de colesterol no sangue e proteger o coração.
5. Fortalece o sistema imunológico: A vitamina C encontrada no pequi ajuda no sistema imunológico e também potencializa a absorção do ferro dos alimentos de origem vegetal.
6. Equilibra a retenção de líquidos: A combinação de vitaminas e minerais do pequi beneficia a pressão arterial, trazendo um equilíbrio na retenção de líquidos.
7. Previne o câncer: Estudos mostram que uma dieta rica em alimentos antioxidantes, como o pequi, pode prevenir diversos tipos de câncer.
8. Ótimo aliado para atletas: O pequi atua na redução da inflamação nas articulações e na musculatura, algo que ocorre comumente após treinos prolongados ou intensos.
9. Ajuda a tratar gripes e resfriados: É bastante disseminada na medicina popular regional a utilização do óleo do pequi adicionado ao mel de abelha contra gripes e bronquites.
10. Trata doenças do aparelho respiratório: Desde os tempos antigos o óleo de pequi tem sido usado no preparo da “emulsão de pequi” e o “piqueóleo”, para tratamento das doenças do aparelho respiratório.

Como vimos, o pequi é considerado um superalimento. Sua farinha é um suplemento alimentar, e além de tantos benefícios, devemos destacar o comércio, pois este é um produto muito consumido e por isso, é fonte de renda de muitos extrativistas naturais. No slide 39 apresentamos alguns produtos derivados do pequi.

Figura 40: Slide 39



Fonte: autora, 2020.

Nas imagens no slide 39 o professor poderá visualizar diversos produtos.

O fruto do pequi deve ser comido apenas com as mãos, deve ser levado a boca para então ser "raspado" - cuidadosamente - com os dentes, até que a parte amarela comece a ficar esbranquiçada e parar antes que os espinhos possam ser vistos.

Além disso, o fruto do pequizeiro é rico em vitamina C, e também em proteínas. Os frutos são muito usados para se cozinhar com arroz ou outros pratos salgados, das mais variadas formas: cozido, no arroz, no frango, com peixe, com carnes, no leite, no preparo de licores e doces. Em Goiás dizem também que é afrodisíaco.

O Pequi é usado como um adicional nutritivo durante a preparação de alimento, dá um sabor diferente às bebidas e aos alimentos, mas também tem quem simplesmente coma cru, como um lanche.

O pequi tem dois tipos de óleo, um que é extraído da fruta, e outro que é extraído da semente, ambos são comestíveis. O Pequi com arroz e frango é um dos pratos mais populares no cardápio goiano, que também é chamado de galinhada.

O goiano é conhecido nacionalmente como "comedor de pequi". O pequi é um fruto com sabor bem peculiar, por isso, não são todas as pessoas que consomem, há uma parcela que não gosta nem do cheiro da fruta, e no mercado brasileiro é comum encontrar diversos produtos feitos a partir do pequi.

Para prosseguir com a aula, depois de conhecer mais da cultura goiana, por meio dos alimentos, apresentamos uma canção do compositor e cantor Marcelo Barra, slide 40.

Figura 41: Slide 40

FRUTOS DA TERRA

Chuvinha de novembro amadurece a gabirola
 Passarinho voa aos bandos em cima do pé de manga
 No cerrado é só sair e encher as mãos de pitanga

Tem guapeva lá no mato
 No brejinho tem ingá
 No campo tem curriola, murici e araçá
 Tem uns pés de marmelada
 Depois que passa a pinguela
 Subindo pro cerradinho, mangaba e mama-cadela

Cajuzinho quem quiser é só ir buscar na serra
 E não tem nada mais doce que araçá dessa terra
 Manga, mangaba, jatobá, bacupari
 Gravatá e araticum, olha o tempo do pequi

Tem guapeva lá no mato
 No brejinho tem ingá
 No campo tem curriola, murici e araçá
 Tem uns pés de marmelada
 Depois que passa a pinguela
 Subindo pro cerradinho, mangaba e mama-cadela

Frutos da terra
 Do chão de Goiás (Bis)



Chuvinha de novembro amadurece a gabirola

Letra da música no site <https://www.letras.mus.br/marcelo-barra/1660714/>
 Vídeo: Marcelo Barra Frutos da terra – SAT.
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWLhWg9u8SU>

Fonte: autora, 2020.

A letra da canção *Frutos da terra* está disponível no site <https://www.letras.mus.br/marcelo-barra/1660714/>, e o vídeo “Marcelo Barra Frutos da terra – SAT” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWLhWg9u8SU>. Trata-se de uma música festiva, que demonstra a alegria do goiano com a variedade de frutas a que tem acesso. O vídeo transmite uma sensação de colorido que desperta o interesse em conhecer as frutas que estão sendo mencionadas.

O objetivo do vídeo é oferecer aos alunos a oportunidade de conhecer mais uma composição goiana e outras frutas como: manga, pitanga, guapeava, ingá, araçá, marmelada, cajuzinho, jatobá. E principalmente, verem e ouvirem a descrição de momentos peculiares da vida de quem vive perto dessas plantas frutíferas, ou seja, de um brasileiro sertanejo.

Essa canção irá colaborar com a ampliação do repertório lexical dos alunos. A música possibilita relembrar as frutas estudadas anteriormente, fazendo a intertextualidade com o poema *Frutas*, de Gilberto Mendonça Teles, e também conhecer novas palavras como “brejinho e pinguela”.

Depois de ouvir a canção e fazer algumas análises da letra com os alunos, o professor poderá aplicar um exercício para verificar o aproveitamento dos alunos. O exercício que sugerimos está disponível no slide a seguir, número 41 da sequência didática.

Figura 42: Slide 41

Exercício



- Campo Lexical
- Campo semântico

- 1) Cada aluno poderá escolher uma fruta lá no Canal “Frutas do Cerrado” para compartilhar com os colegas.
- 2) Fazer uma lista com o nome das frutas e alguns de seus benefícios.
- 3) Organizar o léxico do bioma cerrado e do campo lexical frutas do cerrado.

Sugestão de leitura para conhecer a culinária local. “(Trans)Formações de Hábitos Alimentares dos Goianos”, escrito por Christiane Ayumi Kuwae, Estelamaris Tronco Monego e Joana Aparecida Fernandes. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ceres/article/view/1864/1459>

Pensar a origem dos alimentos consumidos em Goiás.

Fonte: autora, 2020.

Neste exercício, o professor irá explicar o que são campos lexicais e campos semânticos. Para relembrar esse conhecimento, sugerimos que o professor leia o capítulo “Campos lexicais”, do livro “Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras” (2015), de Rodolfo Ilari. Nesse capítulo o professor terá acesso às definições e principalmente a exemplos que facilitarão a sua compreensão. Segundo Ilari (2015), constituem um campo lexical as palavras que nomeiam um conjunto de experiências em algum sentido análogas. Assim, o nome das cores, o nome dos animais, e o nome das frutas e dos alimentos são campos lexicais distintos.

Sugerimos que durante a atividade o professor faça a correção do que está sendo produzido pelos alunos, auxilie os alunos enquanto compartilham com os colegas o que aprenderam sobre a fruta que pesquisaram, e incentive que eles aumentem sua lista de verbetes.

Em seguida sugerimos que o professor introduza o assunto alimentos, destacando como é a alimentação do povo goiano. Para isso, sugerimos que o professor leia o artigo “(Trans)Formações de Hábitos Alimentares dos Goianos”, escrito por Christiane Ayumi Kuwae, Estelamaris Tronco Monego e Joana Aparecida Fernandes. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ceres/article/view/1864/1459>. O artigo mostra a origem da alimentação goiana e algumas influências indígenas, africana e portuguesa, e a adaptação de receitas à disponibilidade de alimentos do cerrado.

A leitura desse artigo fornecerá subsídios para o professor iniciar a contextualização do assunto proposto no slide 42, ‘Alimentos’.

Figura 43: Slide 42

Alimentos.

- Produtos consumidos em Goiás
- Produtos alimentícios e seus derivados
- A cultura passa pela mesa e pelo Pit Dog.



Canal Mostra Goiás, vídeo Mesa Goiana
<https://www.youtube.com/watch?v=Nf7S5rchMDY>

Entenda: De onde vem o nome Pit Dog?

Reportagem do Jornal O Popular, disponível em:
<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/entenda-de-onde-vem-o-nome-pit-dog-11077802>

Pit dogs poderão ser tombados como patrimônio de Goiânia

Reportagem do Jornal Diário da Manhã, disponível em: <https://www.dm.jor.br/cotidiano/2018/04/pit-dogs-poderao-ser-tombados-como-patrimonio-de-goiania/>

Frutos da Terra: pamonharia mais tradicional de Goiânia chega ao Clube Curta Mais

11 vezes premiada como a melhor pamonharia de Goiânia, a Frutos da Terra possui uma história única de superação e tradição.



Sugestão de point: com a melhor pamonharia de Goiânia.
<http://www.curtamais.com.br/goiania/frutos-da-terra-pamonharia-mais-tradicional-de-goiania-chega-ao-clube-curta-mais>

Fonte: autora, 2020.

O professor pode abordar a alimentação do goiano, mostrando que existem diversos produtos que derivam do milho. Muitos que derivam do pequi, assim como de outras frutas.

Além disso, o professor explicará o que é Pit Dog, um estabelecimento comercial que vende lanches, como hambúrguer, sanduíches, sucos, entre outros. Essa expressão é típica do estado de Goiás. Sugerimos a leitura de duas reportagens que tratam do tema. Em uma delas, um linguista comenta o processo de formação da palavra, explicando também a sua origem.

Sugerimos uma terceira reportagem, do blog Curta Mais, disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/frutos-da-terra-pamonharia-mais-tradicional-de-goiania-chega-ao-clube-curta-mais>. Nessa reportagem os alunos verão a tradição goiana de consumir pamonha, e as variedades de pamonha que já premiaram esse estabelecimento 11 vezes.

O objetivo da leitura da reportagem sobre a *Frutos da Terra* é mostrar a pamonharia mais tradicional de Goiânia, e também deixar como sugestão de lugar para conhecer na capital goiana.

Em seguida apresentamos um vídeo feito por alunos da PUC-Goiás, no qual vemos uma aluna do curso de gastronomia falar sobre o valor nutricional do pequi, e o chefe de cozinha

André Barros falar sobre as preparações contemporâneas e como a alta gastronomia tem criado novos pratos a partir do pequi, dando uma nova versão para o empadão goiano, arroz do cerrado, frango com pequi e a puta rica, pratos da culinária local, ainda mostra como tem crescido o interesse por ingredientes vindos do cerrado. Ao final, o vídeo aborda a tradição da “comida de vó” e conclui com uma receita de frango com pequi, feita no fogão a lenha.

Para concluir esta segunda aula com água na boca, e muita animação, apresentamos a canção “Goiás” que tem Composição e interpretação de Elen Lara, uma musicista goiana, que em 2019 lançou o CD Piquititim. No slide 43 mostramos a letra e os links para acesso à canção.

Figura 44: Slide 43

Música: Goiás - Composição e interpretação de Elen Lara.

Ah Goiás, meu Goiás, terra boa pra plantar e pra colher
 Ah Goiás, meu Goiás, minha terra, minha gente, meu viver
 Neste canto, roda viva, tem o fruto, a flor e a cor
 Revoada, passarinhos, tem canário cantador
 O pequi no empadão, tradição, afeto, chão
 A doçura do alfenim
 O polvilhar que embala a mão

Ah Goiás, meu Goiás, terra boa pra plantar e pra colher
 Ah Goiás, meu Goiás, minha terra, minha gente, meu viver

De conversas na janela, sob as noites com luar
 Casarios, moças belas, serenatas, “que trem bão”
 Juventude, violeiros, boiadeiros e canção
 Minha terra, a cidade, sou Goiás, sou coração

Ah Goiás, meu Goiás “ow... Deixa eu te falar”
 Tá cedo moço”, “bão demais te ver”
 Ah Goiás, meu Goiás... Minha terra, minha gente, meu viver
 Ah Goiás, meu Goiás



Vídeo- Áudio Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=GuQqSfE7284>
 Letra da música Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/elen-lara/goias/>

Fonte: autora, 2020.

Segue abaixo a sinopse do CD Piquititim. A composição do CD contou com a assessoria cultural do Grupo de Estudos Funcionalistas, FL/UFG.

PIQUITITIM/ Música Regional Brasileira - Lançado em Julho de 2019, o álbum com repertório autoral da musicista Elen Lara e compositores como Hamilton Carneiro e Villa Lobos, traz a Folia de Reis, a catira, as belas serenatas em Goiás, os carreiros, doces e comidas típicas, tudo apresentado através da voz, melodias, harmonias e instrumentação contidas no cd Piquititim.

"Bão demais da conta", "rensga", "trem", "com Deus", são expressões da Fala Goiana e estas possuem destaque nas músicas Causo e Goianês, de Elen Lara com participação do humorista Tom Carvalho.

Um tantão de histórias que tecem uma trajetória sobre a nossa gente, cultura e suas variadas formas de expressão. O CD Piquititim é um trabalho conceitual e primoroso que chega para somar junto ao grande universo de boas histórias, bons causos e boa música! Piquititim é conectado com o nosso povo através da arte, do bem fazer musical. É história, raiz, tradição e autenticidade musical legítima.

Essa sinopse revela um pouco do que queremos com nossas aulas, apresentar além da língua portuguesa falada em Goiás, a cultura e a tradição de um povo cantado por artistas como Elen Lara e Marcelo Barra. Nesta canção, Elen Lara nos diz o quão o estado de Goiás é bom para plantar e para colher. O estado de Goiás é uma roda viva que tem frutos, flores e cores, pássaros, pequi no empadão, afeto e tradição. A tradição de conversar da janela com a vizinhança ou com quem passa na rua, a tradição das serenatas, a tradição dos violeiros, que tocam viola, dos boiadeiros que montam cavalos, carros de boi, e tocam boiadas. São diversas tradições goianas presentes na música, entre elas, está descrita o momento em que o goiano se despede de um local, outro goiano diz “Tá cedo, moço!” e o primeiro goiano acaba ficando mais um pouco. A música também traz inúmeras expressões do dialeto goiano, que serão mais bem exploradas se o professor conhecer a realização fonética delas, como: trem bão, ow... deixa eu te falar e bão demais. O objetivo é terminar a aula de forma alegre, deixando a música fluir na mente dos alunos.

Finalização e Reflexão

Acredita-se que a primeira aula será instigadora. Assim, na segunda aula, o objetivo é estimular o desenvolvimento da leitura e da pesquisa, proporcionando aos alunos uma interação mais efetiva com o texto. Essa aula oportunizará aos alunos buscarem informações, tirar suas dúvidas e desenvolver o senso crítico, pesquisando e questionando sobre o que está sendo ensinado. A metodologia é contínua e busca proporcionar novos conhecimentos a cada novo encontro.

A poesia será uma maneira de levá-los a sentir o que as frutas podem proporcionar a quem as degusta. Teremos a experiência sensível com o mundo, a partir da poesia.

O professor poderá propor a relação das frutas do cerrado com as frutas locais, visto que eles podem questionar se as frutas que existem na Itália, existem no Brasil, destacando a pluralidade do conteúdo.

Nesta aula, avançaremos na ampliação do vocabulário a partir da flora e dos alimentos. Outro ponto, são as peculiaridades do bioma cerrado que o diferencia das demais regiões do Brasil. Nota-se que este é um fator relevante na composição do conteúdo.

O professor deverá dialogar com os alunos para ter um *feedback*, para melhorar a sua prática, deverá fazer notas de maneira clara, para que o aluno entenda o que precisa ser corrigido.

O objetivo dessa aula é mostrar o maior número possível de frutas típicas do Cerrado, junto com algumas peculiaridades que fazem parte da cultura goiana.

O compartilhamento da pesquisa na internet, fará com que os alunos se aproximem, destacando o que aprenderam juntos, proporcionando a todos os envolvidos o aumento do repertório lexical. O professor verificará o vocabulário selecionado pelos alunos, tirando possíveis dúvidas, pois acredita-se que encontraram frutas com mais de um nome, podendo também encontrar o nome da fruta, mas não a sua imagem.

O professor apresentará a relação do texto Ritual, que tratava de estações climáticas, com o cultivo das plantas frutíferas, poderá mostrar quais são as épocas de cada fruta. O professor poderá relacionar o texto Frutas com o texto Lira Goiana, apontando a importância da hidrografia para o cultivo e preservação da flora do Cerrado. É importante notarem como todo o conteúdo está relacionado e como esses textos dão subsídio para a formação e ampliação do repertório lexical.

Podemos correlacionar as imagens das frutas típicas do cerrado às imagens dos rios, fazendo com que o aluno perceba o quão a hidrografia está relacionada com a flora do cerrado, na medida que a vegetação reflete a qualidade do solo da região.

O professor orientará a produção escrita dos verbetes, baseada na correção que fez, destacará a possibilidade de relacionar os textos estudados, apontará os objetivos. Assim, o verbete deverá ser mais completo, com mais conteúdo e consequentemente, com mais vocabulário. Essa produção escrita deve ser feita na sala de aula, e deve conter entre 5 e 10 verbetes, citando elementos encontrados no cerrado.

Ao instruir e proporcionar informações novas, o professor deve sempre mostrar aos alunos a importância de anotar os questionamentos, suas respostas e o aprimoramento do seu repertório lexical. Eles devem ter clareza de que o vocabulário novo, apresentado por cada colega, poderá dar subsídio para que produzam seus próprios textos.

É importante que o professor entenda as dificuldades dos alunos, o professor estimulará os menos falantes para que interajam e possam compartilhar seus conhecimentos verbalmente. Sabe-se que alguns alunos terão mais dificuldades que outros, por isso, o texto de cada verbete poderá variar de acordo com o aluno.

O professor terá a oportunidade de ajudar a todos, falando de significados e sinônimos que não estão nos dicionários tradicionais, mas são culturalmente conhecidos pelos brasileiros, o léxico culturalmente compartilhado.

Assim, o professor deve organizar o tempo, para que consigam pesquisar, fazer a leitura e o compartilhamento grupal. Esta pesquisa será guiada por sugestões do professor e monitoradas para que consigam compreender a informação.

Ao final, espera-se que cada aluno tenha a sua pesquisa organizada junto com as suas as notações, em modo digital, impresso ou manuscrito, possibilitando futuros estudos a partir dos seus arquivos pessoais.

Pretende-se que ao final, os alunos sanem algumas dúvidas e ganhem outras, para continuarem buscando novos conhecimentos, num processo de equilíbrio-desequilíbrio-equilíbrio. A partir dessa primeira pesquisa, eles terão mais contato com a busca de conhecimentos brasileiros e poderão encontrar textos sobre o mesmo tema, outros textos do autor, textos mais atuais, outros aspectos referentes ao tema.

3.5 -AULA 3 – Aprimoramento e Avaliação

Introduzimos a seguir os dois textos que nortearão a aula três, e, em seguida, apresentamos o Plano de Aula.

Texto - D.F.

Eu de Brasília guardo este lote
de lembranças e alguns vôos cegos:
uma curva especial da asa norte
e, da asa sul, os mil e um projetos

arquivados. Mas guardo o silêncio
dessas campinas e dos gerais.
Toda a espessura do céu imenso,
Não de Brasília, do meu Goiás.

Guardo o sigilo dos sonhos grandes
desses cerrados, desses paus-terras.
Guardo a forma de tudo bem antes
De haver mistérios nos ministérios.

Eu sei a cor da terra e dos rios,
E dos caminhos sei os sinais.
Sei dos problemas – de pobres, ricos,
dos de Brasília, dos de Goiás.

Sei do divórcio e da solidão,
da falta de cantos e de esquinas.
E sei dos vazios e dos órgãos
de fogos-fátuos, disso que ainda

brilha nos ermos, enchendo espaços
como alguns ventos sem editais
que vão pelos vão e em curto prazo
fazer viração no meu Goiás.

Eu sei de prêmios, dos mexericos,
das conferências e muriçocas.
Mas sou mesmo um buriti perdido,
saudoso do canto da codorna.

Em vão me encontro nas superquadras,
em vão procuro – não há quintais!

Foi-se o meu lote, não ficou nada,
só restam nuvens do meu Goiás.

Voando baixo pela cidade,
vou-me enterrando de asas abertas:
canelas-de-ema por toda parte,
um riacho fundo, um torto, pedras,

eis o distrito – simples quadrado,
sigla e veredas, buritizais.
Um mapa cheio de carrapatos,
coceira viva no meu Goiás.

(TELES, G. M. 1982)

O texto D. F. traz no nome a sigla do Distrito Federal, localizado dentro do Estado de Goiás, e sedia a capital do Brasil, Brasília.

No texto podemos observar alguns sentimentos do autor em relação ao Distrito Federal, mais especificamente, com Brasília, desde sua construção até os dias atuais. Brasília é uma cidade planejada, construída para sede do governo.

O Estado de Goiás foi escolhido para sediar o Distrito Federal por se localizar no centro do Brasil, e ser uma região de planalto, o que dava condições de trazer para lá os três poderes da República, Executivo, Legislativo e Judiciário, e também para afastar a sede do poder das regiões litorâneas, dificultando qualquer tipo de invasão área, marítima ou mesmo terrestre, ou seja, foi também uma estratégia de proteção, como pode ser lido no site <http://www.df.gov.br/historia/>, do Governo do Distrito Federal.

Em 1950, Juscelino **Kubitschek** era o presidente do Brasil, e ele foi o responsável pela mudança da capital para o Centro Oeste e também pela construção de Brasília. O projeto da cidade é de Lucio Costa, o Plano Piloto, e tendo como chefe da divisão de arquitetura, Oscar Niemeyer, de quem são as principais obras e monumentos de Brasília.

A escolha do terreno aconteceu em 1889, quando a determinação de sua área foi incluída na primeira Constituição da República brasileira. A construção começou em 1956 e a inauguração se deu em abril de 1960. Como podemos comprovar com esse trecho do texto sobre a história de Brasília, disponível no site do Governo do Distrito Federal.

Em 1956, com nova demarcação da futura capital, o então presidente da República, **Juscelino Kubitschek**, deu início de fato à realização do projeto que durou séculos. Na mesma área das coordenadas que Dom Bosco apontou e às margens do Lago Paranoá, Brasília começou a ser erguida.

Em 2020, Brasília comemora 60 anos. Brasília é conhecida mundialmente por ser a sede do governo federal brasileiro. Foi construída principalmente com a mão-de-obra de pessoas vindas da região nordeste do Brasil, que vieram buscar emprego e melhorias de vida na nova capital do Brasil, que trazia consigo muitas promessas.

No texto, o autor Gilberto Mendonça Teles mostra um saudosismo, e também apresenta um ponto de vista de um goiano a respeito da construção de Brasília, descreve suas lembranças o que reflete na sua forma de lidar com tudo que Brasília trouxe para o Estado de Goiás.

O projeto da construção de Brasília lembra o formato de um avião, a região central da cidade é chamada de Plano Piloto, tendo de um lado a Asa Sul e do outro a Asa Norte. Dentro deste projeto foram erguidos muitos outros projetos, o que deu a cidade características muito particulares, diferenciando-a de todas as outras cidades do Brasil.

No seu saudosismo o autor fala das suas lembranças guardadas e assim descreve tudo que ele diz saber sobre o lugar onde está localizada Brasília, um saudosismo que vem de antes da construção. Ele faz descrições dos aspectos naturais, como os buritizais, o canto da codorna, a falta de quintais e como isso foi sendo mudado pela construção arquitetônica de Brasília.

Pelas palavras utilizadas no texto e pela última estrofe podemos inferir que se trata de uma crítica política, em que o autor demonstra seu descontentamento com alguns aspectos relacionados à Brasília. Ela foi erguida por pessoas carentes, mas não abriga essas pessoas, os candangos, como são chamadas as pessoas que vieram do Nordeste. Elas moram nas cidades do entorno de Brasília. Brasília integra o território goiano, mas não é goiana. O brasiliense é visto pelo goiano como alguém de poucos amigos, mais propenso à solidão, enquanto o goiano se sente comunicativo, hospitaleiro, festivo e apaixonado pelas suas origens. Durante muito tempo, Brasília foi considerada um terreno fértil para se fazer estudos linguísticos, por ser muito heterogênea, seus falantes não tinham apenas uma variante linguística. Levou um tempo para que os nascidos em Brasília desenvolvessem seu próprio linguajar, e passassem a ser reconhecido por tal, o falar candango, segundo a professora Dr^a. Stella Maris Bortoni-Ricardo (2010).

Dentre diversos pontos de crítica, nota-se que a política é a mais relevante, visto que Brasília sedia a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, os Palácios do Executivo e da Justiça, e as sedes dos Ministérios. Assim, o eu lírico conclui afirmando que se trata de um mapa cheio de carrapatos, praga, parasita que suga o sangue do seu hospedeiro, causador de coceira e incomodo na pele, viva no Estado de Goiás.

Texto Linguagem

II

Na frase escrita a marca da falada
e na falada o estilo da escritura:
a sintaxe das reses na invernada
e o ritmo do planalto na ce(n)sura.

Na sentença dos homens, a cilada;
na conversa das moças, a ternura;
e no nome das coisas, disfarçada,
a cicatriz real da assinatura.

De vez em quanto telefone só
pra escutar o timbre, o tom azul, a
a fala arrastada e o jogo das vogais.

E tento em vão dizer-te, ensaio o GO,
mas de repente o i não se articula
e acabo sempre gaguejando no ais.

(TELES, G. M. 1982)

O texto Linguagem é o último da sequência de cinco textos de Gilberto Mendonça Teles, nós o deixamos para o final com o objetivo de oferecer ao aluno uma revisão geral dos temas tratados no decorrer da sequência didática.

Logo no primeiro verso, relembramos o conceito de língua culta, norma padrão, língua escrita e seu continuo com a língua falada, mostrando que ambas estão interligadas e são interdependentes, principalmente quando tratamos de uma comunidade linguística com baixa escolaridade, como é a maior parte da população da zona rural.

Na zona rural estão os costumes mais tradicionais, quando se trata de oralidade, ou seja, essas comunidades muitas vezes não têm registros escritos das suas orações, ladainhas ou preces. Esses são costumes e rituais que permanecem na tradição oral, e atravessam gerações. Para abordar o tema da tradição oral no estado de Goiás, sugerimos que o professor, pesquise a respeito das serenatas, que são tradicionais na Cidade de Goiás, ou dos causos, típicos em todo o Estado. Além de poder trabalhar com diversos gêneros textuais, como: lendas, fábulas, contos, causos, piadas, narrativas que farão os alunos entenderem a importância da oralidade para essas comunidades.

Continuando a pensar a língua como instrumento de poder, notamos no verso “e o ritmo do planalto na ce(n)sura” uma referência ao período da Ditadura Militar no Brasil, período em que os meios de comunicação eram censurados, ou seja, a liberdade de falar e escrever foi cerceada. Nesse período, tivemos poetas, compositores, escritores que foram exilados, e obrigados a permanecer fora do Brasil, como é o caso do poeta Gilberto Mendonça Teles. Segundo Fernandes (2012, p. 49), Teles foi exilado no Uruguai e impedido de participar ativamente da política do país. Ele, assim como outros grandes nomes que foram exilados, mostrou sua insatisfação com o governo por meio de suas obras e palavras. Assim, pode-se encontrar, em meio a sua obra desse período, textos de denúncia, desabafo, relato da saudade da terra natal. Fernandes (2012) e Souza (2014), em suas dissertações, tratam do comportamento de Teles no período de silenciamento causado pela ditadura militar no Brasil.

Considerando que *Saciciologia Goiana* foi publicado em 1982, e a Ditadura acabou em 1981, o poema *Linguagem* pode ter sido escrito durante a ditadura. Notam-se também alguns traços de denúncia social e saudade de Goiás. O eu-lírico usa a metalinguagem para fazer seus relatos e suas denúncias, presente nos versos “Na sentença dos homens, a cilada; / na conversa das moças, a ternura;/ e no nome das coisas, disfarçada, / a cicatriz real da assinatura.” Sentença é um gênero textual escrito geralmente por um juiz de direito que traz uma condenação ou absolvição, e na ditadura os crimes e os réus não eram julgados com tanta lisura, por isso o uso do adjetivo *cilada*, uma armação, coisa desagradável.

O eu-lírico cita as moças como pessoas ternas, suas conversas não tinham maldade, dando ênfase ao caráter gentil e sutil das mulheres, que pode levar ao aspecto belo da natureza feminina. No período da Ditadura era natural que se escrevesse por códigos ou metáforas, ou seja, os compositores usavam jogos de linguagem para transmitir suas mensagens, e não serem censurados, escreviam de forma disfarçada.

Outro ponto a ser destacado nesse texto se refere à assinatura, a como uma assinatura pode ter tanto poder, poder para instituir um golpe militar, para fazer acordos de paz, para mudar o estado civil, alguns pela assinatura de um documento, outras vezes apenas pela oralidade, ou seja, o poder da língua está diretamente relacionado com quem pratica a ação, com as atribuições do cargo ocupado. Em todos os casos, ou pela escrita, ou pela oralidade, a assinatura é particular e deixa cicatrizes reais nos envolvidos na situação.

Em seguida no poema, notamos a presença do elemento saudade, que também vem descrito por meio da metalinguagem. O eu lírico nos revela que de vez em quando telefona só para escutar o timbre, o tom azul, a fala arrastada e o jogo das vogais. Podemos inferir por meio desses versos que o eu lírico está distante, e precisa fazer ligações telefônicas para amenizar a

saudade de escutar o sotaque goiano, que será revelado nos versos seguintes, inclusive as palavras que ele usa para descrever o que gostaria de ouvir, são palavras gentis, de quem tem saudade, conhecimento e amor ao timbre, à fala arrastada e o jogo das vogais, denominando de tom azul, sendo o azul uma cor fria que remete à paz. Essa estrofe nos possibilita perceber o patriotismo e o saudosismo de sua terra, e ouvir uma voz parecida com a sua traz aspectos que são relevantes para o sentimento de pertencimento que o sotaque em comum causa.

Nessa última estrofe o autor faz um jogo com a articulação fonética da palavra GOIÁS, mostrando que no seu sotaque há a ditongação, ou seja, o I não se articula, mas o AIS, sim. O que nos revela que ele realiza a palavra assim [goaiS]. Notamos que para o eu lírico essa é a pronúncia mais natural e com a qual se identifica.

Esse texto apresenta o sotaque goiano, mostra o apego do eu lírico à sua terra, possibilita o trabalho com a metalinguagem, além da função poética, traz informações que poderiam ser discutidas pelo professor em sala de aula, como: análise de discursos, a centralização do poder em pessoas, em cidades como Brasília, e até mesmo os papéis sociais de um compositor no período de censura.

PLANO DE AULA: 03

ATIVIDADES COGNITIVAS

- Leitura e produção escrita;
- Atenção à identidade marcada no texto “D.F”, e à pronúncia das palavras por alguns goianos, considerando a identidade goiana, e as suas peculiaridades, cultural e linguística, marcada também no texto “Linguagem”;
- Conhecimento sobre a construção da capital do Brasil, Brasília e a capital do estado, Goiânia;
- Conhecimento sobre o dialeto brasiliense;
- Aprendizagem da metalinguagem, das siglas e dos acrônimos;
- Produção do texto final da SD, cumprindo as três refacções. Esse texto deve ter no mínimo 10 verbetes;
- Reescrita do texto, atendendo as correções feitas pela professora, e entrega da versão final, para a avaliação do conteúdo estudado, do desempenho e do aproveitamento;
- Identificação e organização do léxico estudado. Finalização do conteúdo.

CONTEÚDO

- Verificação do repertório de fala e escrita;
- Dúvidas e orientações;
- Dialeto brasiliense;
- Localização de Goiás em relação à capital do Brasil;
- Distinção entre o Estado de Goiás e o Distrito Federal;
- Siglas e Acrônimos;

JUSTIFICATIVA

O texto “*D. F.*” traz um vasto repertório de vocabulário, além de ressaltar o fato de ser a capital do Brasil. Por meio deste texto podemos aproximar a realidade goiana do contexto nacional brasileiro, pois a capital do Brasil foi construída a partir do território goiano.

Nesta última aula, faz-se necessário fazer um levantamento do que foi trabalhado nesses três dias de aula. A proposta é de ensino de língua, por isso optou-se por concluir a sequência falando de linguagem, por meio do texto “*Linguagem*”, usando a metalinguagem para estudar siglas, acrônimos e dialetologia

OBJETIVOS

- Apresentar os textos D.F. e Linguagem.
- Desenvolver o conceito de metalinguagem.
- Explanar sobre os tópicos sigla e acrônimo.
- Apresentar a Capital do Brasil;
- Correlacionar Goiânia e Brasília.
- Mostrar particularidades da construção de Brasília;
- Distinguir aspectos sociolinguísticos entre o povo goiano e o povo brasiliense.
- Apresentar a intertextualidade nos poemas, crônicas, vídeos e canções da SD.
- Apresentar cidades turísticas de Goiás.
- Oferecer textos e canções para o acervo dos alunos.
- Consolidar o vocabulário aprendido, sanando possíveis dúvidas quanto ao léxico do português brasileiro falado em Goiás.

METODOLOGIA

Disponibilizamos aqui 16 figuras dos nossos slides, que compõem a terceira aula. Eles estão organizados de forma a orientar um percurso que o professor poderá seguir para auxiliar a aula do professor da SD. Ressaltamos que as imagens que não receberam referências no corpo do slide, tem como fonte: Google/domínio público.

O slide número 44 é o início da aula, é o slide de introdução da aula, momento em que o professor iniciará a conversa sobre o que pretende ensinar, e os conhecimentos que gostaria de consolidar até o final da sequência didática.

Figura 45: Slide 44

AULA 3

Sequência Didática para o Ensino de Português Brasileiro

Professora: Keitiany Brito
Mestranda em Letras Linguística- UFG

Conhecimento pressuposto para essa aula:
Geografia política, geopolítica, políticas linguísticas.

Conhecimentos
A capital do Brasil, Brasília.
Metalinguagem
Siglas
Textos: DF e linguagem

Fonte: autora, 2020.

A aula três é a última dessa proposta de sequência didática. O objetivo desta aula é tratar dos seguintes temas: a capital do Brasil, a relação de Brasília com o Brasil e o mundo, a história da construção planejada da cidade.

Para isso, iremos conhecer e estudar o poema “D.F.” de Gilberto Mendonça Teles, a partir do qual faremos a intertextualidade com as crônicas de Clarice Lispector, “Brasília” e “Brasília: Esplendor”. Esses três textos apresentam um olhar semelhante a respeito da capital do Brasil.

Por isso, para esta aula, é importante que os alunos conheçam a localização geopolítica de Brasília, no Estado de Goiás, interessante também tratar da diversidade

linguística de Brasília. Na cultura, daremos destaque para as bandas de Rock e para algumas personalidades, que mesmo não tendo nascido ali, são importantes para Brasília.

O título do poema é a sigla do Distrito Federal, por isso, iremos tratar de siglas e acrônimos, e retomar as diversas siglas que foram mencionadas nas aulas anteriores. Assim, concluímos a apresentação dos textos de Gilberto Mendonça Teles, com o texto “Linguagem”, trabalhando o tema da metalinguagem.

No final da última aula, o professor também pode fazer uma incursão em pontos turísticos e no acervo cultural do estado de Goiás, o que pode ser feito através da música.

Para retomar os conteúdos a partir da aula 2, demos ao slide 45 o título “A mesa goiana é parecida com a mesa do Distrito Federal?”, para que o professor aproxime e inter-relacione os próximos conteúdos que serão apresentados.

Figura 46: Slide 45

A mesa goiana é parecida com a mesa do Distrito Federal?

Qual a importância do DF para o Brasil e para o goiano.

A história do Distrito Federal e sua Capital, Brasília.

O goiano/goianiense e o Brasiliense.

O sertanejo e o Rock.

Juscelino Kubitschek de Oliveira – JK.

Lúcio Costa e Oscar Niemeyer



Praça dos Três Poderes. Foto: Tony Winston/Agência Brasília
Disponível em: <http://www.df.gov.br/conheca-brasilia/>

Fonte: autora, 2020.

O professor pode retomar a conversa da última aula sobre os alimentos goianos, questionando os hábitos dos brasilienses, para que os alunos percebam que o povo brasiliense, assim como o goiano, é bem heterogêneo, constituído por pessoas de diversas partes do Brasil, o que faz com que tenham uma cultura também diversificada.

O professor deverá explicar que Brasília é a capital do Brasil, inaugurada em 1960, fica localizada no meio do estado de Goiás, por isso existe uma relação muito próxima do goiano com o brasiliense, no entanto essa relação algumas vezes é conflituosa, como mostra

Marcio de Oliveira (2005) em seu artigo “A participação goiana na construção de Brasília”, disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70380106.pdf>.

Goiânia também é uma capital planejada, mas Brasília foi construída com um padrão para ser a capital do país.

Oliveira (2005) trata da história de Juscelino Kubitschek de Oliveira, como figura pública e presidente do Brasil em 1960, quem acampou o projeto e inaugurou a nova capital. Trata também dos dois arquitetos responsáveis pelo projeto de construção da cidade, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, citados em crônicas, poemas e músicas que lembram a cidade.

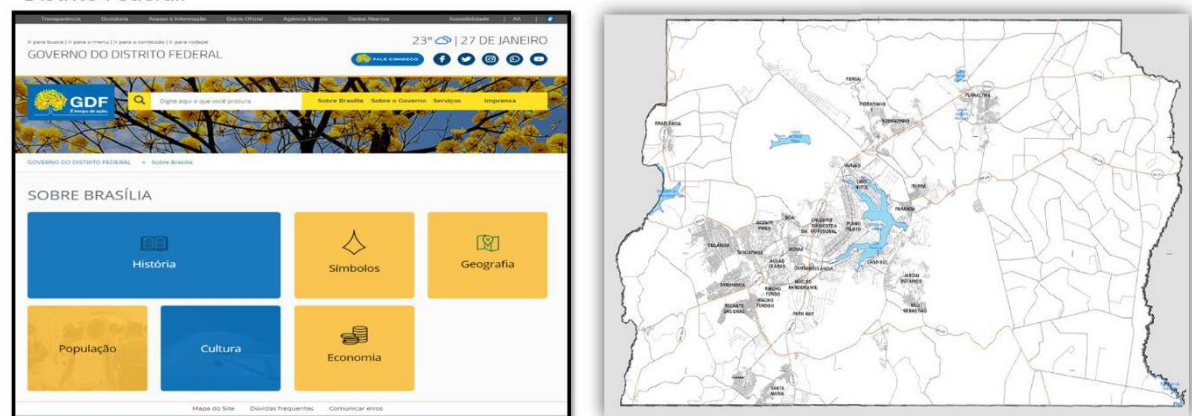
Depois de introduzir o assunto, o professor poderá acessar o site do Governo do Distrito Federal, disponível no slide 46, e orientar a pesquisa dos alunos.

Figura 47: Slide 46

Brasília nas palavras do Governo do Distrito Federal - GDF
 Texto e imagens do site do GDF. <http://www.df.gov.br/conheca-brasilia/>

Brasília não é dividida em cidades e bairros, portanto não há prefeituras. A capital é composta por **31 Regiões Administrativas (RA's)** oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal.

As fronteiras naturais de Brasília são três dos maiores rios brasileiros – o Rio Maranhão (afluente do Rio Tocantins), o Rio Preto (afluente do São Francisco) e os rios São Bartolomeu e Descoberto.



Fonte: autora, 2020.

O site do governo do Distrito Federal disponibiliza muitas informações importantes para quem deseja conhecer mais essa cidade.

Na aba “Sobre Brasília”, o usuário poderá ter acesso à história de Brasília, desde o projeto inicial da mudança da capital do Rio de Janeiro para o Centro-Oeste até a atualidade. Na aba “Símbolos”, o usuário conhecerá os três principais símbolos da cidade, a bandeira, o brasão e o hino. Na aba “Geografia”, é explicada a localização, destacando as fronteiras naturais, 31 Regiões Administrativas, e sua relação com o Cerrado e o Planalto Central. Na aba “População”, é possível ver como se compõe o povo brasiliense, o número de habitantes do

sexo feminino e do sexo masculino, e a densidade demográfica em relação aos Estados da federação.

Na aba “Cultura”, são apresentados os principais eventos da tradição do povo do Distrito Federal, os pontos turísticos, cinemas, museus, teatros e monumentos históricos, além de praças e parques comuns na cidade. E na aba “Economia”, relata-se como a construção da cidade acelerou a economia local, como os grandes bancos e empresas chegaram à cidade, além de apresentar a economia criativa, como: as feiras de artesanato e as feiras livres.

O site tem o mapa do Distrito Federal com sua divisão administrativa, além de muitas imagens que possibilitam ao usuário um conhecimento amplo e atualizado.

Essa ambientação preparará os alunos para a leitura e interpretação do texto D.F. que virá no slide 47.

Figura 48: Slide 47

TEXTO - D.F.		
Eu de Brasília guardo este lote de lembranças e alguns vãos cegos: uma curva especial da asa norte e, da asa sul, os mil e um projetos	Sei do divórcio e da solidão, da falta de cantos e de esquinas. E sei dos vazios e dos órgãos de fogos-fátuos, disso que ainda	Voando baixo pela cidade, vou-me enterrando de asas abertas: canelas-de-ema por toda parte, um riacho fundo, um torto, pedras,
arquivados. Mas guardo o silêncio dessas campinas e dos gerais. Toda a espessura do céu imenso, Não de Brasília, do meu Goiás.	brilha nos ermos, enchendo espaços como alguns ventos sem editais que vão pelos vãos e em curto prazo fazer viração no meu Goiás.	eis o distrito – simples quadrado, sigla e veredas, buritizais. Um mapa cheio de carrapatos, coceira viva no meu Goiás.
Guardo o sigilo dos sonhos grandes desses cerrados, desses paus-terras. Guardo a forma de tudo bem antes De haver mistérios nos ministérios.	Eu sei de prêmios, dos mexericos, das conferências e muriçocas. Mas sou mesmo um buriti perdido, saudosos do canto da codorna.	
Eu sei a cor da terra e dos rios, E dos caminhos sei os sinais. Sei dos problemas – de pobres, ricos, dos de Brasília, dos de Goiás.	Em vão me encontro nas superquadras, em vão procuro – não há quintais! Foi-se o meu lote, não ficou nada, só restam nuvens do meu Goiás.	Gilberto Mendonça Teles

Fonte: autora, 2020.

Considerando que o professor e os alunos já estejam cientes do que é o D. F. o professor poderá declamar o poema D. F. de Gilberto Mendonça Teles, depois dar início à exploração do texto, retomando alguns versos, num diálogo com os alunos. Para fazer a interpretação deste poema, sugerimos que o professor leia a análise sócio-discursivo-cultural do poema, além das outras sugestões de leitura para ter uma compreensão mais ampla, visto que nosso objetivo é mostrar Brasília a partir da visão de um eu lírico goiano.

Os pontos principais do poema que o professor deverá explorar, são:

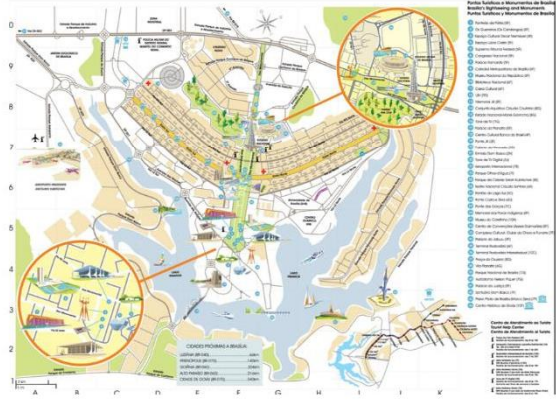
- O eu lírico mostra-se crítico em relação à construção de Brasília.
- O eu lírico mostra-se saudosista “do seu Goiás.”
- Sujeito guarda lembranças, diz saber de coisas típicas de Brasília.
- As siglas presentes no poema se referem às siglas que dão nome aos endereços em Brasília. Para compreender as siglas, sugerimos que o professor assista ao vídeo “Siglas de Brasília” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmB-gTPXdw0>.

Sugerimos que o professor busque alinhar as informações dadas anteriormente, com as informações do poema, assim como o que virá a ser dito no decorrer da aula, mostrando a preocupação com a linearidade e coerência do conhecimento que está sendo ensinado. Ele deve mostrar as nuances por traz da escrita do poema D.F. Gilberto Mendonça Teles.

Depois de compreender o que é o D. F. partiremos para explanação do que Brasília, mais especificamente o Plano Piloto, que será apresentado no slide 48.

Figura 49: Slide 48

Brasília Capital do Brasil



Reportagem Completa
<https://ilovetrip.com.br/brasil-historia-e-pontos-turisticos/>

O Plano Piloto corresponde à parte central do Distrito Federal e concentra uma população residencial de classes média e alta, além dos setores ligados à administração pública, bancos, comércio, escolas, universidade, hospitais. No projeto original de construção da cidade, é representado pelo traçado do avião, com o eixo central e duas asas. Muitos moradores do Plano Piloto não têm qualquer contato com as cidades satélites do Distrito Federal. Uma das razões é que o projeto de capital está ali concentrado, com todos os serviços necessários disponíveis. Outra razão diz respeito à segregação social presente no Distrito Federal: o Plano Piloto *pertence* às classes média e alta.

(Barbosa 2002, p. 45), Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268960>

Fonte: autora, 2020.

A partir da compreensão do poema D.F. aprofundaremos a nossa leitura a respeito do Plano Piloto. O Distrito Federal tem 31 Regiões Administrativas, e Brasília, a capital, se limita ao plano piloto, que apresentamos no mapa. Este é um mapa turístico, e contém os principais pontos da cidade, disponível no blog “I love Trip”.

O professor deverá destacar:

- O motivo do nome, Plano piloto, por lembrar um avião.
- Apresentar as asas Sul e Norte.
- Apontar o Lago Paranoá, um lago construído junto com a cidade.

Essas informações podem ser complementadas pelo aplicativo de localização Google Maps.

Para entender a Região Administrativa Plano Piloto, no slide 48 apresentamos uma citação da dissertação de Mestrado de Adriana de Oliveira Barbosa (2002), intitulada “Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística”. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268960>. Nesta referência, é possível ler o que significa o Plano Piloto, o espaço que concentra a administração do Brasil, onde estão os ministérios, os palácios e muitos outros órgãos importantes para a economia do país.

O professor pode explorar alguns dados da economia, disponíveis no site do Governo do Distrito Federal. Para ilustrar como está distribuída a renda no Distrito Federal, apontando o Plano Piloto com a maior concentração de renda e as cidades satélites, como são chamadas as outras Regiões Administrativas, com um índice muito baixo.

Depois da análise política do Plano Piloto, sugerimos um passeio pelos pontos turísticos, para isso, no slide 49 disponibilizamos o link de uma reportagem do site I Love Trip.

Figura 50: Slide 49


BRASIL ▾ AMÉRICA ▾ EUROPA ▾ ÁFRICA ▾ MANUAL DO VIAJANTE

GUIA BRASÍLIA: HISTÓRIA E PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS



Pôr do sol no Pontão do Lago Sul

Brasília, ou BSB para os íntimos e descolados é a realização do sonho de Juscelino Kubitschek. A capital federal do Brasil é sede do Legislativo, Judiciário e Executivo além do governo do Distrito Federal. **Projetada para 500 mil pessoas**, atualmente sua população é de 2,5 milhões de habitantes.

Reportagem Completa disponível em: <https://ilovetrip.com.br/brasilia-historia-e-pontos-turisticos/>

Fonte: autora, 2020.

Para mais informações o professor pode acessar a reportagem disponível em: <https://ilovetrip.com.br/brasil-historia-e-pontos-turisticos>.

O primeiro ponto que devemos destacar é a sigla BSB, já no início da reportagem. Essa é a sigla do aeroporto, por exemplo, que tem o nome de Juscelino Kubitschek, cujo a sigla é JK. Essa reportagem é interessante por apresentar o contexto histórico da cidade, antes de apresentar os pontos turísticos. Assim, ela se divide em três tópicos: História de Brasília, Mapa Turístico de Brasília, Pontos Turísticos de Brasília.

Os principais pontos turísticos aparecem da seguinte forma: o nome, uma imagem, uma descrição do que representa o local, o endereço e as formas de visitação e valores dos passeios, além de algum comentário que contextualiza todo o ambiente.

Nesse roteiro estão os seguintes atrativos turísticos: Congresso Nacional, Catedral Metropolitana de Brasília, Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, Palácio do Itamaraty, **Templo da Boa Vontade, Santuário Dom Bosco, A Ponte JK, Memorial JK. Praça dos Três Poderes**, os Dois Candangos, O Superior Tribunal Federal, **Planetário de Brasília**, Pontão do Lago Sul, Torre de TV, Fonte Luminosa, Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB e o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, em homenagem à esposa de JK.

Acreditamos que essa reportagem possibilita conhecer um grande número de pontos turísticos da cidade, mas ainda temos outros que serão apresentados mais adiante a partir de outros vídeos, como os que selecionamos para o slide 50.

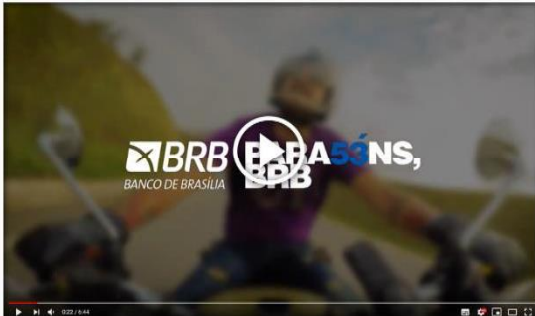
Figura 51: Slide 50

Conheça a Capital do Brasil.

Sugestão Canal Minha BSB. Vídeos de Brasília, disponível no YouTube



15 MOTIVOS PARA AMAR BRASÍLIA
#MINHABRASÍLIA ENTRE ASAS E EIXOS
<https://www.youtube.com/watch?v=VJvvYIB7WuU>



60 ANOS EM 6 MINUTOS
#MINHABRASÍLIA ENTRE ASAS E EIXOS
<https://www.youtube.com/watch?v=98SSUYZCo58>

Fonte: autora, 2020.

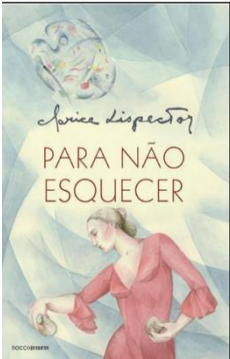
Para complementar a reportagem, sugerimos dois vídeos do Canal Minha BSB, que há um grande acervo sobre Brasília, vídeos que abordam cultura, lazer, língua, e o cotidiano do brasiliense.

Nesse sentido, o primeiro vídeo sugerido é “15 Motivos para amar Brasília”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VJvvYIB7WuU>, e que faz parte da série “Entre Asas e Eixos”. Nesse vídeo o repórter apresenta algumas curiosidades a respeito da cidade de Brasília. De maneira interessante, o vídeo explica as vezes em que a cidade apareceu no Guinness book, apresenta Brasília como a primeira cidade do mundo a ser tombada como patrimônio da humanidade, título concedido pela UNESCO, cita a Avenida monumental que corta a cidade, cita a maior bandeira estada do mundo, o Parque da Cidade como o maior parque urbano do mundo, citado na famosa música Eduardo e Mônica da Banda Legião Urbana; a Ponte JK como a mais bonita do mundo, a maior pepita de ouro do mundo, em exposição no museu de Valores do Banco Central, o estádio Mané Garrincha é o maior do Brasil, além de outros títulos que Brasília tem, ele conclui o vídeo falando das bandas de rock e das pessoas famosas, que mesmo não nascendo em Brasília, fizeram história na cidade.

O segundo vídeo é comemorativo aos 60 anos de Brasília em 2020. E, como o título sugere, são “60 anos em 6 minutos.” Nesse vídeo o repórter apresenta fatos históricos que marcaram a vida de Brasília nesses 60 anos. Desde o projeto inicial, passando por eleições diretas, impeachment do Presidente Collor, impeachment da Presidente Dilma em 2016. O objetivo da exibição desses vídeos é fazer os alunos conhecerem a história de Brasília e entenderem a sua grandiosidade para o Brasil e também para o mundo.

Após a visão de um autor goiano, no poema D.F. e os vídeos que ressaltam o quão Brasília é superlativa, na visão de um brasiliense, vamos a outro gênero textual, as crônicas de Clarice, no slide 51.

Figura 52: Slide 51

A METALINGUAGEM DA CRÔNICA DE CLARICE	
Clarice Lispector escreve no livro de crônicas “Para não Esquecer” (1978) duas crônicas sobre Brasília:	
Brasília Brasília é construída na linha do horizonte. Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. Nós somos todos deformados pela adaptação à liberdade de Deus. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar e depois o mundo deformado às nossas necessidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. Se eu dissesse que Brasília é bonita veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia veem nisso uma acusação. Mas a minha insônia não é bonita nem feia, minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. É ponto e vírgula. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo. – Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. – Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. (Lispector, Clarice. 1978. p. 61).	Brasília: Esplendor Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho. É verdade, juro que não vi esquinas. Em Brasília não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro. (Lispector, Clarice. 1978. p. 63). 

Fonte: autora, 2020.

Apresentaremos trechos de duas crônicas escritas por Clarice Lispector, uma ucraniana naturalizada brasileira, escritora muito importante para a literatura nacional. Nessas duas crônicas, a autora usa seu conhecimento da cidade e das palavras para descrever como é Brasília para uma visitante. As duas crônicas fazem parte do Livro “Para não esquecer” (1978), no entanto, foram escritas em duas visitas distintas à cidade. “Brasília” foi escrita primeiro e 12 anos depois ela escreveu “Brasília: Esplendor”. Apresentamos a seguir alguns pontos de intertextualidade que o professor poderá abordar na aula.

- O modo como a autora retrata a cidade se assemelha com a forma como Gilberto Mendonça Teles a descreve, uma cidade sem esquinas, sem botequim, sem espaço para fazer amigos e conversar.
- A euforia e o espanto com o que faz Brasília ser diferente das demais cidades.
- A citação dos arquitetos, o nome de Niemeyer aparece nas duas crônicas, e o de Lúcio Costa aparece na primeira.
- O eu lírico do texto apresenta uma insatisfação, mas ao mesmo tempo destaca que Brasília não admite diminutivo, ela está no guiness book.
- O professor pode fazer a relação da palavra piada com a palavra erro, e elencar motivos pelos quais o eu-poético diz que só lhe salva o erro, pode ser por ter causado saudosismo em que já morava em Goiás, ou por ser um carrapato na imagem do Brasil.
- “Brasília ainda não tem o homem de Brasília”, significa dizer que a cidade é muito jovem, que o brasiliense está se constituindo, aprendendo e se adaptando ao espaço que foi criado para ele, novamente aparece a miscigenação da população.

A miscigenação cultural que veremos no slide 52.

Figura 53: Slide 52

Conheça a Capital do Rock.

Printe da tela de pesquisa no Google. Disponível em: <https://www.google.com/search?ei=CP4oXsUmELKUSOUPPyQAE&q=bandas+famosas+de+brasilia>

Google

bandas famosas de brasilia

Todas Imagens Shopping Maps Notícias Mais Configurações Ferramentas

Bandas / Brasília

 Capital Inicial Desde 1982	 Legião Urbana 1982 – 1996	 Plebe Rude Desde 1981	 Raimundos Desde 1987	 Aborto Elétrico 1978 – 1982	 Natiruts Desde 1996	 Móveis Coloniais de Acaju Desde 1998	 Obina Shok	 Arandu Arakuaa Desde 2008	 Violator Desde 2002
--	---	---	--	---	--	--	---	---	---

1. Legião Urbana
2. Capital Inicial
3. Raimundos
4. Natiruts
5. Paula Pequeno
6. Oscar Schmidt
7. Caio Sena
8. Hugo Gloss
9. Nelson Piquet

CORREIO BRAZILIENSE

Uma cidade roqueira
Perto dos 57 anos, Brasília mantém a tradição no gênero. Da Legião Urbana a Scalene, a música pesada sempre balançou o concreto da capital
<http://especiais.correiobraziliense.com.br/uma-cidade-roqueira>

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília sonora
Artistas de diferentes ritmos projetam capital federal para o restante do Brasil
<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasilia-sonora>

DISTRITO FEDERAL

Título de 'capital do rock' ficou nos anos 90, dizem músicos de Brasília
Nas décadas 80 e 90, o rock foi o gênero mais ouvido em Brasília. Hoje, a cidade é conhecida como a capital do sertanejo.
<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/04/titulo-de-capital-do-rock-ficou-nos-anos-90-dizem-musicos-de-brasilia.html>

Fonte: autora, 2020.

Entendendo a miscigenação que compõe Brasília, compreenderemos como se compõe a sua cultura, para isso, apresentamos o print da tela do buscador/ferramenta de pesquisa, Google, o resultado que aparece quando pesquisamos por “bandas famosas de Brasília”, das 10 bandas que aparecerem, apenas uma, não é de rock. Por isso, a cidade é conhecida como a capital do Rock. Mesmo estando do lado de Goiânia, capital do Sertanejo, Brasília não muito influenciada por esse ritmo.

Nessa outra lista, com 9 nomes, apresentamos as bandas citadas no vídeo anterior, e também grandes artistas que moraram em Brasília por muito tempo e construíram suas carreiras na cidade. Como Renato Russo, vocalista da Banda Legião Urbana, considerada uma das melhores bandas de rock brasileiro.

Nesse slide, sugerimos três reportagens. Duas do Jornal Correio Brasiliense. E uma G1 Distrito Federal.

Na primeira temos a manchete “Uma cidade roqueira”, a cidade amante do rock, mostrando as grandes bandas que se formaram na cidade.

Na segunda, “Brasília Sonora” são apresentados outros ritmos, além do rock, que circulam na cena musical da cidade.

E, por fim, a reportagem do site “G1 Distrito Federal”, “Título de capital do rock ficou nos anos 90, dizem músicos de Brasília”. Nessa reportagem, alguns cantores das bandas que se lançaram em Brasília contam das suas dificuldades em permanecer fazendo sucesso nos dias atuais e destacam que Brasília por ter pessoas de diferentes estados brasileiros, é um lugar onde se pode ouvir todos os ritmos em diferentes locais que difundem a música brasileira.

O objetivo é que o professor consiga passar para seus alunos que Brasília tem uma história com o Rock, mas também tem outros ritmos. Assim como em Goiânia não tem apenas o sertanejo. O mais importante é que os alunos não recriem estereótipos, e entendam a miscigenação como presente em todo o Brasil.

Para esta aula, uma sugestão interessante como produção dessa época áurea do rock brasileiro é o clássico “Eduardo e Mônica”, da banda Legião Urbana, que é ambientada em Brasília, e por isso há uma referência clara à cidade. Também baseados na história e nas músicas da Banda Legião Urbana há, pelo menos, quatro filmes brasileiros, são eles: Eduardo e Mônica (2020), Faroeste Caboclo (2013), Somos Tão Jovens (2013) e Rock Brasília – Era de Ouro (2011).

Para continuar tratando de miscigenação cultural, no slide 53 nosso próximo assunto será o dialeto brasiliense.

Figura 54: Slide 53

O dialeto brasiliense

Como se forma a identidade de uma comunidade linguística “planejada”

Brasília não tem sotaque e renega marcas de outros estados, diz estudiosa

Cinquenta anos é pouco tempo para se formar um sotaque, mas, de acordo com linguistas, já existem tendências perceptíveis no modo de falar brasiliense. Na cidade que recebeu sotaques de todo Brasil, uma das tendências mais fortes é a perda das marcas mais características dos modos de falar de cada região, de acordo com a pesquisa realizada pela professora da Universidade de Brasília (UnB) **Stella Maris Bortoni**.

Reportagem disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/04/20/interna_cidadesdf,187550/

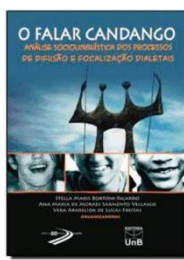
Sugestão de leitura: **Dissertação** “Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística” de Adriana de Oliveira Barbosa (2002), Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268960>

Sugestão de leitura: Livro – *O falar candango*. Bortoni-Ricardo; Vellasco; Freitas (Org) (2010).

Sem traços estereotipados, o sotaque do brasiliense começa a ser desenhado

Embora a sensação seja de que não é possível identificar instantaneamente a característica do falar do brasiliense, quem vive em Brasília já começa a desenhar uma pronúncia diferenciada. Com tanto sotaque misturado, de norte a sul do país, a solução foi procurar um denominador comum. Mesmo quem veio para a capital federal adulto não fala mais como os conterrâneos, e quem nasceu em Brasília tende a não puxar nenhuma marca regional saliente. A falta de uma marca “estereotipada” pode ser o nascimento de um falar tipicamente candango, destaca **Stella Maris Bortoni-Ricardo**, professora da Universidade de Brasília e uma das autoras do livro *O falar candango*.

Reportagem disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/05/18/interna_cidadesdf,252682/



Fonte: autora, 2020.

A heterogeneidade linguístico-cultural de Brasília é muito diferente da goiana.

Por ser uma cidade com pessoas de diferentes lugares do país, pensou-se por um tempo que nenhum desses sotaques se sobressaiu, logo, que esse era um lugar sem um dialeto (ou sotaque) que o identificasse.

Para entender essa situação, sugerimos a leitura de duas reportagens do Jornal Correio Brasiliense. Ambas trazem uma entrevista com a professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) Stella Maris Bortoni-Ricardo. Na primeira reportagem entenderemos o porquê dessa negação com o dialeto de outros estados. Já na segunda, entendemos como está se desenvolvendo o dialeto da capital brasileira atualmente, por isso, sugerimos também a leitura do livro “O falar Candango” de Bortoni-Ricardo; Vellasco; Freitas (2010).

O objetivo com a leitura dessas duas reportagens é mostrar duas versões para um mesmo tema. De um lado uma Brasília sem o homem de Brasília e sem sotaque. Do outro lado uma Brasília roqueira com identidade cultural se reafirmando, adaptando e redesenhando o seu jeito próprio e candango de falar.

Sugerimos que o professor leia a dissertação “Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística”, de Adriana de Oliveira Barbosa (2002), Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268960>. Essa dissertação ajuda a compreender o que significa o não-sotaque, defendido pelos falantes e por alguns estudiosos do assunto.

Essas reportagens contribuirão para a compreensão do texto de Teles que veremos no slide 54.

Figura 55: Slide 54

TEXTO- Linguagem II Na frase escrita a marca da falada e na falada o estilo da escritura: a sintaxe das reses na invernada e o ritmo do planalto na ce(n)sura. Na sentença dos homens, a cilada; na conversa das moças, a ternura; e no nome das coisas, disfarçada, a cicatriz real da assinatura. De vez em quanto telefone só pra escutar o timbre, o tom azul, a a fala arrastada e o jogo das vogais. E tento em vão dizer-te, ensaio o Go, mas de repente o i não se articula e acabo sempre gaguejando no ais. Gilberto Mendonça Teles

Fonte: autora, 2020.

Esta proposta de ensino de língua passa pelo que representa a linguagem para o seu povo, por isso escolhemos para encerrar esta sequência, o texto de Gilberto Mendonça Teles, “*Linguagem*”.

Esse texto traz uma perspectiva ampla em relação às linguagens circulantes, e é representativo da fala goiana interiorana, da fala jurídica do planalto, e da fala do brasileiro que viveu a censura. “*Linguagem*” é um texto que reuni alguns dos principais assuntos apresentados durante esta sequência didática, como por exemplo:

- Escrita e fala do português brasileiro.
- O nome das coisas representa o léxico da cultura.
- O timbre, o tom e a fala arrastada se alinham com os sotaques.
- E o amor pelo estado de Goiás.
- A metalinguagem.

Nota-se que o eu lírico usa do seu conhecimento sobre as palavras e fonemas para dizer coisas que só fazem sentido para quem entende o sotaque goiano, por isso, sugerimos que o professor releia a análise do poema “*Linguagem*”, como orientação para conduzir a interpretação do texto junto aos alunos.

O professor deve explorar o conteúdo que o texto apresenta, mas, principalmente, mostrar a poesia que há nos textos de Teles, como ele desenvolve seus versos de forma coerente e agradável, oferecendo uma experiência sensível com a poesia goiana.

Figura 56: Slide 55

• **Metalinguagem**

Usando a língua para explicar a língua, no poema e nas siglas, abreviações e acrônimos.
A linguística explica a linguagem humana

• **Sigla**

Qual é a diferença entre sigla e acrônimo?

A **diferença** está na pronúncia: enquanto a **sigla** é pronunciada letra a letra, ou seja, como se estivéssemos a soletrar (normalmente tem muitas consoantes seguidas), do **acrônimo** faz-se uma leitura silábica, tal como se fosse uma palavra normal.

• **Acrônimos**

Significado de **Acrônimo** substantivo masculino Palavra que se forma pela junção das primeiras letras ou das sílabas iniciais de um grupo de palavras, de uma expressão: a ANATEL, Agência Nacional de Telecomunicações, é um **exemplo** de **acrônimo**.

Sugestão de leitura: “Formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa” de Alexandre Antônio Timbane (2014).
Artigo disponível em: <https://revistas.Pucsp.Br/verbum/article/view/18307>

Um fenômeno linguístico interessante encontra-se presente na fala dos indivíduos nascidos no Distrito Federal, que parecem definir padrões linguísticos diversos dos de seus pais, fenômeno que tem se refletido principalmente na constituição de uma pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso corrente em Brasília de uma fala neutra, sem sotaque. (Barbosa, 2002. p. 11).

Fonte: autora, 2020.

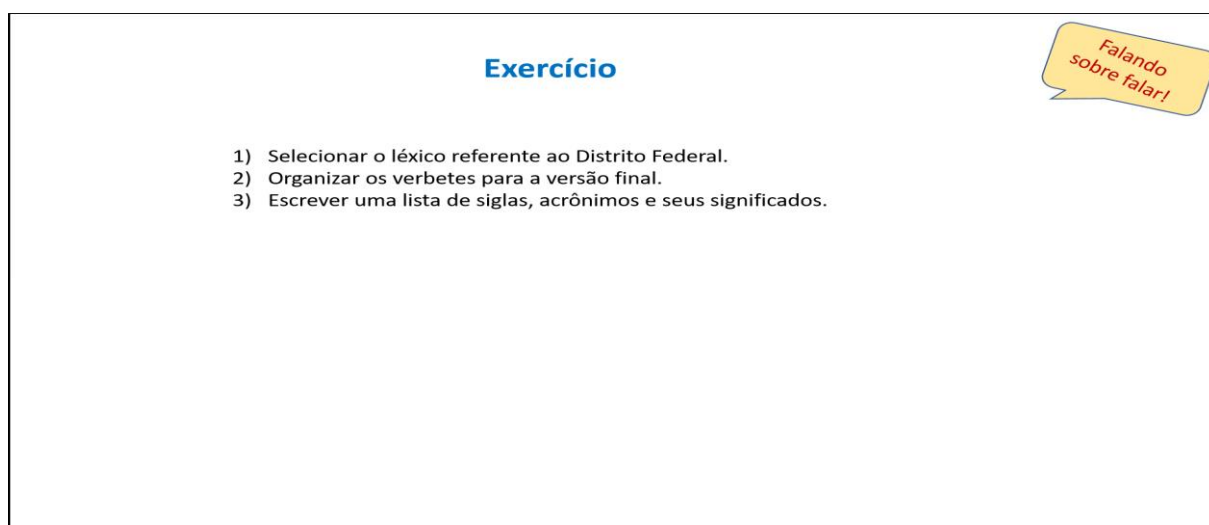
Para essa aula sugerimos que o professor desenvolva os seguintes conteúdos com os alunos: metalinguagem, afinal, nesta sequência usamos a língua para ensinar língua. As siglas, elas são léxico pois carregam sentido dentro da comunidade que são usadas. E os acrônimos, que muitas vezes tem sua origem esquecida pelo uso repetitivo.

O objetivo aqui é retomar as siglas apresentadas durante as aulas, mostrando o quanto essas são recorrentes no Português Brasileiro – PB, a partir de vários outros exemplos circulantes atualmente na sociedade brasileira.

Para o professor entender como é a recorrência de siglas e de acrônimos no PB, sugerimos a leitura do artigo científico “Formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa”, de Alexandre Antônio Timbane (2014), disponível em: <https://revistas.Pucsp.Br/verbum/article/view/1830>. Esse artigo traz os conceitos e definições importantes a respeito dos conteúdos desta parte da aula, traz a história das siglas, um pouco de etimologia, mostra a influência da língua inglesa no PB por meio das siglas, principalmente do campo semântico da informática, apresentando diversos exemplos de siglas que se popularizaram, siglas que são estrangeirismos etc. e que já tomaram o status de palavra da nossa língua, como: AIDS, CD, DNA, HD, UNESCO, entre outras.

Para prosseguir com um exercício de fixação, sugerimos que o professor relembre algumas siglas apresentadas nas aulas anteriores como: DF, GO, BSB, FUNAI, EMBRAPA, JK, GYN, VOLP, UFG, UNB.

Figura 57: Slide 56



Exercício

- 1) Selecionar o léxico referente ao Distrito Federal.
- 2) Organizar os verbetes para a versão final.
- 3) Escrever uma lista de siglas, acrônimos e seus significados.

Falando sobre falar!

Fonte: autora, 2020.

Nesta altura do processo, o professor deve mostrar que a sequência está chegando ao fim, e o exercício do slide 56 será o último, e também merece muita atenção.

Na resposta à primeira questão, os alunos devem organizar a sua seleção lexical para que o professor consiga orientar a versão final do trabalho com os verbetes, que é a segunda fase da atividade. Ao final deve-se arrolar algumas palavras para pensarem sobre as siglas do PB, o professor pede que pesquisem outras siglas comuns na nossa língua, junto com seus significados. Espera-se que eles tragam algumas siglas e acrônimos, como por exemplo:

CEP – Código de Endereçamento Postal
 DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito
 EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações
 FIFA – Federação Internacional das Associações de Futebol
 FUNAI – Fundação Nacional do Índio
 FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular
 IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
 IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
 ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
 IOF – Imposto sobre Operações de Crédito
 INSS – Instituto Nacional de Segurança Social
 IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados
 IR – Imposto de Renda
 ONU – Organização das Nações Unidas
 PIS – Programa de Integração Social
 PASEP - Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
 SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
 SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
 SPC – Serviço de Proteção ao Crédito
 UNESCO – Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas

Depois de corrigir a atividade, o professor compartilha uma reportagem.

Figura 58: Slide 57

20 cidades turísticas de Goiás que você precisa conhecer



Reportagem com alguns locais para visitar em Goiás

Disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/20-cidades-turisticas-de-goias-que-voce-precisa-conhecer>

1. Rio Quente
2. Caldas Novas
3. Pirenópolis
4. Cavalcante
5. São Miguel do Araguaia/ Luiz Alves
6. Aruanã
7. Mineiros
8. Colinas do Sul
9. Formosa
10. Caiapônia
11. Jataí
12. Alto Paraíso de Goiás
13. Trindade
14. Cidade de Goiás
15. São Domingos
16. Mambai
17. Salto de Corumbá
18. Cristalina
19. Piranhas
20. Goiânia

Fonte: autora, 2020.

Para finalizar essa sequência didática, sugerimos que o professor leia junto com os alunos esta reportagem que apresenta vinte cidades goianas que fazem parte dos principais roteiros turísticos do estado.

A reportagem apresenta a cidade, destaca os principais atrativos, e mostra a distância que a mesma está de Goiânia, a capital do estado.

Nesses passeios é possível apreciar as belezas do Cerrado, as cachoeiras, a vegetação, e principalmente conhecer o jeito goiano de viver e conviver com a natureza, além de festividades populares como: a Procissão do Fogaréu, as Cavalhadas e Festa do Divino Pai Eterno.

Sugerimos que o professor assista ao vídeo “Por que Goiás é o melhor estado do Brasil.” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NTeCB10JgLg>.

Nesse vídeo, o youtuber faz a apresentação das cidades mais conhecidas do estado de Goiás, mostrando as peculiaridades, que despertam interesses em tantos visitantes. Esse é um vídeo interessante para despertar nos alunos o interesse em conhecer o estado de Goiás.

Em seguida, para os últimos momentos da aula, professor coloca para tocar a canção “Goianês” de Ellen Lara, que disponibilizamos o link no próximo slide.

Figura 59: Slide 58

Música: Goianês - Composição e interpretação de Elen Lara.

O goiano sabe o que que goiano gosta
Esse é nosso jeito essa é a nossa prosa
“Ow... Mais deixa eu te falar... Vamu vê onde é que isso vai dar?
Trem custoso pra explicar, esse jeitão de falar
Cadê o povo? Só nós? Tá na hora de vazar
Ó que coisa mais bonita... Quanto custa esse trem?
Pode ser que num do conta, moço? Ajuda nós também!
Fio, espia, oia o pizêro rodeia pra não trupicar
Depois tira a água do joeio que é pra não te estrová
Mocoza não se não é paia, sai da latada vai prá lá
Levanta, arriba, arreda o pé, mas vai daqui vai dacolá
Mais moço, falando em arreda o pé..., tem muito tipo de pé heim?
Pé de meia pé de pato pé de pau pé de macaco... Rensga
Mas tem pé demais! Tem pé d'água pé de vento, pé de boi
Fique atento!
Pé na cova pé rapado pé de tode ou de moleque?
Tem pé frio e pé quente. Mais ó... Goiano é fogo sai da frente
Com goiano é assim tem uma marca tem história
E o pé rachado? É famoso... Nesse mundão tem memória
Porque aqui é só o ouro, e o ouro é a nossa gente
Gente que apruma o passo, bate o pé e segue em frente
O goiano sabe o que goiano gosta
Esse é o nosso jeito essa é a nossa prosa.

Letra da música Disponível em:

<https://www.letas.mus.br/elen-lara/goianes/>

Vídeo -áudio disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=P_OuYDp39M8

Fonte: autora, 2020.

Esta música de Elen Lara, cujo nome é Goianês, apresenta muitas palavras e expressões goianas, fazendo referência ao dialeto falado em Goiás. Ao apresentar esta música

aos alunos, o professor oferecerá a oportunidade não só de conhecer as palavras, mas também de ouvir o sotaque.

A maioria das expressões desta música são comuns apenas em contexto goiano, no entanto, a palavra pé usada em algumas das metáforas na música, é comum de todo o Brasil.

Mas, pé de toddy e pé rachado são duas palavras usadas para se referir ao goiano genuíno, típico. Toddy é um achocolatado, e sua cor escura empresta ao dono dos pés sujos, o nome de pé de Toddy, Usa-se a expressão quando os pés estão sujos de terra. E pé rachado é uma característica comum nos pés de quem vive no Cerrado, por causa do clima seco, a pele da parte de trás dos pés sofre algumas rachaduras.

Essa música oferece uma gama de possibilidades de análise do léxico, e principalmente, amplia o vocabulário goiano dos alunos.

A musicalidade e o ritmo também contribuem para o conhecimento da cultura goiana, por isso, outras músicas serão ofertadas, no último slide, como fonte de estudo e pesquisa para estudos posteriores.

Figura 60: Slide 59

Cantando o Goiás

Música e cantor

1. Noites Goianas – Marcelo Barra
2. Rumo à Goiânia – Leandro e Leonardo
3. Goiás é mais – Jorge e Mateus
4. Meu Goiás – Guilherme e Santiago
5. Saudade de Goiás – Belmonte e Amaraí
6. Minas Com Goiás – Day e Lara
7. Terra do Pequi - Israel & Rodolfo
8. Violeiro Feliz de Goiás – Jorge e Mateus
9. De volta a Goiás – Irmãs Freitas
10. Goiás, Minas e Espírito Santo – Rayssa e Ravel

Fonte: autora, 2020.

Para se despedir da classe sugerimos que o professor deixe aos alunos uma lista de músicas goianas. Fizemos esta lista com dez canções que falam sobre o estado de Goiás, caso o professor conheça outras, ele pode acrescentar à lista. Durante seu estudo é natural que conheça outras músicas de Elen Lara, Marcelo Barra, entre outros.

Sugerimos que o professor deixe também outros poemas de Gilberto Mendonça Teles, como: Aldeia Global, Ser Tão Camões, Goiás e Caiporismo. Todos esses são poemas do livro *Sociologia Goiana* (1982).

As músicas e vídeos do YouTube oferecem um vasto vocabulário, o sotaque e as expressões corporais, que também compõem a oralidade do povo goiano.

Espera-se que a cultura goiana seja sentida por meio da música, da poesia e das imagens das cidades e suas belezas, e que o goianês seja compreendido como expressão da cultura de um povo alegre e cheio de orgulho.

Finalização e reflexão

Os dois poemas apresentados nesta aula oferecem muitas possibilidades de trabalho com o aluno de língua estrangeira. O texto, “D.F.” pode ter sua interpretação voltada para o patriotismo, fazendo intertexto com a temática da capital do Brasil, para situar os alunos a respeito das questões geográficas e políticas referentes à Brasília. O texto “Linguagem” pode ser uma ferramenta para desenvolver várias competências citadas no QECR.

Como última aula, sugerimos que o professor busque aprimorar o conhecimento aplicado anteriormente e se volte para a finalização do conteúdo de forma atraente. Uma sugestão para isso envolve a apresentação detalhada da capital do Brasil, abordando questões políticas, geográficas, culturais e, principalmente, linguísticas.

Durante a explanação da aula, o objetivo é que os alunos tenham boas experiências visuais com as imagens do Brasil, localizem o Distrito Federal, percebam a arquitetura presente na cidade planejada, e comparem a cidade com outras capitais, como a capital do Estado de Goiás, notando os pontos que foram destacados pelo texto.

A partir dessa aula, espera-se que os alunos entendam como é formada a identidade dos goianos e como eles se sentem em relação à Brasília. E como é formada a identidade do brasileiro e como é seu comportamento linguístico.

O professor finalizará o conteúdo mostrando que o que aprenderam nessas aulas é só uma parte do que pode ser visto em Goiás, que este é um Estado rico em literatura, em paisagens que aguçam a imaginação dos poetas, que tem uma música própria e robusta, configurada especialmente nos estilos modão e sertanejo.

O professor poderá projetar imagens dos principais pontos turísticos do Estado de Goiás, questionar os alunos a respeito do nome do local, contar um pouco da história, nome, localização e alguma peculiaridade sobre as imagens. Podem ser cachoeiras, cidades históricas,

parques e praças, monumentos históricos, festas tradicionais, parques naturais, águas termais. Coisas que podem ser visitadas nos municípios, além da capital de Goiás.

Para estudos posteriores, preparamos uma lista com algumas músicas que falam sobre Goiás, para oferecer aos alunos mais material sobre a cultura goiana, e também outros poemas de Teles, para que possam continuar desfrutando da poesia goiana.

Esta etapa final da sequência didática será também aquela em que os alunos terão a oportunidade de sanar potenciais dúvidas.

No final da aula, o professor auxiliará na produção do texto final da sequência didática. Este texto deve ter entre quinze e vinte verbetes, deve envolver o conteúdo estudado nas aulas anteriores.

A última aula que compõe a nossa sequência didática será o momento de verificar os resultados, avaliando os pontos positivos e os negativos do trabalho desenvolvido. Nesse dia, o principal objetivo é consolidar o vocabulário aprendido, dar orientações para estudos futuros, sanar possíveis dúvidas quanto ao português brasileiro falado no estado de Goiás, e fomentar o desejo de conhecer e aprender mais sobre o Brasil.

Ao final desse período, espera-se que os alunos estejam confiantes nas suas produções escritas em português brasileiro, que se sintam preparados para interagir por meio da língua. O texto final será uma maneira de verificar o aproveitamento e servirá para a avaliação do conteúdo estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação resulta de atividades relativas ao grupo de pesquisas "Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo" (CNPq), e decorre de discussões promovidas ao longo do desenvolvimento do subprojeto "O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguístico" (REDE/Itália CNPq: Edital Universal/2014-2017, Processo 460859/2014-5). O projeto REDE/Itália envolve universidades italianas (Unich, Unisalento, Roma Tre, UniPi) e brasileiras (UFG/UEG/UnB/UFGM), e prevê ações conjuntas de cooperação, pesquisa, ensino, extensão e publicação. No REDE/Itália, os resultados de pesquisas descritivistas são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e língua de herança no contexto universitário italiano.

O projeto REDE/Itália enfoca o Português contemporâneo falado no Brasil, reconhecendo-o como um exemplar da efervescência do português brasileiro (PB) como língua de interação global. Estão em evidência a língua e a cultura brasileiras visíveis na fala e na escrita, vernácula, midiática e literária. O REDE/Itália encontra-se já na sua segunda fase (2018/2021) para a qual são propostas investigações de fenômenos gramaticais e socioculturais cujas descrição e análise foram suscitadas importantes, conforme pesquisas diagnósticas desenvolvidas na 1ª fase, para subsidiar o processo de ensino e aprendizagem do PB como língua estrangeira naquele país.

Desse modo, esta dissertação se apresenta como uma proposta de ensino de português brasileiro para falantes estrangeiros, estudantes universitários em contexto italiano, e está inserida no Projeto REDE/Itália. Tem como objetivo o ensino do léxico refletido na língua e na cultura goiana por meio de poemas do autor goiano, Gilberto Mendonça Teles.

A metodologia selecionada foi o estudo em sequência didática com viés funcionalista, embasada nos trabalhos de Zabala (1998), Casseb-Galvão (2011, 2014), Duarte (2015) e Casseb-Galvão e Duarte (2018), os quais orientam a pesquisa e fundamentam as definições apresentadas.

O intuito da nossa sequência didática é propor uma metodologia estruturada de ensino de língua estrangeira, buscando o ensino organizado para além do livro didático, visando um conhecimento amplo da língua e da cultura brasileira.

A sequência didática é uma metodologia dialógica, na qual o professor é mediador do conhecimento, e possibilita ao aluno que se perceba como protagonista do seu aprendizado. Para isso, é interessante dar relevância ao diálogo em sala de aula, à contextualização dos

conteúdos, à importância de se conhecerem os objetivos propostos para cada aula, à pertinência de se estudar uma língua por meio dos usos reais, e à eficácia do ensino por meio de textos.

A sequência didática que propomos tem esses objetivos, leva em consideração o conhecimento do aluno, apresenta novos conteúdos de maneira ordenada e dialógica, é flexível e dinâmica, foi construída respeitando os saberes de professores e alunos, e incentivando-os a irem além do conhecimento já adquirido. Ela proporciona a interação entre aqueles que se dispuseram a estudar uma nova língua, trazendo as etapas bem definidas, com objetivos específicos estabelecidos para cada aula, propondo atividades organizadas e sequenciais.

Trata-se de uma metodologia que vai ao encontro das necessidades do ensino de línguas, visto que trabalha com leitura e produção textual. A sequência didática que apresentamos se propôs a ensinar português brasileiro para falantes de italiano, mas nós acreditamos que esta sequência pode ser aplicada para falantes de qualquer língua.

Essa sequência didática priorizou o português brasileiro falado em Goiás. Os alunos foram apresentados ao léxico do dialeto goiano encontrado nos poemas de Gilberto Mendonça Teles, com o objetivo de aumentar o vocabulário e ao final construir verbetes relativos aos lexemas aprendidos. Nossos estudos mostram que Goiás foi explorado geo-político-cultural e historicamente, mostram que é possível congrega descrição linguística e ensino, e que GMT pode constituir fonte para pesquisas lexicológicas e para ensino de leitura crítica de texto literário.

Reforçamos que para a aplicação dessa sequência didática, assim, como qualquer outra metodologia de ensino, é necessário trabalho, dedicação e esforços mútuos para se alcançar todos os objetivos possíveis, ou seja, a metodologia por si só, mesmo que bem estruturada e bem embasada não é prerrogativa para o êxito. Sabe-se que esta sequência didática ainda pode receber contribuições e assim se espera, visto que ainda será aplicada aos alunos e reformulada de acordo com as necessidades observadas.

Por fim, esta dissertação poderá ser fonte de pesquisa, incentivar novos estudos na área, oferecendo um norte para o estudo de temas como: sequência didática, trabalhos com gêneros textuais, e ensino de língua e cultura estrangeira. Professores podem utilizá-la para conduzir seu trabalho de maneira mais dinâmica e contribuir com o aprendizado dos alunos.

REFERÊNCIAS

Academia Goiana de Letras. Disponível em: <http://www.academiagoianadeletras.org.br/membros/>> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

ANTUNES, Irandé. *Território das Palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo- SP: Parábola Editorial, 2012

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. *O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira*. Filol. linguíst. port., n. 10-11, p. 31-41, 2008/2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/issue/view/4917>> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

BARROS, Déborah Magalhães de. De ROSA, Gian Luigi. Casseb-Galvão, Vânia Cristina. *Português em contexto italiano: história, instrumentalização, análise e promoção*. Cidade de Goiás-GO: Editora UEG, 2019. Disponível em: <http://www.editora.ueg.br/referencia/11118>> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira*. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Brasília: DP&A, 2000.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSATTO, Luiz. *Os melhores poemas: Gilberto Mendonça Teles* - Seleção de Luiz Busatto. 2 ed. São Paulo: Global, 1993. Capítulo: Saciologia Goiana. p. 87- 107.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *A gramática a serviço dos gêneros*. (UFG/CNPq). In: Anais do SIELP. Volume 1. Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 868-877.

_____. *Uma Proposta para a promoção do português brasileiro em contexto europeu não lusófono: aspectos didáticos, políticos, econômicos, sociais e linguísticos*. Signótica Ed. Especial. jan./jul. Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. 2014. p. 145-160.

CASSEB-GALVÃO, V. C. e NEVES, M. H. N. *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola. 2017.

CASSEB-GALVÃO, V. C e DUARTE, Milcinele da Conceição. *Artigo de opinião: sequência didática funcionalista*. São Paulo: Parábola. 2018.

CEZÁRIO, Maria Maura. OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *PCN à luz do funcionalismo lingüístico*. Linguagem & Ensino, v.10, n.1, p.87-108, jan./jun.2007.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. *Linguística funcional centrada no uso e ensino de português*. Gragoatá. Niterói, n. 36, p. 80-104, 1. sem. 2014.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Cap. 1: Linguística funcional e ensino de gramática. P. 12-58. Natal-RN ADUFRN. 2016.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. (Org.). *Gêneros orais e escrito na escola*. Campinas- SP: Mercado das Letras, 2004.

DUARTE, Milcinele da Conceição. *Uma proposta de sequência didática funcionalista*. Tese de doutorado. Programa de Pós – Graduação em Letras Linguística. Universidade Federal de Goiás, 2015.

DUARTE, Milcinele da Conceição; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *Funcionalismo e ensino: bases teórico-metodológicas para uma sequência didática*. Temporis(ação), v.14, n.1, p. 69 - 91, jan./jun. 2014.

Estação Capixaba. Biografia- Luiz Busatto. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2015/11/noticia-bio-bibliografica-de-luiz.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

FERNANDES, Danielle Fardin. *O poeta-saci, camongo, o sertão e o folclore brasileiro no livro hora aberta, de Gilberto Mendonça Teles*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2012.

GONÇALVES, Adair Vieira. FERRAZ, Mariolinda Rosa Romera. *Sequências Didáticas como instrumento potencial da formação docente reflexiva*. Revista D.E.L.T.A., 32.1, 2016. p. 119-141.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Análise do léxico na perspectiva funcionalista*. In: ALVES, Ieda Maria (org.) Os estudos lexicais em diferentes perspectivas. Vol. II. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009. p. 96-106.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. Elaboração de material didático para o ensino de francês. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A.P; MACHADO, A. R. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 81-94.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A.P; MACHADO, A. R. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. Contexto, 2015. Capítulo: Funcionalismo. p. 174.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa revista de Linguística. Vol. 38. São Paulo: 1994. p. 109- 127.

_____. Gramática: História, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora Unesp. 2016.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística IN: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. 5 ed. São Paulo: Cortez. 2011. p. 165-217.

QUADRO COMUM EUROPEU DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS: aprendizagem, ensino, avaliação. Coleção Perspectivas Actuais: educação. Lisboa-Portugal: Asa Edições. 2001.

RAUBER , André Luiz. *Interdisciplinaridade e princípios funcionalistas no ensino de língua portuguesa: um estudo de caso*. Programa de Pós – Graduação em Letras Linguística. Universidade Federal de Goiás, 2005.

SILVA, Ananias Agostinho da; TORRES, Maria Gorete Paulo. As sequências didáticas no ensino de produção de textos escritos: concepções de egressos do curso de letra. *Revista Memento- Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR*. V. 2, n. 2, ago.-dez. 2011. P. 43-53

SOUZA, Rosemary Ferreira de. *Poesia e crítica: trilogia poética de Gilberto Mendonça Teles*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. *Sociologia Goiana*. Goiânia: CERNE, 1982.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. (Tradução) Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.